



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**A IDENTIDADE DA DIREITA BOLSONARISTA EM NARRATIVAS DE SEUS
MILITANTES**

Renan Silva de Sousa

João Pessoa – PB
2021

RENAN SILVA DE SOUSA

**A IDENTIDADE DA DIREITA BOLSONARISTA EM NARRATIVAS DE SEUS
MILITANTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. Leoncio Francisco Camino Rodriguez Larrain, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. Leoncio Francisco Camino Rodriguez Larrain

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S725i Sousa, Renan Silva de.

A identidade da direita bolsonarista em narrativas de seus militantes / Renan Silva de Sousa. - João Pessoa, 2021.

134 f.

Orientação: Leoncio Francisco Camino Rodriguez Larrain.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Comportamento social. 2. Política - direita. 3. Identidade. I. Larrain, Leoncio Francisco Camino Rodriguez. II. Título.

UFPB/BC

CDU 316.62:32

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Renan Silva de Sousa

Título: A Identidade da Direita Bolsonarista em Narrativas de seus Militantes

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social, sob a orientação do Prof. Dr. Leoncio Francisco Camino Rodriguez Larrain, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social.

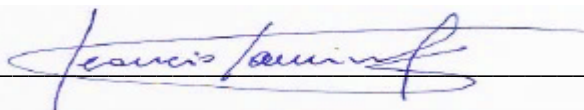
Aprovado em: 22/03/20201

Banca Examinadora

Prof. Dr. Leoncio Francisco Camino Rodriguez Larrain (Orientador)

Instituição: UFPB

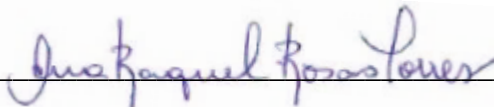
Assinatura: _____



Prof^a. Dr^a. Ana Raquel Rosas Torres (Examinador Interno)

Instituição: UFPB

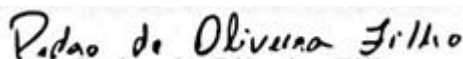
Assinatura: _____



Prof. Dr. Pedro de Oliveira Filho (Examinador Externo)

Instituição: UFCG

Assinatura: _____



“Um sujeito político só surgiu quando os mineiros deixaram de ser mineiros,
os tecelões deixaram de ser tecelões e se viram como um nome genérico,
a saber, ‘proletários’, a descrição de quem é totalmente despossuído,
de quem é ninguém.”

Vladimir Safatle

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente ao professor Leoncio Francisco Camino Rodriguez Larrain, meu orientador, por ter me acolhido no programa como seu orientando e por ter caminhado comigo durante esse percurso. Agradeço por cada palavra transmitida, por cada troca e por todo o conhecimento disponível para mim nessa jornada. Também agradeço por cada encontro afetuoso de cuidado e respeito que teve comigo e que me fez um acadêmico melhor.

Agradeço ao professor Pedro de Oliveira Filho, por ser a minha inspiração enquanto professor e pesquisador, agradeço por ter despertado em mim o interesse pela pesquisa e por ter transformado minha vida desde o primeiro dia de iniciação científica. Agradeço pelo abrigo durante a graduação e pela relação de amizade e respeito que construímos durante todos esses anos. Agradeço pelas cuidadosas colaborações e assertivas dadas ao meu trabalho durante o exame de qualificação, como também a disponibilidade durante todo o percurso, e por ter aceitado, novamente, avaliar o trabalho.

Agradeço à professora Ana Raquel Rosas Torres, pelas cuidadosas colaborações e assertivas dadas ao meu trabalho durante o exame de qualificação e por ter aceitado, novamente, ser avaliadora.

Agradeço a todos os companheiros de mestrado por todas as trocas de conhecimento, por todo apoio e companheirismo desenvolvidos nesses anos.

Agradeço a todos os professores que passaram por minha vida e colaboraram de alguma forma para que eu pudesse estar aqui, em especial, aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, por todos os ensinamentos transmitidos nos últimos anos.

Agradeço aos amigos Aleff Silva Aleixo e Viviane Alves dos Santos Bezerra, por todos os momentos juntos, desde a seleção até a defesa. Agradeço por não me desampararem e por

permitirem a possibilidade de construirmos juntos uma relação ímpar, de cuidado, afeto, responsabilidade e companheirismo.

Agradeço à minha mãe, por ser meu porto seguro, minha sustentação e força em todos os momentos da minha vida. Agradeço por acreditar em mim e por me possibilitar adentrar em espaços que foram muito distantes às pessoas da nossa família.

Agradeço aos meus irmãos e sobrinhos por ser parte da minha existência, por acompanhar o processo e me fortalecer com cuidado, amparo e amor.

Agradeço à minha companheira por todo amor e paciência, agradeço por entender a carga e por torná-la mais leve. Também agradeço por todas as trocas de conhecimento, por me fazer um homem melhor e por transformar o meu ser todos os dias.

Agradeço a CAPES, pela concessão da bolsa durante o período de desenvolvimento da dissertação.

Agradeço, por fim, a Deus por ser minha base, por toda a saúde em dias tão difíceis que estamos vivendo. Agradeço por ser a fundação na construção do meu ser. Também agradeço à Nossa Senhora por ter me protegido e intercedido por mim em todos os momentos da minha vida.

A todos, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Nos últimos anos o cenário político brasileiro vem passando por grandes transformações. A crise econômica mundial, o surgimento da ultradireita no mundo e a insurgência de junho de 2013, tiveram um papel central na aparição de uma nova direita que se consolidou em 2018 com a vitória de Jair Messias Bolsonaro para a presidência da república. O discurso dessa nova direita tem sido retoricamente eficaz na produção de subjetividades ajustadas ao pensamento de ultradireita no Brasil e no mundo. Com uma pluralidade de formas discursivas, contradições, facetas e dubiedades, a direita, e mais precisamente, o bolsonarismo, se constituiu como essa força política tão complexa, potente e disruptiva. Indicando a necessidade de se pensar esse movimento de política extrema de forma mais aprofundada. Desse modo, o objetivo desse estudo é investigar as narrativas de militantes bolsonaristas procurando compreender como constroem uma identidade para o bolsonarismo e para si mesmos como militantes do bolsonarismo. Mais especificamente, identifica e analisa argumentos mobilizados por militantes bolsonaristas para justificar a adesão ao movimento bolsonarista, argumentos esses que descrevem um conjunto de traços que definem a identidade desse movimento de ultradireita para seus militantes; analisa o impacto da identificação com o bolsonarismo nas trajetórias de vida narradas por esses militantes; identifica e analisa os recursos retóricos utilizados para dar verossimilhança às suas narrativas e argumentos. Para isso, conduzimos dois estudos com abordagem qualitativa utilizando a análise do discurso. No primeiro estudo buscamos descrever os argumentos mobilizados por militantes bolsonaristas para defender a sua adesão e o seu posicionamento político dando atenção especial aos processos retóricos utilizados por eles, com isso identificamos uma série de contradições e especificidades que dão as bases para essa identificação coletiva. No segundo estudo, nos debruçamos sobre a construção identitária desses militantes quando reconstruam narrativamente sua trajetória dentro do movimento, analisando as mudanças no modo como se definem. A análise de dados teve como perspectiva teórico-metodológica a Psicologia Social Discursiva, que compreende o discurso/linguagem como uma ferramenta capaz de produzir, por meio de diferentes ações, a realidade social em que vivemos, seus grupos, identidades, etc. Concluiu-se que os militantes, ao falarem da sua adesão ao bolsonarismo indicam seis categorias como fundamentais: defesa da liberdade, transparência e simplicidade, combate ao crime, mudança e ruptura, nacionalismo e patriotismo e a defesa da moralidade cristã. Além disso, a construção dos argumentos/pensamentos dos militantes está sujeita a uma série de temas contrários e dilemas ideológicos que são explorados durante a análise, mostrando o caráter multideterminado em que as identidades desses grupos são formuladas. Os militantes ao narrarem sua inserção no bolsonarismo relatam um conjunto de fatores que colaboraram para a construção identitária, como também narram através da construção de identidades individuais as consequências de tornar-se um militante. Esses e outros resultados ajudam-nos a compreender a formação subjetiva desses militantes lançando um olhar crítico sobre um grupo extremista, que mesmo com todas as contradições próprias da formação discursiva do pensamento, tende a buscar validade e legitimidade quando falam usando estratégias retóricas para tornar o seu relato factual, racional e distante da passionalidade característica de um grupo radical. No entanto, devido à complexidade do movimento e da sua constante transformação, indica-se novos estudos mais confrontativos a fim de compreender essas estratégias discursivas em outros contextos.

Palavras-chave: discurso, direita política, identidade.

ABSTRACT

In recent years, the Brazilian political scene has been undergoing great transformations. The global economic crisis, the emergence of the ultra-right in the world and the insurgency of June 2013, played a central role in the appearance of a new right that was consolidated in 2018 with the victory of Jair Messias Bolsonaro for the presidency of the republic. The discourse of this new right has been rhetorically effective in the production of subjectivities adjusted to ultra-right thinking in Brazil and in the world. With a plurality of discursive forms, contradictions, facets and doubts, the right, and more precisely, Bolsonarism, constitutes itself as such a complex, powerful and disruptive political force. Indicating the need to think about this extreme political movement in more depth. Thus, the purpose of this study is to investigate the narratives of militant Bolsonarists seeking to understand how they build an identity for Bolsonarism and for themselves as militants of Bolsonarism. More specifically, it identifies and analyzes arguments mobilized by Bolsonarist militants to justify joining the Bolsonarist movement, arguments that describe a set of traits that define the identity of this ultra-right movement for its militants; analyzes the impact of identification with Bolsonarism on the life trajectories narrated by these militants; identifies and analyzes the rhetorical resources used to give verisimilitude to their narratives and arguments. For this, we conducted two studies with a qualitative approach using discourse analysis. In the first study, we sought to describe the arguments mobilized by Bolsonarist militants to defend their adherence and their political positioning, paying special attention to the rhetorical processes used by them, thereby identifying a series of contradictions and specificities that give the basis for this collective identification. In the second study, we look at the identity construction of these militants when they narratively reconstruct their trajectory within the movement, analyzing the changes in the way they define themselves. The analysis of data had the Discursive Social Psychology as a theoretical and methodological perspective, which understands discourse / language as a tool capable of producing, through different actions, the social reality in which we live, its groups, identities, etc. It was concluded that the militants, when speaking of their adherence to bolsonarismo, indicate six categories as fundamental: defense of freedom, transparency and simplicity, fight against crime, change and rupture, nationalism and patriotism and the defense of Christian morality. In addition, the construction of the militants' arguments / thoughts is subject to a series of opposing themes and ideological dilemmas that are explored during the analysis, showing the multidetermined character in which the identities of these groups are formulated. The militants when narrating their insertion in bolsonarismo report a set of factors that collaborated for the construction of identity, as well as narrating through the construction of individual identities the consequences of becoming a militant. These and other results help us to understand the subjective formation of these militants, casting a critical eye on an extremist group, which, despite all the contradictions inherent in the discursive formation of thought, tends to seek validity and legitimacy when they speak using rhetorical strategies to make the his factual, rational and distant account of the passionality characteristic of a radical group. However, due to the complexity of the movement and its constant transformation, new more confrontational studies are recommended in order to understand these discursive strategies in other contexts.

Keywords: speech, political right, identity.

LISTA DE SIGLAS

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

DEM – Democratas

ESAO – Escola Superior de Aperfeiçoamento dos Oficiais

FIEP – Federação das Indústrias do Estado da Paraíba

MBL – Movimento Brasil Livre

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem Teto

OSPB – Organização Social e Política do Brasil

PDC – Partido Democrata Cristão

PDS – Partido Democrático Social

PFL – Partido da Frente Liberal

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PP – Partido Progressista

PPR – Partido Progressista Reformador

PRB – Partido Republicano Brasileiro

PSC – Partido Social Cristão

PSDB – Partido Social Democrata

PSL – Partido Social Liberal

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

PT – Partido dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – DISCURSO E IDENTIDADE – INTRODUÇÃO AOS FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	16
1.1 Discurso como ação e construção social da realidade	17
1.2 Argumentação e Dilemas Ideológicos	19
1.3 Identidade.....	21
CAPÍTULO II – A INSURGÊNCIA DA ULTRA DIREITA BRASILEIRA	27
2.1 A inauguração de uma nova direita	28
2.2 A consolidação da extrema direita brasileira: o bolsonarismo	35
CAPÍTULO III - MÉTODO	50
3.1 Participantes, instrumento e procedimentos	51
3.2 Análise dos dados	53
3.3 Preceitos éticos	53
CAPÍTULO IV – ARGUMENTOS EM DEFESA DA ADESÃO AO BOLSONARISMO	54
4.1 Defesa da liberdade	55
4.2 Transparência e simplicidade	59
4.3 Combate ao crime e à corrupção	63
4.4 Mudança e ruptura	65
4.5 Moralidade cristã	67
4.6 Patriotismo.....	71
4.7 Dilemas ideológicos do bolsonarismo	72
CAPÍTULO V – IDENTIDADE, REDE DE MUDANÇA E FLUXO DE MUDANÇA...77	77
5.1 Introdução aos conceitos: Rede de mudança e fluxo de mudança.....	78
5.2 O processo de mudança da militância bolsonarista	81
5.3 Consequências de tornar-se um militante	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS	117
APÊNDICES	130
Apêndice A- Questionário Sociodemográfico	131
Apêndice B – Questão Disparadora.....	133
Apêndice C – Termo de Consentimento.....	134

Os últimos anos da ditadura instalada em 1964, marcados pela crise econômica e pelo empobrecimento da população, produziram como consequência o afastamento de partidos e políticos, tradicionalmente alinhados com a direita, de símbolos que os associassem a essa corrente política. A direita, no Brasil, após o fim da ditadura militar instalada em 1964, tornou-se uma “direita envergonhada” (Madeira & Tarouco, 2011).

Mas nos últimos anos, o cenário político brasileiro vem passando por grandes transformações. A irrupção popular nas manifestações de junho de 2013 teve um papel central na insurgência de uma “nova direita”. Uma direita sem vergonha de dizer seu próprio nome foi às ruas e assumiu para si o protagonismo político após o esgotamento propositivo dos governos de esquerda (Brugnago & Chaia, 2015).

De acordo com Safatle (2017), junho de 2013 foi o mais importante conjunto de revoltas populares na história recente do Brasil, não por aquilo que eles construíram enquanto movimento de transformação, mas por toda estrutura política que eles vieram a questionar.

Isso ocorreu por diversos fatores, um deles foi o esvaziamento propositivo das esquerdas que governaram o país durante 14 anos e por uma “troca de guarda” da direita nacional. Tradicionalmente durante a Nova República o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Social Democrata Brasileiro (PSDB) dominaram o cenário político e aglutinaram forças políticas opostas em torno de si (Santos & Tanscheit, 2019).

Quadros e Madeira (2018) observam um crescimento nas últimas décadas de um discurso abertamente de direita nos plenários da câmara, as bancadas do boi, da bala e da bíblia dão representatividade parlamentar a essa direita que não se envergonha de ser chamada de direita e que saiu às ruas nos últimos anos.

Esse quadro político é claramente uma novidade na dinâmica política brasileira, atores sociais que não participavam efetivamente da cena política se organizam nas redes e nas ruas e reivindicavam uma série de pautas de cunho conservador e autoritário. Essa aglutinação das

diferentes direitas que culminou na eleição de Jair Messias Bolsonaro para presidente é um fenômeno importante para a compreensão dos rumos que tomou a política nacional (Messenberg, 2019).

As eleições de 2018 anunciaram um novo horizonte político. A “troca de guarda” da direita brasileira se concretizou quando o PSDB foi derrotado de maneira humilhante nas eleições e Bolsonaro e o Partido Social Liberal (PSL) alcançaram votações expressivas em todos os estados da federação. Essa ascensão do bolsonarismo, movimento de ultradireita, provocou e está provocando uma readequação dos partidos políticos e da sociedade brasileira em geral (Santos & Tanscheit, 2019).

Jair Messias Bolsonaro, ex-capitão do exército brasileiro e parlamentar por mais de 29 anos, fez carreira política no estado do Rio de Janeiro onde conseguiu votações expressivas. Suas pautas eram direcionadas para um nicho específico, ganhou a simpatia dos quartéis do exército e da polícia militar, tornando-se o representante desses grupos na câmara dos deputados. Entretanto, com o fim do ciclo do governo petista e com a crescente ascensão da direita nas ruas e na internet, o até então deputado recebeu uma visibilidade inimaginável (Dieguez, 2016).

Representante do baixo clero e do centrão político, Jair Bolsonaro foi um dos poucos políticos a entender a insatisfação social de 2013 e articulou em torno de si elementos valorizados pela direita e por parte da população até ser eleito presidente da república em 2018.

Com isso, a fração mais radical da direita nacional chegou ao poder. O bolsonarismo, "animal artificial em formação" (Lessa, 2020, p. 54), ataca as instituições, ameaça os inimigos políticos de eliminação física, ataca agressivamente minorias sociais e defende, sem pudor algum, regimes ditatoriais (Lessa, 2020; Reis, 2020; Solano & Rocha, 2020).

Essa violência discursiva pode ser interpretada como carência de pensamento e de argumentação nas produções discursivas de bolsonaristas em defesa de sua posição política e

na construção de sua identidade. Lessa (2020) sustenta essa interpretação quando, descrevendo o homem típico do movimento bolsonarista, afirma que nele a palavra não é um momento de reflexão, mas uma preliminar para a ação. Não se deve negar que em alguns contextos as performances discursivas de bolsonaristas e de outros grupos extremistas podem soar desprovidas de reflexividade, desprovidas de argumentação e racionalidade, este estudo sustenta que essas performances não soam assim em todos os contextos. Estudiosos como Billig et al. (1988), Billig (1991), Potter e Wetherell (1987) e Wetherell e Potter (1992) afirmam, baseados em farta pesquisa empírica, que as pessoas não levam as mesmas atitudes, identidades e performances discursivas para todos os contextos, essas entidades psicossociais variam de acordo com o contexto em que elas se apresentam. As crenças do bolsonarismo ou de qualquer outro movimento extremista, como alerta Billig (1991), não devem ser vistas como um reflexo de uma personalidade paranoica, mas, por mais estranhas que possam parecer, devem ser entendidas dentro do seu contexto argumentativo.

Este estudo investiga narrativas de militantes bolsonaristas procurando compreender como constroem uma identidade para o bolsonarismo e para si mesmos como militantes do bolsonarismo. Mais especificamente, identifica e analisa argumentos mobilizados por militantes bolsonaristas para justificar a adesão ao movimento bolsonarista, argumentos esses que descrevem um conjunto de traços que definem a identidade desse movimento de ultradireita para seus militantes; analisa o impacto da identificação com o bolsonarismo nas trajetórias de vida narradas por esses militantes; identifica e analisa os recursos retóricos utilizados para dar verossimilhança às suas narrativas e argumentos.

A análise dos relatos dos militantes foi orientada pelo método de análise de discurso desenvolvido pelos teóricos da psicologia social discursiva (Antaki & Widdicombe, 2008; Billig, 2008; Billig et al., 1988; Billig, 1991; Potter, 1998; Potter & Wetherell, 1987; Stokoe, 2015; Wetherell & Potter, 1992; Wetherell, 2008), método que coloca em foco em suas análises

os diferentes tipos de ação, estratégias retóricas e variabilidade que constituem as produções discursivas, além de ressaltar a funcionalidade dos textos mobilizados na vida social, os efeitos das formulações discursivas na produção e reprodução de grupos, identidades e da vida em sociedade.

Destarte, ressaltando o caráter discursivo da produção das identidades, este estudo compreende a identidade como um meta-conceito que faz sentido tanto individualmente quanto coletivamente. A identidade envolve critérios de semelhança e diferença, e é constituída classificando coisas e pessoas por meio de categorias. Se localiza na prática das pessoas e é algo que os indivíduos fazem de maneira reflexiva, as pessoas constroem o mundo a medida em que são construídas por ele. Ou seja, é um processo de construção social, processo em que indivíduos e grupos formulam identidades e, como seres capazes de reflexividade, criam e transformam a si mesmos e ao mundo de modo simultâneo e dialético (Jenkins, 2004).

Este estudo está dividido em cinco capítulos. O primeiro capítulo busca realizar uma breve introdução ao quadro teórico que norteia o estudo. O segundo capítulo contextualiza o leitor e o insere na conjuntura brasileira dos últimos anos, dando especial atenção a ascensão da ultradireita.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia utilizada para alcançar os objetivos da pesquisa. O quarto capítulo identifica e analisa os argumentos mobilizados por militantes bolsonaristas para defender o seu posicionamento político.

Por fim, no quinto capítulo, o estudo analisa o processo de adesão ao bolsonarismo e as mudanças no modo como se definem que teriam ocorrido a partir desse processo.

**CAPÍTULO I – DISCURSO E IDENTIDADE – INTRODUÇÃO AOS
FUNDAMENTOS TEÓRICOS**

1.1 Discurso como ação e construção social da realidade

Este estudo foi guiado metodologicamente e teoricamente pela Psicologia Social Discursiva (Billig, 2008, 1991; Potter & Wetherell, 1987; Potter, Wetherell, Gill & Edwards, 1990; Potter, 1998), perspectiva desenvolvida nos últimos 30 anos na Psicologia Social que ressalta a funcionalidade dos textos mobilizados na vida social, os efeitos das formulações discursivas na produção e reprodução de grupos, identidades e da vida social.

De acordo com Potter (1998) o mundo não está categorizado previamente por Deus ou pela Natureza, mas se constitui na medida em que, de uma maneira ou de outra, nós falamos, escrevemos e discutimos sobre ele. A Psicologia Discursiva mantém um foco central no discurso como uma ferramenta capaz de produzir ações. Essas ações podem ser discretas, como convites e queixas, ou podem ser sofisticadas, como por exemplo, usar perguntas para dar conselhos “centrados na pessoa” (Potter, 2012).

Oliveira Filho (2013) ressalta que os nossos discursos sobre objetos são manufaturados de recursos linguísticos e que, diante da existência de variados recursos linguísticos, nossas descrições sobre os objetos do mundo envolvem escolhas, formas específicas de descrevê-los. Assim, “falar sobre objetos do mundo não é simplesmente descrever a natureza do mundo ou reagir a ele, é construir um mundo, na medida em que nossas descrições ou versões têm efeitos concretos na vida social” (p. 477).

O discurso é situado, ou seja, contextualizado. Esse ponto é fundamental dentro da pesquisa psicológica discursiva porque envolve a questão da variabilidade discursiva, a inconsistência, a contradição, que caracteriza a produção de discursos de atores individuais e coletivos. A variabilidade discursiva ocorre porque a linguagem é usada para realizar diferentes ações, e, ao fazer isso, produz inconsistências (Potter & Wetherell, 1987) e ocorre também

porque as pessoas são atravessadas pelos dilemas do senso comum, pelos valores em conflito no interior da sociedade (Billig, 1991).

A Psicologia Social Discursiva despende também uma atenção especial ao carácter retórico do discurso, com especial interesse para os mecanismos de produção de facticidade. Assim, analisa o modo como as construções discursivas são formadas e estabilizadas, como elas são construídas para parecerem neutras, objetivas e independentes de quem fala (Potter, 2012).

Potter (1998) argumenta que apelar para os fatos e para o que realmente aconteceu pode ser um mecanismo retórico de produção de facticidade poderoso, desde questões mais científicas ou desde conflitos domésticos do dia a dia passando pelos interesses ideológicos da elaboração de determinadas versões sobre questões de economia, esse tipo de mecanismo está presente em um número variado de contextos. Essas descrições factuais estão intrinsecamente ligadas ao modo como as pessoas descrevem o mundo. Os fatos são a moeda comum que circula na medicina, no ensino, na engenharia e na polícia e, de maneira um tanto quanto irônica, a ficção também necessita de descrições factuais, já que, em muitos casos, a ficção deseja conduzir o auditório e construir personagens que sejam críveis aos olhos do público que consome determinada trama.

Nesse sentido, a análise de discurso visa responder algumas questões sobre a relação entre discurso e facticidade: Como se produz uma descrição factual? Como fazer com que determinado argumento apareça como neutro, sólido e independente de quem fala, sendo mostrado como um mero reflexo de algum aspecto do mundo em que vivemos? Como podemos desacreditar uma descrição factual? E como fazer para que uma descrição seja difícil de ser desacreditada? (Potter, 1998).

Essas e outras questões são importantes na medida em que os sujeitos visam a persuasão quando argumentam. No estudo proposto aqui, uma atenção especial é despendida aos recursos utilizados pelos militantes para apresentarem suas narrativas e argumentos como factuais e não como produtos do erro e da ilusão.

1.2 Argumentação e Dilemas Ideológicos

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) todo o edifício de quem argumenta se dá dentro de um fundamento de ordem psicológica, a adesão dos ouvintes. Nesse sentido, “toda argumentação visa a adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe a existência de um contrato intelectual” (Perelman & Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 16). Este estudo compreende a argumentação como um ato de deliberação sobre algo ou alguém que visa a adesão do auditório.

Diferente da demonstração de um fato incontestável e sem margem para discussão, a argumentação visa trabalhar dentro do campo das possibilidades de um dado buscando a adesão dos interlocutores a respeito desse ou daquele argumento. Nesse sentido, mesmo que haja um acordo sobre um determinado dado da realidade, na argumentação ele é percebido como provisório, parcial e passível de discussão (Perelman & Olbrechts-Tyteca, 2005).

Assim, a argumentação nos obriga, não apenas a levar em consideração a seleção dos dados, mas também a entender o modo como eles são interpretados, ou seja, como atribuímos e escolhemos o seu significado. “É na medida em que ela constitui uma escolha, consciente ou inconsciente, entre vários modos de significação, que a interpretação pode ser distinguida dos dados que interpretamos e oposta a estes” (Perelman & Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 137).

Destarte, entender a argumentação dos militantes bolsonaristas é também entender o modo como eles pensam, afinal o ato de argumentar, narrar, descrever e deliberar sobre determinado assunto é um ato de pensamento em ação. Nesse sentido, o pensamento, nada mais

é do que argumentação, uma forma de diálogo dentro do indivíduo (Billig, 2008). Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.46) completam afirmando que “o acordo consigo mesmo é apenas um caso particular do acordo com os outros”.

Neste estudo se pressupõe que o conteúdo da argumentação e do pensamento tem características históricas e ideológicas, pois as palavras, os conceitos e suas significações são construídos através do tempo e em constante debate no corpo social. A dinâmica social produz um número variado de conteúdos e significações que são muitas vezes contraditórios e opostos.

No entanto, a ideologia, em muitos casos, é entendida como um conjunto de crenças fechadas orientadas para a ação, ou como uma oclusão semiótica, ou ainda, como uma distorção da realidade (ver Eagleton, 1997).

Billig et al. (1988), ao discutir os dilemas ideológicos, se contrapõe a essa noção de ideologia como um sistema fechado de crenças. Para os autores, o ponto fundamental para entender os conceitos de pensamento e ideologia é enfatizar o caráter social do pensamento e o caráter privado da ideologia. Ou seja, o pensamento é realizado dentro de um contexto social e é extremamente marcado por ele, passando ao largo de noções individualistas e exageradamente cognitivistas, ao passo em que a ideologia não é um sistema de crenças fechado que desliga a mente do indivíduo o alienando. A ideologia permite a compreensão de temas contrários, já que sem a contrariedade, sem a alteridade proposta de modo contingente pelo mundo e que rompe as “barreiras” ideológicas, seria impossível pensar e argumentar sobre qualquer coisa. A existência de temas contrários na sociedade promove a crítica e a inquietação do pensamento.

Nesse sentido, os temas contrários são fundamentais para que as pessoas possam pensar e argumentar. Esses temas permitem que a sociedade discuta sobre os mais complexos aspectos do mundo, como também sobre os mais simples temas do senso comum, este último, por sua vez, repleto de temas contrários e de dilemas ideológicos (Billig et al., 1988).

Geralmente a psicologia social estuda os dilemas direcionando o foco para a tomada de decisão agonizante realizada por um sujeito em um momento de escolha. Nesse sentido, busca-se observar a dificuldade própria da situação dilemática e os efeitos produzidos com a escolha e tomada de decisão. Entretanto, neste estudo, o interesse se concentra nas condições sociais prévias que são as bases dos dilemas, ou seja, compreender os dilemas ideológicos que envolve questões para além da percepção do sujeito “entre a cruz e a espada” (Billig et al., 1988). A análise avança além do indivíduo que toma a decisão, ela focaliza os aspectos ideológicos compartilhados que dão origem a essa situação (Billig et al., 1988).

Assim sendo, é necessário, antes de mais nada, compreender o dilema como uma construção social, um aspecto da vida comum que os indivíduos partilham entre si. Para que o indivíduo se perceba dentro de uma situação dilemática ele precisa compreender aquela situação através de valores sociais que se estabelecem diante de uma escolha, além de perdas e ganhos. Logo, para além de um cálculo frio, matemático, distanciado do acontecimento, os sujeitos imersos na experiência dilemática, analisam aspectos históricos, de representação, valores, imagens sociais e crenças que ali se apresentam. Nesse sentido, a compreensão de dilema aqui proposta parte do pressuposto de que não é possível entender o pensamento social e os dilemas sem os conflitos de valores que constituem a vida social (Billig et al., 1988).

1.3 Identidade

A polissemia do conceito de identidade coloca a difícil tarefa de tentar articular o conjunto de ideias que constituem esse conceito. Antes de mais nada, deve-se evitar toda e qualquer compreensão de identidade que faça referência a um “eu idêntico a si mesmo”, essencialista e naturalizado.

Em oposição a essa noção essencialista de identidade, aqui, o conceito de identidade será um processo de construção discursiva, marcado pela precariedade e contingência (Laclau

& Mouffe, 2015). Jenkins (2004) afirma que a identidade é um metaconceito que faz sentido tanto individualmente quanto coletivamente. A ação de identificar-se se dá sempre em consonância com o outro e com a sociedade, então, falar em identidade é falar em um processo fundamentalmente social.

A identidade é a nossa compreensão de quem somos e de quem são os outros, ao mesmo tempo em que é a compreensão dos outros sobre si mesmos e sobre as outras pessoas (o que nos inclui), nesse sentido a identidade é uma constante relação de similaridade e diferença, ou seja é o resultado do acordo e do desacordo, um processo sempre negociável e nunca fixo, sempre precário e contingente (Jenkins, 2004, p. 18).

Fica claro que identificar-se é sobre semelhança e diferença, pois quando alguém afirma que “João é brasileiro” esse alguém o assemelha a todos aqueles que são brasileiros e o diferencia de todos os outros que não são, não sendo possível evocar a semelhança sem evocar a diferença. Diante disso, muitas vezes definir quem somos “nós” implica em, de um modo ou de outro, definir quem são “eles”. Quando um grupo afirma algo sobre si mesmo também está dizendo algo sobre os outros e quando diz algo sobre os outros frequentemente está dizendo algo sobre si mesmo (Jenkins, 2004).

Laclau e Mouffe (2015) afirmam que o que leva as diferenças para uma lógica da equivalência não é necessariamente o caráter positivo que talvez elas compartilham, mas sim a instância negativa contra a qual elas lutam simultaneamente constituindo assim uma cadeia de equivalências. Os antagonismos, por assim dizer, são também um dos operadores das equivalências. Logo, quando se diz que o discurso bolsonarista está estabelecido de forma precária e contingente possuindo inúmeras diferenças internas e uma delimitação não muito clara, pode-se pensar que é devido exclusivamente ao fato de que a instância negativa, a saber, a esquerda, o petismo, o comunismo, ou todo esse campo da oposição, se constitui como

discurso antagônico possibilitando assim a estruturação do discurso da ultradireita bolsonarista e o apagamento de suas diferenças internas.

Em contraposição a esse diferencialismo pós-estruturalista, Jenkins (2004), afirma, com razão, que a identificação não se esgota na afirmação daquilo que difere de mim. Para ele, a noção de que somente “a diferenciação de” permite a “identificação com” é um equívoco. Só sabemos quem somos quando sabemos quais são os elementos que constituem a nossa identidade, quando nos assemelhamos a pessoas ou grupos. É impossível uma pessoa saber o que ela é, diria esse autor, se essa pessoa somente afirma o que ela não é. Não se saberia o que é o bolsonarismo se um militante desse movimento, ao ser questionado sobre o que é o movimento, se contentasse em afirmar que ele não é comunista, esquerdista, feminista, etc. A identificação (afirmar que se é semelhante a outras pessoas por meio da categorização) e a diferenciação são processos simultâneos e intrínsecos, processos essenciais na produção de identidades no mundo social que não podem ser vistos de maneira separadas.

Assim, essa identidade construída a partir de um conjunto de discursos, de antagonismos em uma lógica de equivalência e diferença simultaneamente, concede aos indivíduos um lugar no mundo e um sentimento de pertença. Indivíduos que viam na ascensão econômica dos governos petistas a sua inserção social e a sua independência, agora podem encontrar, após a frustração, no discurso político bolsonarista um lugar no mundo e um sentimento de pertença em um movimento que busca mudança e a deposição daqueles que provocaram essa frustração. Para Giacaglia (2014) a fragmentação das identidades nacionais, étnicas, de classe e conseqüentemente a noção essencialista de indivíduo/identidade dá lugar a uma explosão delas. Isto nos leva a pensar que nenhuma identidade se constitui de maneira fechada, mas são subvertidas por outras que se constituem em seu interior em um processo dialético.

Na psicologia social, a Teoria da Identidade Social (Tajfel & Turner, 1986), coloca em destaque esse sentimento de pertencimento, próprio do fenômeno identitário, e os efeitos disso

em fenômenos intergrupais de caráter macrossocial: discriminação, conflitos intergrupais, ações, revoluções, etc. Tajfel e Turner (1986), discutindo os estudos sobre o paradigma dos grupos mínimos desenvolveram a “Teoria da Identidade Social” demonstrando que os indivíduos tendem a diminuir as diferenças entre si (endogrupo) e a aumentar as diferenças entre os grupos (exogrupo), percebendo o mundo organizado entre “nós e eles”. Eles chegaram à conclusão de que a discriminação entre grupos existe em condições de filiação mínima, anonimato de membros de grupos, ausência de conflitos de interesse e ausência de hostilidade prévia entre os grupos. Ou seja, o simples fato da categorização de um grupo pode levá-lo ao conflito com outro grupo antagônico, mas os autores ressaltam que essa não é uma condição *sine qua non*. Eles demonstram que não há razão, na verdade, para assumir que a diferenciação intergrupar seja inerentemente conflituosa, sendo que a derrogação do exogrupo pode ser conceitual e empiricamente distinta da hostilidade fora do grupo.

Não obstante essas ressalvas dos autores, algumas críticas foram dirigidas à teoria. Para Jenkins (2004) uma delas está relacionada ao fato de que os dados produzidos em laboratório mostram a artificialidade da filiação dos participantes aos grupos, que realizam tarefas cujo resultado não possui interesse material concreto naquele contexto, sendo uma situação simplificada. Nesse aspecto, são questionáveis as generalizações que foram feitas, derivadas de um nível micro de análise. Para Jenkins (2004, p. 114) “generalizações ambiciosas sobre processos coletivos em grande escala derivados da investigação de situações de níveis-micro - sejam experimentais ou não - exigem considerável modéstia em sua formulação, mesmo quando não são completamente inseguras”. Outra crítica feita por Jenkins (2004) está relacionada ao fato de que apesar das ambições originais de Tajfel e Turner (1986), a “Teoria da Identidade Social” permanece com um viés individualista, como se os grupos não fossem objetos construídos e negociados, como se eles fossem simplesmente objetos reificados na paisagem humana, apreendidos pela percepção. Para a teoria o processo de identificação parece ocorrer

apenas dentro da cabeça de cada indivíduo. Não concede a devida atenção para o processo de reflexividade presente em toda identificação e desconsidera a construção social da identidade nos processos de interação social. Segundo Jenkins (2004), a falta de atenção ao surgimento da identificação em processos interativos é outro dos pontos fracos da teoria, juntamente com a dependência frequente de suposições sobre fatores motivacionais fracamente conceituados pelos autores.

Não obstante as dificuldades teóricas e metodológicas da Teoria da Identidade Social, indiscutivelmente essa teoria não pode ser desprezada quando se tenta compreender as relações entre grupos sociais antagônicos, como a relação entre a direita bolsonarista e os grupos que a antagonizam, na medida em que, são relações marcadas por um sentimento de pertencimento que mobilizam intensamente os dois grupos sociais no tabuleiro político. Muitas pesquisas demonstram que a identificação compartilhada com um grupo leva as pessoas a buscarem a concordância, a cooperarem, a ajudar os outros e a se respeitarem mutuamente (Haslam, Oakes, Turner, McGarty & Reynolds, 1998; Tyler & Blader, 2000; Kramer, Brewer & Hanna, 1996; Levine, Prosser, Evans & Reicher, 2005).

As identidades devem ser vistas como construções projetadas para mobilizar a ação que faz e refaz o mundo social. Os relatos das pessoas sobre identidades devem ser entendidos como tendo uma dimensão performativa e constitutiva, organizada para encorajar as formas de ação que realizariam uma visão particular de como o mundo social deveria ser. As construções identitárias podem ser conceituadas como “projetos” a serem realizados no futuro (Reicher & Hopkins, 2001).

De fato, dar a devida atenção às características performáticas do discurso - ou seja, observar as estratégias que as pessoas utilizam quando falam para compreender o mundo ou para atingir, intencionalmente ou não, um objetivo específico em determinado contexto - não significa que se deve desconsiderar o modo como as pessoas se transformam ao passo em que

constroem o mundo de uma maneira ou de outra e como se descrevem para os outros ou descrevem as outras pessoas de um modo ou de outro. A dimensão epistemológica do discurso, a descrição do mundo ou de aspectos dele, está associada a efeitos ontológicos, as pessoas sentem e percebem aquilo que descrevem como sendo a verdadeira realidade (Billig, 1991; Wetherell & Edley, 1999; Wetherell, 2008; Wetherell, 2012).

Assim, a categorização aparece como central nesse processo simultaneamente epistemológico e ontológico. Isso porque as identidades, como já mencionado aqui, existem por meio da categorização, indispensável para o entendimento dos processos identitários e das relações entre grupos humanos. Essa investigação abordará esse processo a partir das contribuições realizadas por diversos psicólogos sociais discursivos (Antaki & Widdicombe, 2008; Billig, 2008; Potter, 1998; Potter & Wetherell, 1987; Stokoe, 2015; Wetherell & Potter, 1992; Wetherell, 2008; Whitehead, 2015).

No tipo de análise de discurso realizado neste estudo, a construção de identidades apresenta-se por meio de diferentes tipos de ações realizadas discursivamente — ações como demonizar um grupo social, colocar seu próprio grupo na posição de vítima, recusar um conteúdo identitário para seu grupo ou para um outro grupo, dentre outras — portanto, em termos analíticos, o estudo concede atenção especial à função do discurso, à aquilo que ele faz com o discurso e aos seus efeitos (Potter & Wetherell, 1987; Wetherell & Potter, 1992).

CAPÍTULO II – A INSURGÊNCIA DA ULTRA DIREITA BRASILEIRA

Não se pode compreender o Brasil dos últimos anos sem analisar a irrupção popular representada pelos movimentos de junho de 2013. Naquele ano o país viveu a maior insurgência popular desde a era Collor. Esse conjunto de manifestações mudou o cenário político do país contribuindo para a ascensão da direita nacional. Não se pode responsabilizar as manifestações de junho, que a princípio eram apartidárias, por esse fenômeno. Esse conjunto de revoltas no Brasil acompanhou outras mobilizações ao redor do mundo (ver Castells, 2013).

A insatisfação popular representada em junho de 2013 se relaciona com a crescente crise econômica, com o esgotamento propositivo e de expectativas dos governos de esquerda no país, com o crescimento da extrema direita no mundo e com a corrupção institucional generalizada representada pela Operação Lava Jato.

2.1 A inauguração de uma nova direita

Para compreender a insurgência de grupos de direita organizados, faz-se necessário entender os aspectos políticos e econômicos que produziram as bases para isso.

A vitória petista em 2002 foi um marco na história recente do país. O Partido dos Trabalhadores (PT) finalmente chegava ao poder com objetivos claros: acabar com a fome no país e reduzir a desigualdade social.

Nos governos Lula o Brasil viveu um dos seus melhores momentos econômicos (Szklarz, 2010). Apesar da crise econômica de 2008, o Brasil vivia um período econômico estável, com avanços sociais relevantes, empresas transnacionais em expansão, relativo protagonismo global, emergência das classe mais baixas, redução da pobreza, inserção popular através do consumo de massa, redução dos índices de desigualdade, ou seja, o momento era de transformação (Szklarz, 2010).

Neste período, o Brasil viveu o *boom* das commodities, um longo ciclo de alta nos preços internacionais, esse fenômeno impulsionou a economia brasileira e contribuiu para a implementação de inúmeros programas sociais, colaborou para o financiamento estatal em áreas de educação, construção civil, apoiou o financiamento empresarial e fortaleceu políticas públicas de redistribuição de renda. Esse ciclo de alta, no entanto, tem prazo, e a reversão de tal *boom* está associado à perda de dinamismo dessas economias (Bredow, Lelis & Cunha, 2016).

Para Safatle (2017, p. 79), “o Brasil foi um laboratório de um modelo de desenvolvimento socioeconômico que parecia extremamente bem sucedido”. Sucesso notado e elogiado não apenas por opositores ou propagandistas do governo, mas também por toda imprensa nacional e internacional. “No entanto, esse modelo se esgotou de forma brutal, em uma reversão de expectativas ocorrida em um prazo extremamente curto” (p. 79). “O lulismo representou o projeto de um verdadeiro capitalismo de estado brasileiro, retomando um modelo proto-keynesiano adotado no Brasil nos anos 1950 e 1960 sob o nome de ‘nacional-desenvolvimentismo’” (p. 84). Esse modelo nacional-desenvolvimentista brasileiro baseava-se no fortalecimento do mercado interno através do consumo em massa e da expansão da construção civil, ao passo em que fortalecia a associação entre Estado e burguesia.

O lulismo parecia possuir uma estratégia sólida de promover ascensão social pelo consumo, propagando a imagem de que poderíamos avançar continuamente e garantindo poder as oligarquias que haviam-se associado ao Estado. Entretanto, o governo não contava que “tais grupos se aproveitariam da primeira crise popular de frustração para colocar abaixo o governo, operando em seu próprio interior e operando sua própria base” (Safatle, 2017, p. 87). “A ilusão fundamental do lulismo consistiu em acreditar que seria possível a sua conservação no poder através da mera gestão do processo de ascensão social” (Safatle, 2017, p. 85).

A economia arrefeceu e finalmente sentiu a influência da crise econômica de 2008, o número de desempregados aumentou e a esperança dos brasileiros em ascender cada vez mais socialmente tornou-se frustração. Nesse momento, o governo foi completamente surpreendido pelos acontecimentos de 2013, quando a população saiu às ruas para protestar contra o aumento nas tarifas de ônibus e contra a insuficiência do Estado em todos os setores.

2013 foi um ano extremamente importante para a política brasileira, as manifestações de junho marcaram e reverberaram nas estruturas políticas nos anos seguintes. Os manifestantes de junho vestiam preto, portavam bandeiras, vestiam capuzes, diversos símbolos insurgiam nas ruas e cânticos de ordem eram pronunciados. Uma geração que não possuía o hábito de protestar saía às ruas pela primeira vez começando paulatinamente a entender o processo político. Segundo Safatle (2017), esse foi o acontecimento mais importante da história recente do país por tudo aquilo que ele ajudou a destruir.

Entre 2013 e 2016, grupos de direita surgiram e iniciaram as suas atividades, consolidando-se dentro do cenário político. Agrupamentos como Revoltados Online, Vem pra Rua e Movimento Brasil Livre (MBL) organizaram manifestações contrárias ao governo e se consolidaram como forças políticas influentes entre os militantes. Com atuação majoritária na internet esses grupos foram decisivos nas manifestações *pró-impeachment* que aconteceram entre 2015 e 2016 (Solano, Ortellado & Ribeiro, 2019).

Para C. R. J. Pinto (2019), as manifestações de 2013 e que se repetiram nos anos subsequentes não foram protagonizadas por manifestantes de esquerda, algo inédito e surpreendente, já que desde a redemocratização às ruas pertenciam aos movimentos mais progressistas. Mas, havia ali uma massa de jovens e de cidadãos comuns que não tinham nenhum tipo de histórico em participação política, e que, pela primeira vez, estavam interessados no debate político principalmente reivindicando o combate à corrupção e a deposição do governo petista.

De acordo com Solano, Ortellado e Ribeiro (2019), a explicação para esse fenômeno pode ser pelo fato de que o PT norteou o imaginário de toda uma geração que cresceu durante os governos Lula e Dilma. Essa juventude tinha o PT como referência e direcionou todo sentimento de frustração para o partido e para os seus afiliados. A frustração pelo desastre econômico encontrou no Partido dos Trabalhadores o “bode expiatório” a ser expiado.

Isso é evidenciado nas pesquisas de Solano e Ortellado (2016), onde os pesquisadores analisaram as características dos manifestantes pró-*impeachment* que compareceram nas mobilizações dos dias 15 de março, 12 de abril e 16 de agosto de 2015. Eles encontraram uma série de informações que permitem entender o conteúdo dos discursos que circulavam na época e a mudança de perfil que se consolidou nos anos seguintes a 2013.

Na pesquisa realizada no dia 12 de abril de 2015, os pesquisadores observaram predominância do sexo masculino (54,6%), de pessoas com ensino superior completo (68,5%), com idades entre 30-60 anos (61,6%), de raça branca (77,4%) e com renda acima de 7.880,00 (49,6%) (Solano & Ortellado, 2016), perfil bem diferente dos manifestantes que estavam nas primeiras mobilizações de 2013 (ver Calil, 2013).

Os pesquisadores foram além e buscaram investigar a descrença dos manifestantes para com o governo federal e com todo o sistema político em si. Nesse sentido, eles conseguiram identificar que cerca de 73% das pessoas não confiava nos partidos políticos, quando essa pergunta era especificada, o partido que mais recebia a desconfiança dos manifestantes era o Partido dos Trabalhadores, cerca de 96% das pessoas não confiavam no PT. No que se refere aos quadros políticos, o que mais sofria da desconfiança dos eleitores que participaram dessas manifestações foi o então Deputado Eduardo Cunha do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) com um percentual de desconfiança de 96,7%, seguido de perto por Luiz Inácio Lula da Silva (PT) com 95,3% (Solano & Ortellado, 2016).

Em contraposição à desconfiança para com os setores da política institucional, os movimentos de direita estavam em alta. As pesquisas também questionaram os manifestantes se eles depositavam confiança nos movimentos políticos brasileiros. 70,8% dos manifestantes disseram confiar muito no movimento Vem pra Rua, enquanto 52,7% deles afirmaram confiar muito no Movimento Brasil Livre (MBL). Já os movimentos de esquerda não apareciam bem cotados para a amostra. 84,4% afirmaram não confiar no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e 79,2% disseram não confiar no Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) (Solano & Ortellado, 2016).

Ainda de acordo com a pesquisa de Solano e Ortellado (2016), a percepção das pessoas acerca do envolvimento dos políticos com a corrupção, também foi questionada. Para 89,6% dos manifestantes a presidenta Dilma Rousseff possuiria algum envolvimento em casos de corrupção, perdendo apenas para o presidente do Senado na época, Renan Calheiros com 93,8%.

Outro ponto importante questionado pelos autores supracitados foram as alternativas que os manifestantes entendiam como as mais interessantes e favoráveis para sair da crise. Dentre as alternativas propostas pelos pesquisadores, a que teve maior aprovação foi a de “Entregar o poder para um político honesto” com 64,2% de “concordo totalmente”. Outro ponto que vale a pena destacar é a discordância do público para com a alternativa “Entregar o poder para os militares”, com 71,1% (Solano & Ortellado, 2016).

Por fim, os pesquisadores questionaram os manifestantes acerca dos serviços públicos, buscando observar a concordância dos participantes com esses serviços. A pesquisa confirma o anseio que já existia em 2013. Apesar dos manifestantes demonstrarem uma repulsa para com setores da esquerda no governo e nos movimentos sociais, suas pautas não se distanciavam na defesa dos serviços públicos. Assim, 88,6% dos manifestantes concordaram que o Estado deve prover serviços de saúde para todos, sendo que 74,3% deles concordaram com as propostas que

advogam a existência de serviços de saúde gratuitos; 92,3% defenderam que o Estado deve prover educação pública para todos os brasileiros, com 86,9% concordando que ela deve ser gratuita. Por último, 72,1% deles concordaram que o Estado deve prover serviços de transporte coletivo para todos, mas apenas 48,9% concordaram que o transporte público deveria ser gratuito (Solano & Ortellado, 2016).

Nesse sentido, fica claro que nos protestos de 2015 as demandas solicitadas pela população estavam mais direcionadas à queda do governo da presidenta Dilma, com um afeto positivo e de mudança direcionado para o futuro, caso ela fosse demovida do governo (Malini, Ciarelli & Medeiros, 2019).

Ao passo em que o processo de *impeachment* se desenvolvia no congresso, inúmeros casos de corrupção dos governos petistas eram evidenciados na justiça e conseqüentemente abordados na mídia.

Um dos maiores casos de corrupção da história do país e que deu um golpe decisivo no governo petista em 2015 foi a Operação Lava Jato. Deflagrada pela Polícia Federal em seis estados brasileiros mais o Distrito Federal, essa operação teve início em março de 2014 buscando investigar os esquemas de lavagem e desvio de dinheiro envolvendo a estatal Petrobrás, grandes empreiteiras, políticos e partidos políticos. “A operação recebeu este nome por ter sido iniciada no Posto da Torre, um posto de gasolina situado a três quilômetros do Congresso Nacional, no qual não havia um lava-jato, mas, sim, uma lavanderia e uma casa de câmbio.” (Medeiros & Silveira, 2017, p.14).

Esse escândalo de corrupção atingia toda a classe política, entretanto, o PT recebeu a maior parcela de responsabilização sobre os acontecimentos. Políticos de diversas legendas foram denunciados, investigados, tiveram seus sigilos bancários quebrados, mas os casos direcionados que envolviam petistas recebiam maior ênfase por parte da mídia e da população

em geral. O ex-presidente Lula foi o maior alvo da operação durante todo o processo em que ele esteve sob escrutínio, os telejornais noticiavam diariamente informações sobre o caso, transformando o processo judicial em um material que fosse possível ser consumido diariamente, com reviravoltas e contradições que aproximavam e afastavam o ex-presidente da prisão.

Nomes da Operação Lava Jato se tornaram conhecidos e famosos durante todo o processo. O caso mais emblemático é do Sergio Moro, juiz da 13ª Vara Federal de Curitiba que veio a condenar o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva à prisão em 2018. Seu destaque começa na 24ª fase da Operação Lava Jato, em 04 de março de 2016, denominada de *Aletheia*, onde o ex-presidente começa a ser investigado e é alvo de condução coercitiva. Após isso, o juiz Sergio Moro tornou-se uma celebridade e um ator público influente, conduziu todo o processo da Lava Jato inserindo a mídia e utilizando da opinião pública no decorrer das investigações. O juiz é declaradamente um admirador da Operação Mãos Limpas que aconteceu na Itália e que teve na participação da opinião pública, a capacidade de decidir a condenação de atores políticos muito influentes. Outro quesito importante é que durante a investigação o até então juiz Sérgio Moro divulgou áudios de uma gravação interceptada ilegalmente (após o horário estipulado pela justiça para interceptação) da ex-presidenta Dilma Rousseff com seu antecessor Luiz Inácio Lula da Silva, toda a conversa foi gravada e explanada em horário nobre no Jornal Nacional em duas edições (Vechi, 2019).

Para Souza (2017, p. 59), a principal motivação da Operação Lava Jato foi o “ódio encoberto a essa classe de desprezados sem culpa – que foi o foco das políticas compensatórias do PT no poder – que possibilitou o uso como mero pretexto da corrupção seletiva comandada pela farsa da Lava Jato para derrubar um governo legítimo”.

A Operação Lava Jato teve um papel decisivo na formação da opinião pública e conseqüentemente nos rumos dos partidos e dos políticos no Brasil. De acordo com Becker,

Cesar, Steigleder e Weber (2019), a construção midiática favoreceu os operadores da Lava Jato. A construção narrativa dos jornais produzia uma retórica de “nós” contra “eles”, de “bem” contra o “mal”, transformando líderes petistas em corruptos inimigos do povo e construindo a imagem do Juiz Sergio Moro em contraste, apresentando-o como um grande aliado dos brasileiros, defensor da soberania do povo e um firme combatente da corrupção. Essa dinâmica aumentou consideravelmente o capital político do juiz transformando-o em Ministro da Justiça no governo de Jair Bolsonaro.

As implicações desses processos são inúmeras no qual fez ressurgir setores da direita que há muito não se pronunciavam no debate político. Para Safatle (2017, p. 55) “essa insurgência, com sua negação bruta, que pareceu ser uma ferida aberta que poderia não mais parar de sangrar, foi o motor que levou parcelas da população brasileira, depois de 2013, a reagir e abraçar de forma cada vez mais descomplexada os discursos profascistas de ordem e de justificação da violência estatal”.

2.2 A consolidação da extrema direita brasileira: o bolsonarismo

É possível identificar nos últimos anos um crescimento expressivo dos movimentos de extrema direita no Brasil e no mundo. Grupos racistas, xenófobos, fascistas e profascistas vieram à tona recentemente com um discurso violento e autoritário em diversos lugares. Esse crescimento se deu majoritariamente na internet, em redes sociais e fóruns de discussão alternativos, onde a integração desses atores não é vigiada, mas não se restringe apenas a este espaço (ver Dias, 2018).

Trata-se de um fenômeno que não se via desde os anos 30 do século passado, uma direita reacionária e neofascista com exemplos claros espalhados por todo o mundo vem ganhando espaço e elegendando políticos com essa ideologia. Donald Trump nos Estados Unidos da América;

Narendra Modi na Índia; Viktor Orbán na Hungria; Recep Tayyip Erdoğan na Turquia; ISIS no Estado Islâmico; Rodrigo Duterte nas Filipinas e Jair Messias Bolsonaro no Brasil, são alguns exemplos típicos dessa expansão (Löwy, 2020).

Também é possível identificar um crescimento massivo de partidos e movimentos fascistas e neofascistas como: Aurora Dourada na Grécia; CasaPound na Itália; Jobik na Hungria e partidos nacionalistas com exemplos na Ucrânia, na Bulgária e em outros países do leste europeu (Löwy, 2020).

Porém, deve-se ressaltar que em muitos casos se tratam de fenômenos novos, que não são idênticos aos movimentos extremistas do passado, tem suas características de semelhança e diferença e devem ser entendidos assim, pois classificá-los a partir de categorias já existentes podem nos fazer incorrer no erro de ignorar aquilo que eles têm de novo (Lessa, 2020). Exemplos dessa novidade são: o partido de Marine Le Pen na França; o FPÖ na Áustria; o partido de Vlaams Belang na Bélgica; Salvini e a Lega Nord na Itália, entre outros (Löwy, 2020).

No entanto, Löwy (2020) ressalta que ainda não temos estados totalitários como o Estado Fascista italiano ou o Terceiro Reich Nazista. Esses estados possuíam tropas paramilitares uniformizadas com o intuito de aterrorizar os seus adversários ideológicos, como as camisas negras de Mussolini e as SA (*Sturmbeilung*) de Adolf Hitler.

Mas apesar de não termos estados totalitários como no século passado, a criação de um inimigo político continua sendo um elemento poderoso para a coesão desses grupos em todo o mundo. Nos países europeus os mulçumanos e os imigrantes ocupam o papel do “outro ameaçador”, mas não só eles, em outros países do velho continente as minorias religiosas também se enquadram nessa condição, predominando o fundamentalismo religioso, o nacionalismo xenofóbico e o racismo (Löwy, 2020).

O nacionalismo, por exemplo, é bem representado nas frases de Jair Bolsonaro, “Brasil acima de tudo” e de Donald Trump, “*America First*”, políticos de ultradireita que utilizam desse discurso como uma bandeira de mobilização. Essa narrativa busca construir uma identidade nacional excluindo o “outro” que não faz parte da totalidade desejada por parte dos extremistas. No Brasil, não temos uma direita abertamente racista, como em outros lugares do mundo (Holanda, Inglaterra, Suíça e Dinamarca), mas o “outro” para a extrema direita brasileira se consolidou como sendo os partidos de esquerda, as militâncias LGBTQ+ e feminista e os movimentos que buscam por igualdade racial e econômica (Movimento Negro; Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto e outros) (Löwy, 2020).

Há no contexto brasileiro discursos de ódio direcionados a esses grupos, discursos muitas vezes violentos e agressivos que operam contra a existência e o reconhecimento desses indivíduos no mundo. Essa reação de intolerância por parte dos militantes de extrema direita no Brasil é uma expressão do golpe militar e da ditadura. Não é por acaso que o discurso de extrema direita no Brasil reivindica uma nova narrativa sobre o passado, inocentando os militares das brutalidades cometidas durante o período autoritário contra seus oponentes, que naquele momento era representado pelo comunismo (ver Motta, 2000) (Löwy, 2020).

Embora o antiesquerdismo tenha sido a face mais evidente do bolsonarismo, o que se entende como política identitária (ou de reconhecimento) não foi menos importante. Na verdade, ela desempenhou um papel central na gramática populista de Jair Bolsonaro, até mesmo antes dele ascender ao cenário nacional pegando carona na pauta anticorrupção.

Para Cesarino (2019), Bolsonaro soube escolher seus inimigos, não ousou fazer inimigos os brancos e os negros, os homens e as mulheres, os héteros e os homossexuais, mas estabeleceu como inimigos a militância feminista, o movimento negro e o movimento LGBTQ+. Em muitos momentos os militantes bolsonaristas se posicionam como indivíduos

livres de preconceito, mas não se ausentam em condenar severamente as práticas militantes dos movimentos que lutam em defesa dessas minorias. A grande arma do bolsonarismo, nesse aspecto, é tentar minar qualquer tipo de laço social ao transformar todas as ações coletivas em escolhas individuais, uma espécie de nuclearização do indivíduo que se relaciona apenas em células, uma construção individualista e neoliberal do mundo social. Assim, as coletividades são vistas com maus olhos por esses militantes, ressaltando aquilo que outrora Margaret Thatcher disse “não existe essa coisa de sociedade, apenas indivíduos e as suas famílias”.

Para Löwy (2020) a globalização capitalista produz e reproduz, em escala mundial formas de pânico identitário. Isso se mostra mais claramente na Europa e nos Estados Unidos onde a identidade nacional parece ser ameaçada por um “outro” estrangeiro. Obviamente essa reação alimenta manifestações nacionalistas e/ou religiosas favorecendo os conflitos étnicos e religiosos.

No Brasil, a extrema direita se expressa de uma forma diferente da forma de se expressar da ultradireita europeia, mas os dois movimentos têm muitas semelhanças. Há um conjunto de pautas comuns a esses grupos que permite classificá-los a todos como movimentos políticos de extrema direita, mas há também sutis diferenças que distanciam uns dos outros.

De acordo com Löwy (2020, p. 16) a extrema direita brasileira tem muito em comum com essa “vaga planetária marrom”, mas devemos destacar primeiros as suas diferenças. Em primeiro lugar, nos países da Europa existe uma certa continuidade no discurso da extrema direita atual com a extrema direita dos anos 30, ou seja, há uma continuidade do neofascismo com o fascismo clássico, mas esse não parece ser o caso brasileiro.

No Brasil, o movimento integralista possuía um conjunto de características fascistas e chegou a ter muita influência nos anos de 1930, inclusive com forte participação na formação do Estado Novo em 1938. No entanto, o bolsonarismo e seus apoiadores não se colocam como uma adaptação ou como um movimento que carrega a herança do integralismo nacional, esse

movimento não é mencionado e muitos deles desconhecem o que foi o integralismo (Löwy, 2020).

O bolsonarismo também não coloca o racismo como sua principal bandeira, como por exemplo, acontece em grupos de extrema direita na Europa. Apesar de suas declarações carregarem um teor racista, este não é o tema mobilizador dos seus eleitores e da sua campanha. Ao contrário, por exemplo, do combate à corrupção, que se não foi o principal tema mobilizador da sua campanha após a Operação Lava Jato, que teve como alvo o Partido dos Trabalhadores (PT) principal oponente do bolsonarismo, foi, sem dúvidas, uma das mais importantes. Essa questão não é de grande relevância no debate da extrema direita europeia, mas no Brasil, desde os anos 40, os conservadores levantam o combate à corrupção como uma pauta importante (Löwy, 2020).

O ódio à esquerda ou a centro-esquerda não parece ser um tema de grande relevância no debate europeu. Ele está mais presente nas correntes fascistas da Europa oriental, nas ex-democracias populares, sendo uma referência a experiência real de um passado recente. No Brasil, no entanto, o discurso anticomunista de Bolsonaro nada tem a ver com uma experiência concreta de implementação do comunismo no Brasil no presente ou no passado. O Partido dos Trabalhadores (PT) definitivamente não é um partido comunista, a Guerra Fria e a União Soviética já não existem há décadas. O anticomunismo bolsonarista é um discurso de mobilização de afetos, em que o medo dessa ameaça é central para a formação do movimento (Löwy, 2020).

Outra sensível diferença é a denúncia do neoliberalismo da direita europeia em nome de um protecionismo estatal, a defesa de um nacionalismo econômico no combate as forças financeiras internacionais. No Brasil, no entanto, a direita busca a promoção de um livre mercado voraz, com planos de privatizações alinhando-se aos interesses internacionais em detrimento de uma autonomia nacional. Isso garantiu-lhe o apoio de vários setores ligados a

economia do país nas eleições de 2018, desde rentistas ao agronegócio. “A oligarquia capitalista brasileira preferia outros candidatos, mas ao se dar conta de que Bolsonaro era o único capaz de vencer o PT, aderiu massivamente a ele” (Löwy, 2020, p.17).

Por fim, enquanto o papel da religião na Europa é de baixa significância ou até mesmo limitado, salvo as exceções de Polônia e Hungria. No Brasil, há uma forte associação dos setores fundamentalistas com o bolsonarismo. As igrejas neopentecostais aderiram massivamente ao discurso bolsonarista de defesa da família, da moral e dos bons costumes. Mas não apenas por isso, Bolsonaro sempre buscou associar-se a políticos advindos das principais igrejas neopentecostais do Rio de Janeiro como a Assembleia de Deus e a Igreja Universal do Reino de Deus. Os discursos homofóbicos e antifeministas proferidos por Bolsonaro durante toda sua campanha ecoou nos altares dessas igrejas possibilitando uma adesão quase que instantânea dos evangélicos ao candidato do PSL (Löwy, 2020).

Destarte, o que há de semelhante na gramática bolsonarista e na gramática da extrema direita mundial são a ideologia repressiva, um constante culto a violência policial e civil, e a intolerância cruel contra minorias sexuais, em particular contra os homossexuais (Löwy, 2020).

Nascido no interior de São Paulo, em 1955, Jair Messias Bolsonaro ingressou aos 18 anos na Academia Militar das Agulhas Negras, no sul do estado do Rio de Janeiro, preparando-se para se tornar paraquedista. Dez anos após seu ingresso, Bolsonaro avança na carreira e se torna capitão do Exército Brasileiro em 1986. Entretanto, Bolsonaro parecia não se adequar à disciplina estabelecida e a rígida hierarquia militar, causando transtornos para a corporação e para seus superiores, foi punido e chegou a ser preso. De acordo com o 4º presidente da ditadura militar brasileira, Ernesto Geisel, Bolsonaro era “um mau militar” (Almeida, 2018).

Em 1986, após escrever um artigo publicado na revista *Veja*, na seção ‘Ponto de Vista’, Bolsonaro foi preso por “transgressão grave”, acusado de “ter ferido a ética, gerando clima de inquietação no âmbito da organização militar” e também “por ter sido indiscreto na abordagem

de assuntos de caráter oficial”. No artigo, Bolsonaro criticava abertamente o “baixo salário” dos oficiais e sargentos. Em 1987, na edição de 25 de outubro da revista *Veja*, a reportagem “Pôr bombas nos quartéis, um plano na ESAO [Escola Superior de Aperfeiçoamento de Oficiais]” revelou que Bolsonaro e outro militar, Fábio Passos, elaboraram um plano que previa explodir bombas em unidades militares do Rio, esses ataques serviriam para demonstrar o descontentamento da tropa com as condições materiais estabelecidas para eles por seus superiores. Mesmo após todas essas revelações – com provas de mapas escritos a punho pelo próprio Bolsonaro, atestando o seu envolvimento com o plano – ele saiu relativamente bem do Exército, muito provavelmente por gozar de certa simpatia e benevolência de seus superiores, conseguindo aposentar-se aos 33 anos de idade. Cinco meses depois, Bolsonaro foi eleito vereador do Rio de Janeiro, dois anos após isso elegeu-se para o congresso nacional empurrado pelo apoio dos militares e dos seus simpatizantes na força policial (Anderson, 2019, Dieguez, 2016, *Veja*, 2017).

De acordo com Anderson (2019), Bolsonaro sempre foi muito contrário à ordem democrática. Em 1993, por exemplo, o capitão reformado e deputado federal pediu o fechamento temporário do congresso e um regime de exceção. “Nas duas décadas seguintes, sua carreira parlamentar consistiu basicamente em discursos que exaltavam a ditadura e as Forças Armadas; os discursos clamavam e pediam por pena de morte, diminuição da maioria penal e acesso mais fácil a armas; atacava esquerdistas, homossexuais e outros inimigos da sociedade.” (p. 241).

Em entrevista para o Programa *Câmera Aberta* da Band - RJ em 23/05/1999, Bolsonaro defendeu a morte do então presidente da república, Fernando Henrique Cardoso, evidenciando claramente sua predisposição autoritária e bélica, bravejou que sonhava impostos, que não haveria mudanças no país através do voto e que a única mudança possível seria uma guerra civil com mais de 30 mil mortos. Evidencia-se assim, que o atual presidente do Brasil nunca se

apresentou como um ator político defensor da regra democrática e das instituições, mesmo sendo parte do jogo político por mais tempo do que das forças armadas, Bolsonaro parece não nutrir nenhum respeito à democracia, acusando-a e desferindo golpes recorrentes.

Sua trajetória política tem o Rio de Janeiro como berço. Ele e sua família fizeram do estado fluminense sua base eleitoral e de lá expandiram para outros estados e para o país. Durante muitos anos, Bolsonaro recebeu em torno de 100 mil votos nas eleições, e esse número era significativamente relacionado ao nicho dos militares e policiais que ele defendia. Suas pautas sempre reverberavam e encontravam eco nos quartéis policiais e militares. Entretanto, os últimos anos de petismo, a crescente ascensão da internet e as suas seguidas aparições na TV deram ao até então deputado uma visibilidade inimaginável (Dieguez, 2016).

Mesmo com um resultado pífilo durante toda sua trajetória política, em termos de aprovação de projetos e desempenho parlamentar, o deputado Jair Bolsonaro parecia ser o político que mais saberia aproveitar a tempestade perfeita que se iniciou em 2013. Buscando responder a demanda dos anos subsequentes e se construir como um político honesto.

Isso foi possível, porque mesmo com apenas 2 projetos aprovados em mais de 29 anos como parlamentar, Bolsonaro ganhou atenção e destaque em inúmeros programas de TV por causa do seu posicionamento polêmico e autoritário. Além disso, o parlamentar fazia uso cotidiano das plataformas de internet: Twitter e Facebook, somando mais de 10 milhões de seguidores antes mesmo das eleições de 2018 (Rebello, Costa & Maia, 2018).

Nos últimos anos, Bolsonaro se popularizou, ganhou fama e seguidores com sua retórica “anti-politicamente correto”, que radicalizava com um discurso homofóbico, racista, machista e xenofóbico (Oliveira & Santos, 2013). À medida que radicalizava sua retórica — que por vezes se apresentava com uma retórica jocosa e inofensiva ou como alguém verdadeiro e honesto que não devia nada a ninguém — Bolsonaro aumentava seu prestígio político. Na

eleição de 2014, por exemplo, ele foi o deputado federal mais votado pelo estado do Rio de Janeiro com 464 mil votos, o que indicava que a radicalidade do seu posicionamento não era algo mais tão marginal.

De acordo com Dieguez (2016, p. 03),

Bolsonaro é amado. Uma parcela da população se encanta com a ira do deputado. Seus modos e a apologia do regime militar – que ele transforma em sinônimo de ordem e autoridade, em contraponto à baderna que vê por toda parte – acabaram canalizando as frustrações de parte do eleitorado num momento marcado pela desmoralização dos políticos e pelo antipetismo exacerbado.

Esse salto dava as pistas da ascensão de uma narrativa radicalizada de ultradireita que culminaria na eleição para presidente em 2018. Bolsonaro buscou se diferenciar de todos os seus pares no jogo político, instaurando a agressividade regular como uma retórica parlamentar, ele trouxe uma ruptura institucional que ajudou a eleger vários dos seus aliados. Com o seu crescimento, muitos outros apareceram e se firmaram usando a mesma estratégia da ultradireita. A insatisfação popular contra as classes políticas e contra a lógica partidária encontrava confluência nos ataques de Bolsonaro e de seus seguidores, com isso, aparecia um político que “entendia” a revolta popular e cooptava para si o protagonismo dessa insatisfação que explodiu em 2013. Tal plataforma conservadora de ultradireita foi amplamente aceita pela população, dando ao deputado a possibilidade de se candidatar ao cargo majoritário.

Bolsonaro filia-se em 2016 ao Partido Social Cristão (PSC), foi apadrinhado pelo presidente do partido, pastor Everaldo Dias Pereira e recebeu dele a promessa de ser o candidato do partido à presidência da república. O pastor Everaldo é figura carimbada e conhecida na política do Rio de Janeiro, parceiro de Eduardo Cunha, presidente da câmara dos deputados

durante o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, possuía ascensão sobre alguns políticos fluminenses e usava das pautas morais e da igreja para formatar suas campanhas. A “placa de petri” da qual Bolsonaro foi gestado se relaciona diretamente com a igreja evangélica, com o exército e com a política fluminense (Dieguez, 2016, Anderson, 2019).

A igreja evangélica tem muita capilaridade nas comunidades mais pobres do Rio de Janeiro, e deu apoio maciço a inúmeros políticos que saíram de lá e ganharam relevância nacional. “Cunha, por muito tempo o principal político do Rio, atuou como pastor leigo na Assembleia de Deus. O prefeito atual é pastor da rival Igreja Universal do Reino de Deus e sobrinho de seu capô, Edir Macedo, a (tonificada) contraparte brasileira ao Reverendo Moon” (Anderson, 2019, p. 241).

Jair Messias Bolsonaro nunca se notabilizou por ser um candidato do *mainstream*, vivia a margem no congresso nacional e representava pautas específicas do seu nicho. Apesar de estar na política há mais de 29 anos, sendo dois deles na câmara dos vereadores do Rio de Janeiro e o restante na câmara dos deputados, nunca conseguiu muito espaço. Sua atuação era pífia e sua visibilidade ínfima, o que ajudou na construção da imagem de *outsider*. A sua incapacidade parlamentar deu-lhe a possibilidade de adotar um discurso político de um deputado que não participava dos conluios da câmara, ele aparecia, então, como uma alternativa possível diante de um quadro do mais absoluto rancor em relação à classe política brasileira, recorrentemente atacada pela mídia durante os anos da Operação Lava Jato (Anderson, 2019).

Bolsonaro percebeu que se afastar do “presidencialismo de coalisção” e das negociações partidárias traria benefícios. Tentou eleger-se presidente da câmara dos deputados em 2016, mesmo sabendo que não era favorito, conseguiu angariar apenas quatro votos, uma votação muito adequada para a construção da narrativa de um *outsider*. Transitou por diversos partidos (PDC, PPR, PRB/Republicanos, PTB, PFL/Democratas, PP, PSC, PSL) e não poderia ser responsabilizado por nenhum apuro econômico e social do Estado. Apareceu como um político

livre, ilibado, confiável, um dos raros representantes que não se submetia à lógica mercantil do congresso, mesmo elegendo-se 7 vezes como deputado federal e promovido a carreira dos seus filhos dentro da política. Mas para o deputado alcançar seu objetivo de concorrer ao cargo de presidente do Brasil ainda lhe faltava aliados (Anderson, 2019).

A aliança com os militares e com a força policial foi um passo natural. Ainda como parlamentar, em 2003, Bolsonaro saudou um grupo de extermínio que cobrava 50,00R\$ para matar jovens da periferia no estado da Bahia, grupos compostos majoritariamente por policiais e ex-policiais (Congresso em Foco, 2018). Mas o deputado sabia que não deveria restringir sua base as forças policiais se ele desejasse conquistar outros objetivos. Assim, ele conseguiu angariar outros aliados em seu entorno. Por ser um duro crítico das esquerdas e dos últimos anos do governo petista, Bolsonaro conseguiu aproximações naturais com a bancada evangélica nacional e com o agronegócio.

Jair Bolsonaro se notabilizou por suas falas agressivas contra as políticas públicas que visavam o estabelecimento de reparações históricas: cotas para negros, políticas anti-homofobia, programas de redistribuição de renda, entre outros. Na esteira disso, Bolsonaro aliou-se aos evangélicos. Com o apoio do pastor Everaldo ganhou respeito de todos os conservadores religiosos quando se tornou um importante crítico do “kit gay”. De acordo com Dieguez (2016, p. 16), “o enfrentamento começou em 2011, quando a secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação, então comandado pelo ministro Fernando Haddad, preparou um kit anti-homofobia para ser distribuído em 6 mil escolas de ensino médio da rede pública”. Nesse episódio, Bolsonaro recebeu apoio de toda a bancada evangélica e de parte da igreja católica, o que seria decisivo para a sua vitória em 2018.

Outro setor importante que compõe a base bolsonarista é o agronegócio. Forte crítico do MST e das políticas do campo realizadas pelos governos petistas (mesmo que elas tenham

sido irrisórias), Bolsonaro defende a propriedade privada e o direito de os ruralistas defenderem suas terras com uso da força, além de ser um negacionista climático (Dieguez, 2016).

A base bolsonarista ganhava forma e força entre 2016 e 2018. O político participou de vários momentos marcantes da política nacional, como por exemplo, o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff e da Greve dos Caminhoneiros.

Outra faceta dessa base é a ala ideológica do bolsonarismo, que tem no astrólogo Olavo de Carvalho sua fundamentação. Olavo é natural de Campinas no estado de São Paulo, se considera um filósofo e é chamado por muitos de professor. Foi articulista nos jornais Folha de São Paulo, O Globo e na revista Bravo, onde ele conseguiu angariar adeptos e um público forte (Fellet, 2016).

Olavo, que se considera “o parteiro da nova direita”, influenciou os filhos do presidente da república e diversos atores que estão à volta do grupo político que está no poder no Brasil. Sua atuação nas redes sociais e seus livros inspiram figuras públicas e seus cursos constroem um público cada vez mais sedento por esse tipo de conhecimento (Fellet, 2016).

Fundador do site Mídia sem Máscaras, Olavo de Carvalho construiu sua reputação à margem do pensamento intelectual, mesmo sendo articulista de jornais importantes, nunca recebeu destaque na academia sendo muitas vezes rejeitado por ela. Olavo se considera um autodidata, produz conhecimento através de cursos online ministrado por ele mesmo e escreve livros que condensam o seu pensamento. Afirma constantemente que a esquerda dominou as universidades e a mídia brasileira com uma estratégia gramsciana. Suas aparições são recorrentes na internet, lá ele concentra toda sua influência. Olavo tem milhares de seguidores no Facebook, Twitter e YouTube, percebeu, antes de boa parte dos seus adversários, que os meios de comunicação alternativos da internet têm tanto ou mais relevância que os meios tradicionais de comunicação (Fellet, 2016).

Antes de ser o “pai espiritual” ou “parteiro da nova direita”, Olavo de Carvalho militou contra a ditadura militar no Partido Comunista na década de 60. Mas com o tempo se afastou e reconsiderou sua posição ao afirmar que os militares fizeram um brilhante trabalho ao barrar a maior revolução comunista da América Latina (Fellet, 2016).

Mas o que realmente deu força eleitoral ao bolsonarismo foi a sua aproximação com o mercado financeiro, uma guinada neoliberal era necessária em seu plano de governo. Sabendo disso, Bolsonaro se reuniu com inúmeros economistas para implementar em seu projeto uma perspectiva privatista, liberalizante e antiburocrática. Encontrou então, no economista Paulo Guedes, a solução dos seus problemas.

Bolsonaro agradeceu a Deus no dia de lançamento de sua campanha o “sim” dado por Guedes para compor sua equipe econômica. Paulo Guedes é economista formado pela Universidade Federal de Minas Gerais com mestrado na Fundação Getúlio Vargas e doutorado na Universidade de Chicago, se notabilizou por ser um crítico contundente do plano cruzado do presidente José Sarney, por combater o confisco das poupanças realizadas no governo Collor e por fazer algumas ressalvas relacionadas ao plano real. Em todos esses casos, Guedes aplicou sua visão de liberalismo ortodoxo com redução do Estado e cortes de gastos. Paulo Guedes também ajudou a fundar o Banco BTG Pactual, presidiu uma escola de negócios chamada Ibmecc, ajudou a criar o *think tank* Millenium, além de fazer inúmeras palestras e ter um trânsito relativamente fácil na imprensa nacional (Gaspar, 2018).

Em fevereiro de 2018, Paulo Guedes começa a integrar a equipe econômica de Bolsonaro e dá ao candidato a possibilidade de reunir em torno da sua candidatura o mercado financeiro. Bolsonaro não era bem visto por esse segmento, por ser um defensor ferrenho da ditadura militar, o deputado sempre votou a favor de emendas e pautas que fortaleciam o Estado, sendo um incisivo defensor do funcionalismo público como, por exemplo, dos militares (Gaspar, 2018).

Essa parceria agradou de cara o mercado financeiro, Guedes recebeu inúmeros convites para participar de palestras em círculos de investimento, com empresários e banqueiros. Bolsonaro sempre foi o candidato preferencial de grande parte desse eleitorado, existia entre eles uma afinidade ideológica, mas que por preconceito ou desconhecimento, não se percebia nele uma possibilidade. Logo, a vinda de Guedes servia então para cancelar essa parceria perfeita entre a “ordem” com o Bolsonaro e “progresso” com Paulo Guedes (Gaspar, 2018).

Com essas credenciais, o deputado Jair Bolsonaro se coloca como um ator político de destaque no cenário político brasileiro. Usando a internet como plataforma de promoção, ele conseguiu angariar milhões de visualizações em seus posts. Com apoio das bancadas do “boi”, da “bala” e da “bíblia”, o deputado cresceu em todas as camadas sociais. No excelente perfil feito por Dieguez (2016, p. 26), um jovem apresentou as seguintes razões para apoiar Bolsonaro: “Ele não vitimiza bandido”, “Eu sou da comunidade e não aguento mais tanto bandido aqui ameaçando a gente”.

Finchelstein (2020), coloca que o bolsonarismo é parte de uma onda populista de direita que atinge todo o mundo, e parte do poder político desses líderes vem de uma impugnação da realidade, da defesa do mito, da raiva, da paranoia e da produção de mentiras.

Lessa (2020) contribui para o entendimento do movimento ao mencionar o caráter libertário do bolsonarismo. Jair Messias Bolsonaro nunca escondeu seu desejo e suas intenções dentro da política nacional. Para o autor, eleger um extremista movido pelo desejo de eliminação física dos seus adversários políticos é um erro absoluto. Assim sendo, não se deve subestimar a capacidade destrutiva do bolsonarismo e nem buscar enquadrá-lo como um movimento fascista, pois isso obliteraria o que ele traz de inovador e, ao mesmo tempo, assustador.

Lessa (2020) argumenta que o bolsonarismo não busca, como o fascismo clássico buscou, pôr a sociedade dentro do Estado visando incluir a dinâmica social nos espaços estatais, eliminando toda a dinâmica cívica e política espontânea associada ao marco liberal democrático. O que o bolsonarismo busca na verdade é “devolver a sociedade para o estado de natureza” (p. 56). É retirar o Estado da dinâmica social e aproximar a sociedade a um estado de natureza, no qual as interações humanas são governadas e pautadas pelas vontades, instintos e pulsões, sendo a mediação artificial do Estado mínima ou inexistente. “Essa é a matriz do libertarianismo bolsonarista”.

Pode-se concluir assim, que a ascensão do bolsonarismo se deu dentro de um cenário relativamente propício para tal, crise econômica, insatisfação com as classes políticas e com a lógica institucional, corrupção generalizada, ressentimento para com alguns setores da sociedade, promoção do discurso conservador de direita no mundo, popularização das mídias sociais, esvaziamento propositivo da esquerda, entre outros fatores. Em outras palavras, esse quadro dinâmico e complexo próprio da atividade social, discursiva e política abriu enormes possibilidades para a direita brasileira, que soube aproveitá-las e chegou ao poder depois de muitos anos, com sua expressão mais radical.

3.1 Participantes, instrumento e procedimentos

Foram realizadas quinze entrevistas individuais com militantes bolsonaristas de uma cidade média nordestina que possui um histórico antipetista, dando vitórias significativas para os candidatos à presidência do PSDB (2010 e 2014) e dando a vitória a Jair Bolsonaro em 2018 com 126.554 votos válidos. Os participantes são maiores de 18 anos, aqui com nomes fictícios para preservar suas identidades. Militantes do bolsonarismo, neste estudo, são indivíduos que votaram no presidente Jair Messias Bolsonaro e que participam de grupos dedicados a defender o seu governo e o bolsonarismo como movimento político.

As entrevistas foram realizadas por videoconferência na plataforma Zoom Meetings em razão da pandemia do novo coronavírus. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio com a permissão dos participantes, sendo algumas gravadas em vídeo e posteriormente transcritas. Obtivemos mais de 14 horas de entrevista com média de 57 minutos por entrevista. Para delimitar a quantidade de participantes, utilizou-se o critério do ponto de saturação, tal critério indica que a coleta de dados deve ser concluída quando as entrevistas passarem a não trazer nenhuma informação nova.

Para acessar esse conjunto de militantes, usamos a amostragem em bola de neve. O tipo de amostragem denominado bola de neve é uma amostragem não probabilística que utiliza cadeias de referência, muito útil para estudar grupos difíceis de serem acessados. Primeiramente busca documentos ou um informante-chave (semente) a fim de acessar pessoas que correspondam ao perfil desejado. O informante-chave ajuda o pesquisador a iniciar seus contatos indicando novos participantes e esses posteriormente indicam novos participantes e assim sucessivamente (Vinuto, 2014).

As entrevistas foram realizadas em formato de história oral temática ou relato oral de vida. Nas Ciências Sociais o método de história de vida tem uma série de ramificações e terminologias diferentes, entretanto essas diferenças são constituintes do próprio método e

trabalham especificidades, no que diz respeito a coleta de dados, utilizando fontes orais sobre uma determinada pessoa. Em uma dessas especificidades está a história oral temática, que visa compreender um “recorte da história de vida do ator sobre a temática estudada” ou relatos orais de vida que “tem como foco a narração direcionada a uma temática e o narrador aborda aspectos de sua vida concernentes ao objeto pesquisado” (Souza, 2006, p. 28).

Neste estudo, o “recorte da história de vida” que solicitamos aos militantes é o processo por meio do qual eles se tornaram militantes bolsonaristas (ver questão disparadora no Apêndice B). Também fizemos uso de um questionário sociodemográfico (Apêndice A), aplicado por formulário (Google Forms), obedecendo as recomendações de distanciamento e isolamento social. Pedimos que eles relatassem esse processo e evitamos interrompê-los. No entanto, após esse relato, questionamos os participantes sobre alguns temas, quando não abordados espontaneamente por eles. Os temas que abordamos foram os seguintes: avaliação do governo Bolsonaro; a sua percepção do bolsonarismo enquanto um candidato que representa as elites; as pautas mais importantes do bolsonarismo; figuras mais importantes do governo e que mais os representa; adversários/inimigos do bolsonarismo; estratégias do bolsonarismo para alcançar sucesso à longo prazo; políticas públicas do governo Bolsonaro para os mais pobres e correntes ideológicas da direita que mais se aproximam do bolsonarismo, além disso, buscaremos compreender os argumentos utilizados por eles para a construção dos adversários políticos do movimento.

No que diz respeito às características dos quinze participantes, nove são do gênero masculino e seis do gênero feminino, todos heterossexuais. As idades deles variam de 18 a 60 anos. Oito participantes são casados, seis solteiros e um é divorciado. A renda familiar mensal varia de menos de um salário mínimo a mais de dez salários mínimos. Em termos ocupacionais, os participantes distribuem-se da seguinte maneira: um aposentado, um bancário, um autônomo, um empresário, um garçom, um seminarista, um estudante, um vereador, um

porteiro, um administrador, dois professores e três profissionais liberais. A escolaridade dos participantes varia do ensino fundamental incompleto à pós-graduação. Um dos participantes possui ensino fundamental incompleto, outro o ensino médio completo, sete deles possuem ensino superior completo e cinco possuem o ensino superior incompleto, e somente um deles possui ensino superior com pós-graduação. No que diz respeito a filiação religiosa, doze são evangélicos, dois são católicos e um participante é da religião judaica. Por fim, no que se refere à cor/raça, dois denominaram-se pretos, seis denominaram-se pardos e sete brancos.

3.2 Análise dos dados

Na análise, utilizou-se o método de análise de discurso desenvolvido pelos teóricos da Psicologia Social Discursiva (Antaki & Widdicombe, 2008; Billig, 2008; Billig et al., 1988; Billig, 1991; Potter, 1998; Potter & Wetherell, 1987; Stokoe, 2015; Wetherell & Potter, 1992; Wetherell, 2008). Após a transcrição de todo o material, realizou-se a codificação, a organização do material discursivo em categorias, orientada pelas questões de pesquisa. Em seguida passou-se a análise propriamente dita, com atenção especial às diferentes ações realizadas nos argumentos e ao modo como eles estão organizados retoricamente (Potter & Wetherell, 1987).

3.3 Preceitos éticos

Todas as diretrizes éticas dispostas na resolução n. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde acerca das pesquisas com seres humanos foram respeitadas. Asseguramos para todos os participantes o caráter voluntário, confidencial e anônimo da pesquisa, solicitamos, para os participantes da pesquisa por videoconferência, seu consentimento através de um formulário (Google Forms) com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C).

Neste capítulo o foco é a construção de uma identidade coletiva para o bolsonarismo por meio da análise dos argumentos que os militantes bolsonaristas mobilizam para defender a adesão ao movimento. Seguindo Jenkins (2004), este estudo diferencia identidades individuais e identidades coletivas. A categorização de um grupo (“eles são direitistas”, “eles são bolsonaristas”, “nós somos direitistas”, “nós somos bolsonaristas”) é diferente da categorização de indivíduos (“João é direitista”, “João é bolsonarista” “eu sou direitista”, “eu sou bolsonarista”). Mas ambos os processos são sociais, marcados por negociação e conflito (Benwell & Stokoe, 2006) e intimamente relacionados. De fato, o indivíduo só pode afirmar algo de si mesmo, “eu sou bolsonarista”, porque existe essa identidade coletiva. Por outro lado, ao afirmar “eu sou bolsonarista” ele está construindo essa identidade coletiva, juntamente com vários outros indivíduos que estão formulando um discurso semelhante. Wetherell (2008) resume bem esse fenômeno quando afirma que a identificação é um ato complexo e sofisticado de produção de significado por meio do qual as pessoas, ao constituírem discursivamente a si próprias, constituem um mundo.

Os argumentos utilizados pelos militantes bolsonaristas para justificar a adesão à candidatura de Jair Messias Bolsonaro foram classificados em seis categorias temáticas: defesa da liberdade; transparência e simplicidade; combate ao crime e à corrupção; mudança e ruptura; moralidade cristã; patriotismo. Dentre essas categorias, algumas são mais recorrentes do que outras na argumentação dos militantes. Defesa da liberdade, transparência e simplicidade e moralidade cristã aparecem como as categorias mais recorrentes, enquanto a categoria patriotismo pouco apareceu. Esses argumentos se configuram como um conjunto de traços da identidade do bolsonarismo para esses militantes, traços que diferenciam o bolsonarismo dos grupos e categorias sociais que posicionam na categoria de inimigos.

4.1 Defesa da liberdade

O argumento segundo o qual Jair Bolsonaro seria um defensor da liberdade foi frequentemente acionado para justificar a adesão ao bolsonarismo.

Garantir a liberdade! Você vê, disseram que Bolsonaro seria um ditador, mas é hoje quem mais briga pela liberdade do povo. Governadores aí restringindo direito de ir e vir, botando rodízio de placa sem noção, que isso só vai aumentar os casos de covid, tá obrigando o povo a pegar transporte público e aglomerando todo mundo ali. Bolsonaro bate contra nisso, Bolsonaro bate contra, então a liberdade, buscando a pauta ideológica. A liberdade do cidadão, o direito de ir e vir, do cidadão se armar [Abel]

Uma delas é a diminuição da maioria penal e logo, logo mesmo, rápido, a posse de armas, porque o Brasil é muito fácil de qualquer um impor ditadura. Isso não pode ocorrer mais [Ramirez]

Eu acho que ele chegou lá por isso, prometendo liberdade ao povo em todos os aspectos. Liberdade religiosa, liberdade econômica, liberdade de poderes, ter a sua legítima defesa assistida [Felipa]

Hoje para se empreender em todo o Brasil é uma dificuldade muito grande, você não tem flexibilidade de abrir um ponto, hoje já tem, não é? Ele já deu uma liberação aí para a questão de abertura de empresas, para funcionamento, mas ainda é uma dificuldade muito grande você conseguir abrir uma empresa (...) Eu vejo que quando falamos de liberalismo, deve ter uma facilitação maior para as pessoas poderem ter renda, gerar empregos, gerar economia para a cidade, economia para o estado, economia para o Brasil. A gente precisa disso, não podemos depender só do governo do Estado, não! A gente tem que depender das nossas forças próprias e o Estado chegar num momento de dificuldade que foi que nem esse. O Estado deve chegar, sim, mas em momentos de dificuldade que nem um caso como esse [pandemia] [Gustavo]

As falas acima são consistentes com um contexto marcado pelo crescimento da influência do discurso liberal no Brasil. De fato, nos últimos anos, no Brasil, o discurso liberal vem se popularizando nas redes sociais e nas ruas, e conta, para isso, com o apoio decisivo de *think tanks* liberais (Rocha, 2019). Os militantes supracitados afirmam recorrentemente nessas falas um conceito de liberdade que é central para o liberalismo ocidental, a liberdade com o sentido de liberdade negativa. São exemplos disso “a autonomia de expressar crenças” e “a liberdade de satisfazer pessoalmente gostos e a livre procura de objetivos individuais” (Merquior, 1991, p. 25).

A liberdade negativa é equivalente ao conceito de liberdade como ausência de coerção formulado por Hayek (1983). Esse autor contrapõe esse conceito aos conceitos de liberdade política (a participação dos cidadãos na vida política e no processo de escolha daqueles que os governarão); liberdade interior (o controle sobre si mesmo, sobre as próprias paixões) e liberdade entendida como poder (a liberdade para se ter aquilo que se deseja).

Deve-se destacar, no entanto, que os militantes mencionam recorrentemente exemplos de liberdade negativa, mas excluem sistematicamente alguns exemplos desse tipo de liberdade, como a liberdade das mulheres para dispor sobre seu próprio corpo, no caso de aborto, e a liberdade para usar drogas. Trata-se de uma inconsistência flagrante quando se leva em conta a defesa que eles fazem da posse e do porte de armas pelo cidadão, do direito “de ir e vir”, da liberdade econômica e religiosa. Os militantes não somente foram seletivos, excluindo sistematicamente o apoio à liberação do aborto e à liberação das drogas de suas falas (em nenhuma das entrevistas a legalização do aborto ou a liberação das drogas foi defendida por quaisquer dos militantes). Em outros momentos de suas entrevistas, alguns deles defenderam abertamente a intervenção estatal para defender valores sociais da agenda conservadora.

Um outro tipo de inconsistência pode ser observada na intervenção de um militante, Gustavo, que, logo depois de fazer uma defesa enfática do liberalismo econômico, da não intervenção estatal na economia e da autonomia individual (“a gente tem que depender das nossas forças próprias”), afirma que “o Estado deve chegar, sim, mas em momentos de dificuldade que nem um caso como esse [pandemia]”. Ele está fazendo referência ao Auxílio Emergencial que o governo federal pagou para pessoas de baixa renda durante a pandemia. Essa defesa da intervenção estatal, ainda que em condições excepcionais, para permitir que os cidadãos possam, ou tenham o poder de fazer algo, no caso comprar comida sem precisar ir para as ruas e se contaminar, é um exemplo da liberdade enquanto poder que sempre foi vista com temor e associada aos totalitarismos de esquerda por liberais como Hayek (1983). Não é por outra razão que o militante, antes de apoiar a medida, vacina-se contra a acusação de apoiar políticas públicas de esquerda, limitando as possibilidades de ação do Estado aos “momentos de dificuldades”.

A inconsistência na fala de Gustavo é compreensível se se leva em conta o contexto argumentativo. Ele está defendendo de críticas uma política pública do líder do movimento em que milita. O presidente Jair Bolsonaro foi eleito, como já foi dito, com um discurso liberal em termos econômicos, mas sancionou uma política pública que contraria o ultraliberalismo econômico que pregou na campanha, e essa inconsistência que o militante procura justificar com o argumento de que se trata de uma medida para momentos excepcionais.

A defesa da liberdade nesses relatos não é somente a expressão de adesão a alguns valores do liberalismo, aqueles que definem como compatíveis com o tipo de ultraconservadorismo que defendem. Retoricamente, é uma resposta ao argumento segundo o qual eles seriam autoritários, intransigentes e intolerantes e uma maneira de se constituírem como defensores ardorosos da liberdade, indivíduos tolerantes que lutam contra a tirania estatal. Na fala de Abel esse caráter retórico se apresenta de maneira explícita. Utilizando a formulação

de casos extremos do tipo maximizante (Pomerantz, 1986; Potter, 1998), “Bolsonaro [...] é hoje quem mais briga pela liberdade do povo”, ele afirma o caráter libertário do movimento de ultradireita do qual faz parte. A formulação de casos extremos é acionada em outros momentos para construir o bolsonarismo como um movimento libertário e desacreditar aqueles que afirmam o contrário: “por que o Brasil é muito fácil de qualquer um impor ditadura”, Bolsonaro prometeu “liberdade ao povo em todos os aspectos”.

4.2 Transparência e simplicidade

Um segundo tipo de argumento formulado para justificar a adesão ao bolsonarismo é a transparência e a simplicidade, características que os militantes apresentam como atributos essenciais da pessoa do presidente.

A forma também de falar de Jair Bolsonaro, que é a forma do povo escutar, foi que fez isso crescer. Não é à toa que as pessoas que estavam perto de mim, quando passaram a escutar mais Bolsonaro aderiram juntos também aqui na minha família, né? E nem sabiam o que era direita, hoje sabem o que é direita [Abel]

Então, conhecer é uma coisa, saber é outra, quando você passou saber quem é Jair, você vê a sinceridade no olho, você vai ver sinceridade na palavra, você não vê mentira, você não vê querendo agradar, aquilo é autêntico. Se eu perguntasse aqui sobre você... Certa vez a gente estava no Garden e aqueles bombeiros civis disseram: "olha, quando o senhor for presidente quero que o senhor regularize a nossa profissão", ele disse: "não, eu não posso lhe prometer isso". Então como é que você está em plena campanha para um auditório de várias pessoas numa cidade, no interior do Nordeste, o quintal da casa dos seus opositores, você dizer: "não, eu não vou lhe prometer isso não, isso não cabe a mim, isso cabe ao congresso, criar leis para regulamentar...". Então se você perguntasse

a mesma coisa no outro dia, não existia variação de pensamento, não existe, então chama a atenção! (...) Então quando você passou a conviver com Jair, como eu convivi poucas vezes, mas a gente vê uma autenticidade nas suas palavras e ele dizia plenamente "Gabriel, nós vamos ganhar, nós vamos vencer e vai ser diferente, nós podemos ser uma grande nação", afloravam em nós o desejo de um futuro melhor, de um futuro que a gente não via [Gabriel]

Eu acho que outra coisa muito principal é a questão da lisura, ou pelo menos da tentativa de idoneidade que o presidente mostra. Eu sou gente como qualquer um e não o que reclamam muito dele, "olha, ele é o presidente da república, não pode agir assim", ele tá quebrando isso e o povo se enxerga muito nele, uma pessoa normal, que erra? Erra! Que fala coisa errada? Fala! Mas que tá tentando acertar. (...) Eu falo de transparência porque vai abranger nos vários aspectos. Na personalidade dele, é uma pessoa muito clara, o que nós vemos dele numa entrevista, nós vemos na reunião ministerial sigilosa e isso eu chamo de transparência [Alan]

Então porque que ele é bruto? Como diz as palavras, por que é que ele é grosso? Porque ele não consegue não dizer a verdade, então ele diz aquilo que tá dentro do coração, você fala aquilo que o coração tá cheio, entendeu? [Rafaela]

A retórica agressiva contra minorias sociais e contra as esquerdas de uma forma geral, as ameaças de eliminação física dos inimigos políticos e o linguajar chulo são recorrentes no discurso público de Jair Bolsonaro, e essas características de sua retórica têm sido objeto de análise e crítica por parte de diferentes estudiosos do bolsonarismo (Lessa, 2020, Reis, 2020, Solano & Rocha, 2020), que as compreendem como sinais da degradação e rebaixamento da democracia brasileira.

Mas, como se pode observar nas falas acima, o que para muitos seria interpretado como grosseria, intransigência, autoritarismo e incitação à violência é ressignificado pelos militantes como signo de verdade, transparência, autenticidade, clareza e simplicidade. Solano e Rocha (2020) encontraram resultados semelhantes em entrevistas com apoiadores fiéis do presidente. Esses apoiadores fiéis reinterpretem a “violência retórica” de Bolsonaro como sinal de autenticidade, “um dos valores mais desejáveis em um entorno político tido como corrupto e mentiroso” (p.06).

Os militantes mobilizam diferentes estratégias retóricas para dar verossimilhança ao argumento segundo o qual Jair Bolsonaro seria um político autêntico e verdadeiro. Aqui, como nos relatos do tópico anterior, a formulação de casos extremos se faz presente por meio da maximização : “você não vê mentira, você não vê querendo agradar”; “porque ele não consegue não dizer a verdade”; “então se você perguntasse a mesma coisa no outro dia, não existia variação de pensamento, não existe”.

Uma outra estratégia retórica acionada para tornar verosímil e factual a representação de Bolsonaro como uma pessoa verdadeira é o consenso. Segundo Abel: “Não é à toa que as pessoas que estavam perto de mim, quando passaram a escutar mais Bolsonaro aderiram juntos também aqui na minha família, né? E nem sabiam o que era direita, hoje sabem o que é direita”. Nesse relato ele apresenta essa compreensão da pessoa de Bolsonaro como algo consensual, corroborado por outras pessoas. Trata-se, segundo Potter (1998), de um mecanismo de produção de exterioridade, que apresenta o relato do sujeito como uma versão objetiva da realidade, exterior ao sujeito que narra, como algo que não seria uma versão puramente pessoal, subjetiva, produto do interesse de uma pessoa concreta. No final de sua intervenção, para evitar que o consenso familiar seja desqualificado sob a acusação de ser motivado ideologicamente, afirma que eles “nem sabiam o que era direita”.

Gabriel também produz exterioridade por meio da história que narra com o objetivo de dar sustentação ao seu argumento. Narrar histórias para dar veracidade a determinados argumentos é um recurso de reconhecida eficácia (van Dijk, 1989; Wetherell & Potter, 1992; Potter, 1998). Gabriel narra esse encontro com Jair Bolsonaro para se apresentar como testemunha de um conjunto de afirmações do então candidato à presidência da república. A categoria de testemunha, segundo Potter (1998), é construída por meio de relatos que convencem que aquele que relata estava presente na cena e que é bom observador. O discurso direto ou a citação direta é uma maneira eficaz de realizar essa ação. Afinal, somente alguém que esteve presente em uma determinada cena poderia fazer uma citação direta do que foi dito por outrem. É o que faz Gabriel em vários momentos de sua intervenção: "olha, quando o senhor for presidente quero que o senhor regularize a nossa profissão", ele disse: "não, eu não posso lhe prometer isso"; "Gabriel, nós vamos ganhar, nós vamos vencer e vai ser diferente, nós podemos ser uma grande nação".

Observa-se também o uso do lugar comum de quantidade na fala de Alan para defender as virtudes da transparência e sinceridade de Bolsonaro (não a factualidade da afirmação de sua transparência e sinceridade, que são pressupostas por Alan). Os lugares-comuns são lugares retóricos nos quais se pode guardar argumentos, "depósitos de argumentos" (Perelman & Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 94). O argumento de quantidade, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), se apresenta frequentemente por meio do elogio daquilo que é normal, comum, aquilo que está presente na maior parte das pessoas. É, portanto a ele que Alan recorre quando afirma que criticam muito o presidente por tomar a posição de ser "gente como qualquer um", "uma pessoa normal", que "erra", que fala "coisa errada". Alan constrói o presidente como alguém ordinário, comum e igual aos demais na condução da vida cotidiana, que acerta e erra e que continua buscando alternativas e meios para resolver questões mundanas.

Há que se destacar ainda a imagem da sinceridade que transborda do coração, construída pela militante Rafaela, que torna tangível a representação discursiva de Bolsonaro como um homem simples e verdadeiro: “ele não consegue não dizer a verdade, então ele diz aquilo que tá dentro do coração, você fala aquilo que o coração tá cheio”.

Finchelstein (2020), argumenta que a “verdade” no bolsonarismo é uma verdade mítica, encarnada no líder, construída e reforçada através de citações bíblicas. De fato, em outros momentos das entrevistas realizadas para este estudo, os militantes recorrem à bíblia e recitam o versículo de João 8:32, muito usado por Bolsonaro, “conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”.

4.3 Combate ao crime e à corrupção

O combate ao crime e à corrupção foi outro argumento mobilizado para justificar a adesão ao bolsonarismo.

A militância bolsonarista tem esse viés conservador muito forte e eu acho que principalmente por isso Bolsonaro foi eleito. Eu vejo muito uma população de brasileiros, e eu digo que são maioria, que são conservadores mesmo que as vezes não se assumam. Como eu disse, né, meus pais sempre foram conservadores, mas não tinham essa noção de que eram. Eu acho que a grande maioria dos brasileiros é contra as drogas, é contra o aborto, não gosta de bandido, isso é um fato. Ninguém gosta de viver numa sociedade onde a bandidagem predomina, onde a impunidade predomina, a corrupção, enfim. Todas essas pautas, para além do liberalismo econômico que a gente tanto defende, eu acho que são prioridades muito fortes da militância bolsonarista
[Renata]

Ele tá se mostrando fiel ao que foi proposto na eleição, as pessoas votaram num homem ignorante, no que diz respeito a ser bruto, as pessoas votaram numa pessoa que quer cercear os direitos da criminalidade mesmo, foi nisso que as pessoas votaram, as pessoas votaram numa pessoa que é extremamente contra o aborto, que é extremamente contra casamento gay, que é extremamente contra os desmandos do STF ou o toma lá dá cá do Congresso, foi nessa pessoa que as pessoas votaram, que o povo brasileiro votou. Então a gente não pode esperar nada diferente agora [Alan]

Não surpreende a presença desse tipo de argumento na retórica dos militantes, mobilizado por meio de recursos como a formulação de casos extremos: “é extremamente contra os desmandos do STF ou o toma lá dá cá do Congresso”; e a lista tríplice (ver Gill, 2002): “onde a bandidagem predomina, onde a impunidade predomina, a corrupção, enfim”; “a grande maioria dos brasileiros é contra as drogas, é contra o aborto, não gosta de bandido”. Diferentes estudos (Skidmore, 1989, Skidmore, 2010; Motta, 2016) já ressaltaram a recorrência desse tema no discurso da direita brasileira ao longo do século XX. Além disso, o discurso de campanha de Jair Bolsonaro, durante as eleições de 2018, tinha como um dos seus temas centrais o combate ao crime organizado e aos governos anteriores acusados de corrupção (Becker, Cesar, Steigleder & Weber, 2019).

O discurso anticorrupção, especificamente, foi instrumentalizado por setores bolsonaristas durante as eleições de 2018 (Telles, 2019), e é um conteúdo retórico mobilizado amiúde com o apoio da construção da imagem de Jair Bolsonaro como um político verdadeiro, transparente que combate o sistema político corrupto, dissimulado, manipulador. Na fala de Alan, a brutalidade de Jair Bolsonaro é construída como um atestado de que ele é autêntico político antissistema, alguém que é de fato contra “desmandos do STF” e o “toma lá dá cá do Congresso”.

No relato de Renata, as drogas, o aborto e os bandidos são, ao serem colocados juntos nos mesmos enunciados, implicitamente representados como equivalentes, assim como são equivalentes, no de Alan, o aborto, o casamento gay, os “desmandos do STF” e o “toma lá dá cá do Congresso”.

4.4 Mudança e ruptura

Os militantes bolsonaristas advogam uma ruptura com o modelo político-institucional predominante no Brasil, e a adesão ao bolsonarismo se apresenta em suas falas como um caminho para alcançar esse objetivo. Essa disjunção entre o bolsonarismo e o modelo político-institucional brasileiro é muito clara na fala dos militantes.

Então, dos candidatos foi o único que apresentou uma proposta dentro do que eu acredito e da possibilidade de fazer algo novo, diferente do que a gente já vem tendo há muitos anos (...) E me identifiquei com as propostas e fui seguindo e fui concordando, fui vendo que era a opção de mudança que a gente estava precisando [Vitória]

A questão de ser bolsonarista me veio como a única opção plausível naquele momento para gente se livrar do esquerdismo (...) Então, de tudo que Bolsonaro tem feito, a quebra de paradigmas e a quebra desse sistema nefasto de poder eu acho que é o mais importante, é uma mudança estrutural [Adriana]

Bolsonaro chegou no momento certo e outra coisa, é o que eu digo, precisava do radicalismo de Bolsonaro para a gente fazer isso, prudência e sofisticação não iria adiantar, a gente não teria tirado uma presidente incapaz, desonesta, um fantoche de Lula como ela foi se a gente não tivesse realmente exorbitado. Então a questão é, toda revolução, toda mudança de paradigma, toda mudança social precisa de radicalismo [Adriana]

Ele foi eleito para romper com um *modus políticos* mesmo, assim a gente acredita num discurso mais de rompimento e como diz, quem tiver devendo que pague. Ele foi eleito com essa pauta né, a partir do momento que ele se afasta dessa pauta, ainda não se caracteriza, mas a gente já percebe movimentos nesse sentido, como a saída do ministro da educação agora, o Abraham Weintraub, que representa bem isso. Então, a partir do momento que ele começa a se afastar dessa militância, ele vai se enfraquecer, ele vai quebrar as pernas dele mesmo, entendeu? [Lucas]

Há nessas falas uma quantidade notável de categorias com o significado de ruptura com a ordem existente, mudança abrupta: “quebra de paradigmas”, “revolução”, “mudança estrutural”, “rompimento”, “radicalismo”.

Esses militantes constroem Bolsonaro como o agente capaz de realizar a ruptura com o paradigma vigente. Em alguns momentos se usa o lugar comum de qualidade para produzir esse efeito. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) o lugar de qualidade ressalta o valor do único, do singular, diferentemente do lugar de quantidade que ressalta o que está presente em muitos, o comum, o banal.

Como afirmam dois militantes: “dos candidatos foi o único que apresentou uma proposta dentro do que eu acredito”; “a questão de ser bolsonarista me veio como a única opção plausível naquele momento para a gente se livrar do esquerdismo”. Destarte, Jair Bolsonaro é apresentado como excepcional, como o único capaz de destruir o *modus operandi* da lógica político-partidária brasileira. Mas a singularidade de Bolsonaro aqui é construída comparando-o com outros agentes políticos.

Como se viu anteriormente, quando comparado com o povo brasileiro conservador, Bolsonaro é representado por meio do lugar de quantidade. Nesses momentos ele é descrito

como alguém que pensa como o povo, que fala como o povo e que, por essa razão, é o líder da maioria cujo modo de vida expressa com suas falas e atitudes.

4.5 Moralidade cristã

Os militantes bolsonaristas se definem como conservadores. Em seus relatos, o argumento para aderir ao bolsonarismo que mais os aproxima do pensamento conservador é o argumento segundo o qual Jair Bolsonaro e o bolsonarismo seriam defensores do cristianismo e dos seus valores.

Nós queremos viver num país laico, que é laico, mas que não é laicista, que respeita a liberdade religiosa dos cristãos que são maioria, de não quererem que pautas como essa sejam prioridades no nosso país. [Renata]

Eu acho que o essencial, o mais importante com relação a história da nossa nação é o cristianismo, é o cristianismo. O Brasil é um país que a maioria é cristã e esse cristianismo estava sendo apagado, né? A questão socialista estava implantando que era vergonhoso você ser cristão, você tinha que aceitar tudo que fosse contrário aquilo que era tradicional da nossa nação [Gabriel]

Frequentando a igreja eu percebia que existia uma desconstrução cultural em vigor, eu percebia mudanças de arranjo familiar, discussão de gênero dentro das escolas e aquilo ali, eu sentia a minha fé aviltada né, aquilo que eu acreditava estava sendo ferido por pautas que... Vou citar um exemplo, um promotor tá preocupado em retirar da cédula de real a expressão "Deus seja louvado", um promotor tá preocupado em retirar do preâmbulo constitucional "sob as bênçãos de Deus promulgamos a Constituição Federal". E eu disse "pô, por que é que o cara está preocupado com isso?" né, porque o cara tá preocupado em legalizar a poligamia né, o poliamor, são uma modalidade de

casamento que já foi reconhecida no Estado do Rio de Janeiro e alguns cartórios já estavam reconhecendo isso como união civil né, como união estável, união civil, entre um homem e duas mulheres. (...) Eu disse "pô cara tem algum interesse, tem alguém tramando contra aquilo que eu acredito, tem alguém trabalhando..." aí eu fui me aprofundar, fui ler. Aí tive acesso, isso em 2006, bem antes, há muito tempo sobre aquele livro "A origem da propriedade privada e da família", não é? (...) Então eu percebi que existia um embate ideológico por trás da política, né, e existe uma guerra cultural muito forte, essa desconstrução cultural e o cristianismo é o alvo de tudo isso [Lucas]

Eu sou fã da postura do presidente, ele defende os princípios que eu defendo, eu defendo família, eu defendo a religião, eu defendo a liberdade (...) Eu comecei a entender a implantação do Decálogo de Lenin, o gramscismo cultural dentro das universidades, dentro das escolas, os critérios de escolha de professores, não é nada que eu tenho nada contra com homossexual, lésbicas, conheço pessoas que têm a sua opção sexual, que a opção sexual de cada um não me diz respeito, a gente tinha professores homossexuais, mas que se davam o respeito, tá entendendo? É tanto que eu digo que existe, me desculpa, me desculpa assim, existe o "viado" e o homossexual, que o homossexual ele se dá o respeito, ele tem a postura dele, a sexualidade é dele, é problema dele. Agora aqueles todos "espanaviado", como diz o ditado, eu discordo! (...) O PT começou implantar essas ideologias, jogar o que é? É como o Decálogo de Lenin diz, você joga o homossexual... Você dá todos os poderes a ele e eles começaram o quê? O hétero ficou sem o espaço de defender a sua heterossexualidade, né? Que eu discordo... ah, o preto começou a ter todos os direitos, ah, morre um preto... aí é aquele "auê", mas morre um branco não é nada, para mim não tem morte de preto nem branco, tem de ser humano, se morrer um preto, um branco assassinado, a pena tem que ser igual. Porque a pena

para um preto tem que ser uma? Por que a pena para um branco tem que ser outro? Por que a pena para um patrão tem que ser menor, a do empregado tem que ser maior? Então a gente começa a ver o quê? Essas distorções que é para o quê? Jogar a sociedade uns contra os outros, jogar empregado contra patrão, é jogar preto contra branco, é fazer essa divisão que o PT fez muito bem feita na nação, tá entendendo? Então eu digo: "não, eu vou lutar, eu vou lutar, eu sou contra isso...". Uma queixa muito assim da gente comentando, por exemplo, em hospitais na ala de criança duas lésbicas se beijando, aí você vai reclamar que ali é um hospital, é um local de criança, aí se você for reclamar, você vai responder criminalmente como homofobia. Então, podia ser um casal hétero, do jeito que eu reclamaria com um hétero, podia reclamar com lésbica ou reclamar com homossexual, você quer se beijar, se agarrar? Vá para dentro de um quarto, na sua casa, no motel, onde você quer, mas não numa ala de criança dentro de um hospital. E isso eles começaram o quê? Eles ganharam muitas asas e eles começaram a provocar, eles não respeitavam mais ninguém, eles não respeitavam mais ambiente nenhum, "não, vamos botar uma plaquinha em todo estabelecimento: discriminação sexual é crime". Mas se um heterossexual for se agarrar, se pegar em um bar ou onde quer que seja, o dono do bar, do estabelecimento, pode botar para fora. Agora, se for lésbica ou homossexual, ele não pode, porque o dono é que vai preso por causa de homofobia, tá errado, tudo isso tá errado! Respeito tem que ser para todos, seja hétero, seja homo, seja lésbica, certo? [Luiza]

O cristianismo e a moralidade cristã estão sob grave ameaça nessas narrativas e o bolsonarismo é um movimento de defesa contra essa ameaça. Os inimigos que querem destruí-los são o "socialismo", agentes do estado brasileiro ("um promotor tá preocupado em retirar da cédula de real a expressão 'Deus seja louvado' "), as escolas, as universidades, o Partido dos

Trabalhadores, os grupos identitários ligados a minorias sexuais e raciais. Como cristãos, esses bolsonaristas se posicionam como vítimas de um inimigo implacável, perverso e astucioso, posição identitária de reconhecida eficácia, especialmente quando se pretende justificar o ataque a esse inimigo (ver Tenório, 2004).

Em seu avanço os inimigos do cristianismo promovem a “desconstrução cultural”, “uma guerra cultural” contra o cristianismo. A formulação de casos extremos (Pomerantz, 1986; Potter, 1998) é uma estratégia usada para dar credibilidade à versão do inimigo que está sendo construída e desacreditar versões contrárias a ela: “eles não respeitavam mais ninguém, eles não respeitavam mais ambiente nenhum”, “você tinha que aceitar tudo que fosse contrário aquilo que era tradicional da nossa nação”, “o preto começou a ter todos os direitos”.

Mas não se trata de uma guerra aberta, declarada. As narrativas de Lucas e Luiza formulam tacitamente o argumento de que há uma conspiração astuciosa contra os valores cristãos. Uma conspiração invisível para a maioria das pessoas e que lhes foi revelada por meio de alguns sinais. Ao perceber “mudanças de arranjo familiar, discussão de gênero dentro das escolas”, etc., Lucas se deu conta de que tinha algum “interesse”, que tinha “alguém tramando”, contra aquilo em que ele acreditava, “alguém trabalhando”. Então ele resolveu se aprofundar. Luiza é mais explícita na afirmação de uma conspiração invisível ao mencionar o seu entendimento acerca da “implantação do Decálogo de Lenin” e do modo como ele operava: organizando “o gramscismo cultural dentro das universidades, dentro das escolas”, determinando “os critérios de escolha de professores”, jogando “a sociedade uns contra os outros”, “empregado contra patrão”, “preto contra branco”. Nesses relatos há mais descrição das ações dos inimigos de uma forma que apareçam como astuciosas e perversas do que afirmações diretas de perversidade e astúcia, recurso eficaz, como ressaltam vários estudiosos (van Dijk, 1987, Wetherell e Potter, 1992, Potter, 1998) quando se trata de produzir factualidade e de proteger aquele que narra da acusação de ser interessado, parcial, preconceituoso, etc.

Nesse contexto de ataque aos grupos identitários, observa-se a preocupação de se apresentar como uma pessoa sem preconceitos. Assim, Luiza afirma que não tem “nada contra” o “homossexual”, as “lésbicas”, e, por meio da particularização (Billig, 2008), opera uma distinção no interior dessa categoria de homens que estabelecem relações de caráter erótico e afetivo com outros homens. Segundo ela, existe o “homossexual” e existe o “viado”, o homossexual “se dá o respeito”, diferentemente do “viado”. A particularização, que em alguns contextos pode ser entendida como indicação de resistência ao pensamento estereotipado, na medida em que os sujeitos não generalizam um atributo para toda uma categoria (ver Billig, 2008), em outros pode se apresentar, como aqui, como uma estratégia retórica involuntariamente cômica e malsucedida para apresentar a pessoa que a aciona como uma pessoa tolerante.

4.6 Patriotismo

Por fim, o suposto patriotismo do candidato e do movimento bolsonarista justificou em alguns relatos a participação no movimento bolsonarista.

Eu confesso para você que a questão patriota, eu toda vida tive esse pensamento patriota, mas não foi tão aguçado como através de Jair [Gabriel]

A gente não via mais esse clamor do povo pela pátria, e a gente está sendo... resgatado isso que eu acho muito bonito. Por que é uma coisa que eu senti, eu sou professora e na escola atual, da rede pública, eu não vi a experiência que eu tive enquanto aluna, do civismo na escola, até de disciplinas que foram extintas né, como moral e cívica, OSPB, não é? Organização política que a gente tinha uma certa orientação disso e isso foi tirado das escolas e que deixou uma geração meio alienada a respeito desses valores [Vitória]

Nessas falas, Bolsonaro “aguçou”, aumentou, algo já existente, ou então resgatou algo do passado, o civismo e o patriotismo de outro período da história brasileira, o período da ditadura militar, em que as disciplinas mencionadas pela militante Vitória eram ministradas obrigatoriamente. A presença desse patriotismo de matiz militarista como argumento para adesão ao bolsonarismo é coerente com o discurso político de Jair Bolsonaro, político de origem militar que construiu sua carreira política defendendo os valores dos setores mais direitistas das forças armadas e com a influência da antiglobalismo da *alt-right* sobre Jair Bolsonaro (ver L. C. Pinto, 2019).

4.7 Dilemas ideológicos do bolsonarismo

Ao apresentar os argumentos descritos acima pra justificar a adesão ao bolsonarismo, três dilemas ideológicos (Billig et al., 1988) se apresentaram com muita saliência, produzindo contradições e inconsistências nas falas dos militantes: entre libertarismo e ordem, autoritarismo, controle; entre conservadorismo e revolução; e entre tolerância e preconceito.

Alguns militantes advogam o direito de ir e vir numa situação de pandemia e o direito de portar armas de fogo, por vezes usando uma retórica com forte tonalidade antiestatal e libertária. Analisando o libertarismo disseminado na retórica do bolsonarismo, Lessa (2020) afirma que se trata de um libertarismo que prega a volta da sociedade ao estado de natureza, um estado no qual as interações sociais sejam governadas pelas pulsões com um mínimo de mediação de dispositivos artificiais como o Estado, no qual a vida social seria conformada pelas assimetrias de poder tidas como naturais.

Uma sociedade em estado de natureza, governada pelas pulsões, poderia ser interpretada como uma sociedade anárquica, ameaçada pela desordem. Mas certamente seria um equívoco interpretar esses apelos libertários dos militantes como argumentos a favor de algum tipo de

desordem anárquica se espalhando por toda a sociedade. Nem estão afirmando que todas as liberdades devem ser permitidas.

Da liberdade negativa, central no liberalismo de autores como Mill (1859/2011) Hayek (1983) ou Popper (1974), são subtraídas, nos relatos dos militantes, liberdades fundamentais. Em diferentes momentos eles defendem, em contradição com outros momentos em que afirmam as liberdades individuais contra a tirania estatal, algum tipo de intervenção estatal para proibir práticas que eles consideram pecaminosas, como o aborto, ou práticas interpretadas como causadoras de desordem, como é o caso do uso de drogas.

Como explicar essas contradições? O discurso de movimentos sociais e ideologias políticas é caracterizado por variabilidade (inconsistências contradições). Isso ocorre porque a sociedade como um todo é marcada pelo conflito entre diferentes valores, porque a própria natureza do senso comum é dilemática e esses dilemas se atualizam nos grupos e nas subjetividades individuais (Billig, 1991; Billig et al., 1988). Tais contradições tendem a se acentuar quando um movimento político é heterogêneo, como é o caso do bolsonarismo. O movimento bolsonarista é composto por várias direitas. Ele foi eleito presidente com um discurso que juntava ultraliberalismo econômico, conservadorismo nos costumes e defesa da ordem (Oliveira, 2018; Santos & Tanscheit, 2019; Reis, 2020). Enfim, trata-se de um movimento político contraditório constituído inequivocamente por elementos liberais e antiliberais, e essas contradições se atualizam nas falas de seus militantes.

Essas contradições não se devem somente à aliança com os ultraliberais. No interior da própria vertente de ultradireita norte-americana que inspira a família Bolsonaro, a *alt-right*, (L. C. Pinto, 2019), é saliente essa inconsistência entre o apoio à liberação do porte de armas por exemplo, e a vontade de controlar e impedir outras liberdades, como por exemplo o uso de drogas e a prática do aborto. Até mesmo no discurso anarcocapitalista de autores como Hoppe (2014) e Rothbard (2010), com tantas semelhanças com o ultraconservadorismo da *alt-right*,

pode-se identificar o dilema entre liberdade e ordem. Se, por um lado, esses autores advogam o direito de abortar ou usar drogas, embora considerem essas práticas imorais, consideram que, numa sociedade anarcocapitalista, os donos das propriedades teriam o direito de discriminar e, portanto, impedir que pessoas fizessem abortos ou usassem drogas em suas propriedades.

O segundo dilema se apresenta no uso simultâneo da categoria “conservadores” como categoria de autoidentificação e de uma retórica repleta de termos que remetem à disrupção, ruptura, revolução. Certamente para Burke (1790/1997), um dos pais fundadores do conservadorismo ocidental, essa defesa da mudança abrupta soaria como insofismavelmente revolucionária. Não é por outro motivo que estudiosos como Lessa (2020) definem o bolsonarismo como um movimento com traços revolucionários. Os bolsonaristas querem uma revolução para preservar valores que eles vêm ameaçados ou para trazer de volta alguns valores que supostamente teriam sido abolidos.

Por fim, o dilema entre preconceito e tolerância se apresenta nas intervenções em que atacam grupos identitários como se viu na intervenção de Luiza, anteriormente analisada. Nela, um preconceito indiscutível em relação aos homossexuais e negros é acompanhada de uma preocupação de se apresentar como uma pessoa sem preconceitos, ligada aos valores do Iluminismo, uma preocupação presente, no Ocidente, não somente em liberais e em grupos de direita moderada, mas também em membros de grupos de extrema direita, como se pode ver em Billig et. al. (1988).

Potter (1998) faz uma distinção entre dois tipos de ação discursiva. A ação dirigida para o mundo e a ação do discurso sobre si mesmo. Ao descrever um objeto do mundo, o bolsonarismo por exemplo, o falante pode apresentar diferentes versões dele. Ao mesmo tempo, as descrições que sustentam essas diferentes versões podem ser construídas como hipóteses, como fatos, etc. Trata-se de uma ação epistemológica do discurso. Em resumo, o discurso realiza a ação de se apresentar como verdadeiro, factual, hipotético, etc., quando descreve

objetos do mundo. Os argumentos aqui analisados foram acompanhados recorrentemente por estratégias de produção de factualidade. Dito de outra forma, os bolsonaristas, insistentemente, procuravam apresentar-se como pessoas preocupadas com o discurso verdadeiro, que repudiam a mentira, que procuram dar evidências para aquilo que afirmam.

Essa insistência em se apresentarem como pessoas preocupadas com a verdade pode causar estranhamento. Afinal, os novos movimentos de ultradireita se sustentam numa política da pós-verdade (Silverinha, 2018), uma atitude de ironia, desprezo e até deboche em relação à verdade. Além disso, Jair Bolsonaro como político tem se notabilizado nos últimos anos pela produção intensiva de *fake news* nos meios digitais (Reis, 2020). Mas Jair Bolsonaro, em suas intervenções públicas, está longe de fazer um discurso irônico em relação à verdade. Na verdade, sempre que possível ele se apresenta como alguém que personifica a verdade e combate as mentiras dos seus inimigos. O conservadorismo do bolsonarismo é heterodoxo, para dizer o mínimo, mas tem certamente elementos do conservadorismo tradicional, e um deles é a ojeriza às diferentes formas de relativismo. O que os adeptos desse movimento praticam é uma espécie de ceticismo seletivo. Tudo que é dito pelos inimigos do movimento é falso por definição.

De qualquer forma, é possível que a preocupação demonstrada por alguns militantes entrevistados para essa pesquisa em apresentar o seu relato como factual possa ser amenizada numa rede social ou em outros contextos. Aqui, os militantes sabiam que estavam falando para pesquisadores de uma instituição universitária que divulgariam seus argumentos para um público mais amplo, e isso certamente produziu alterações na forma e conteúdo dos argumentos.

Os militantes também se representaram como pessoas preocupadas com a verdade quando descreveram Jair Bolsonaro como um homem simples, que pensa como o povo e fala como o povo, um homem transparente e verdadeiro e o compararam com a mentira e a corrupção de instituições como parlamento e judiciário. Essa retórica que contrapõe a liderança

autentica e verdadeira às instituições corruptas e marcadas pela mentira é uma das facetas do populismo, de acordo com Laclau (2013). E as lideranças populistas que desafiam as instituições tendem a aumentar seu capital político. “Como qualquer tipo de sistema institucional é inevitável e pelo menos parcialmente limitador e frustrante, existe algo de atraente em qualquer figura que o desafie” (Laclau, 2013, p. 189). Como Jair Bolsonaro construiu sua carreira política com uma agressiva retórica anti-institucional, não surpreende que seja representado tão frequentemente pelos militantes como o político que combate as instituições apodrecidas e a corrupta lógica política brasileira.

Este capítulo analisa o modo como os militantes narram o processo de adesão ao bolsonarismo e as mudanças no modo como se definem que teriam ocorrido a partir desse processo.

Para Brenner (2018) o alinhamento político não é resultado exclusivamente de posicionamentos individuais, mas acontece como consequência de processos de socialização em diferentes esferas, como por exemplo: escola, família, religião, que, associados a experiências de vida, sociais, políticas e profissionais podem produzir efetiva ação e engajamento.

Os fatores que levaram grande parte da população a aderir ao bolsonarismo são inúmeros. Entretanto, o processo de identificação com o bolsonarismo precisa ser mais bem compreendido pois a construção da identidade política é fundamental para entender esse e qualquer movimento político.

Para entender como esses indivíduos compreendem o seu processo de adesão ao bolsonarismo e os impactos que essa adesão causou nas suas vidas redefinindo suas identidades, este estudo se utilizará de dois conceitos elaborados por Santos (2007), usados nos estudos de conversão de narrativas religiosas, os conceitos são: rede de mudança e fluxo de mudança.

5.1 Introdução aos conceitos: Rede de mudança e fluxo de mudança

Os conceitos de rede de mudança e fluxo de mudança, elaborados por Santos (2007), surgiram após o autor identificar a necessidade de se trabalhar a conversão religiosa indo além da perspectiva do *Turing point* (ponto de virada).

Turning point ou ponto de virada é um conceito bastante utilizado para “se referir às variações dentro do ciclo de existência do sujeito que se afastam de uma linha de sequências

previsíveis; para identificar mudanças causais, aparentemente não relacionadas ao padrão do comportamento ou ao histórico de vida prévio daquele que vive tais mudanças” (Santos, 2007, p. 74).

De acordo com o Santos (2009), essa noção (ponto de virada) é insuficiente para abarcar as influências sócio-históricas que o indivíduo recebe antes que a conversão/mudança aconteça e é incapaz de responder à questão de “como construímos a nossa mudança identitária através do discurso” (Santos, 2009, p. 45). Por isso, propõe a noção de fluxo de mudança para dar conta do caráter processual da mudança. Para “qualificar a construção discursiva do espaço/tempo das transformações na identidade social de um indivíduo” (Santos, 2009, p. 51). As mudanças no modo como o indivíduo se define não são narradas como um acontecimento abrupto, são descritas como algo que ocorre gradativamente, e relacionadas a fatores sociais, históricos e culturais do sujeito (Santos, 2007).

A noção de rede de mudança, por sua vez, “se relaciona à construção discursiva do conjunto de relações apresentadas como fundamentais para que acontecesse a mudança que caracterizou a conversão” (Santos, 2009, p. 51).

Destarte, a rede de mudança nada mais é do que o conjunto de discursos que incidem sobre alguém e que o fazem refletir sobre determinados aspectos da vida social provocando o fluxo de mudança. Para Santos (2007) o foco tão somente no fluxo de mudança não permite entender os meios que possibilitam que determinado sujeito tome uma nova posição e conseqüentemente construa uma nova identidade social.

Santos (2007) afirma que até mesmo a conversão de São Paulo, narrada na Bíblia no livro Atos dos Apóstolos, apresentada como uma descontinuidade abrupta após uma visão que mudou sua trajetória, está relacionada com o contexto da sua existência, em que a possibilidade do agressor se identificar com o discurso das vítimas e sentir-se atraído já se mostrou comum.

Sem esse convívio e sem o conhecimento dos cristãos e do cristianismo, Paulo não poderia ter se convertido.

Logo, sua mudança está relacionada a um conjunto de fatores, rede de mudança, que o levou a um fluxo de mudança cujo momento específico da transformação não pode ser localizado em um ponto. A própria noção de ponto denota um centralismo e uma rigidez que limita a natureza relacional e fluída das relações interpessoais e da construção da identidade, que é sempre precária e contingente (Santos, 2007).

Rambo (1993), por sua vez, analisando as conversões religiosas dividiu-as em 5 tipos: apostasia, que é a mudança de religião; a intensificação, que é a revitalização do interesse religioso dentro da própria tradição religiosa; a afiliação, onde uma pessoa que não é parte de um movimento religioso se envolve totalmente em um; a transição institucional, quando uma pessoa muda de uma comunidade de fé a outra de crenças similares, e por fim, a transição de tradição, onde uma pessoa muda de uma tradição religiosa para outra.

A partir dessas noções, o processo de adesão ao bolsonarismo se mostrará neste estudo como um processo gradual, nuançado, em que, por exemplo, em alguns casos pode ocorrer sem nenhuma mudança ideológica mais radical no indivíduo, mas como simplesmente um fortalecimento/revitalização do interesse político dentro da mesma corrente ideológica da qual ele já faz parte, ou pode ocorrer como uma mudança mais radical.

Sendo assim, o processo de identificação dos militantes com o discurso bolsonarista começa antes mesmo da própria aparição de Jair Bolsonaro na principal cena política nacional. Vários participantes relatam que as discussões políticas são um tema recorrente em suas vidas, nas quais a família, a religião, os amigos e até mesmo a escola tiveram um papel fundamental. Esses processos constitutivos foram relatados de diversos modos, cada um com suas idiosincrasias e particularidades, mas com muitas aproximações e semelhanças.

O conservadorismo e a cultura ocidental cristã têm um papel fundamental na formação subjetiva desses sujeitos, que por sua vez, não se sentiam devidamente representados com as figuras políticas que disputavam a hegemonia nos processos eleitorais nos últimos anos no Brasil. Nesse aspecto, a aparição de Jair Bolsonaro em rede nacional, juntamente com a difusão da internet, aproximou os militantes dessa figura política que respondia a um anseio comum.

Outro aspecto importante relatado são as consequências subjetivas e materiais implicadas nesse processo. Essa inserção na militância bolsonarista não é indolor, é caracterizada por críticas e tensões próprias do envolvimento político. Os militantes relatam o ônus e o bônus de participar ativamente de um movimento com essas características. “A identificação com o grupo com o qual estabelece relação e a equação positiva entre investimento realizado na militância e as compensações materiais, pessoais e simbólicas que se pode produzir estão presentes e explicam o processo de engajamento” (Brenner, 2018, p. 241).

Como já mencionado, a militância pode ser compreendida como resultado de vários processos de socialização, sejam eles, familiar, escolar, religioso, etc., associados a percursos de vida como experiências sociais, políticas e profissionais e também a participação em organizações e movimentos sociais, podendo produzir ação efetiva. Nesse sentido, a militância é entendida como um processo (Brenner, 2018).

5.2 O processo de mudança da militância bolsonarista

O núcleo familiar aparece como a principal rede de mudança para os entrevistados. Vários deles afirmam que a formação familiar foi o principal condutor para, posteriormente, se aproximarem e aderirem à militância bolsonarista.

Eu sempre tive uma visão mais capitalista da coisa, desde muito novo, isso aí não tem como fugir. Até porque eu venho de família de empreendedor, meu avô era

empreendedor, tinha sua própria padaria, além de ser advogado, meu pai também é do ramo de autônomo, ele tem táxi então ele é um profissional liberal. E eu sempre vi aquela teoria de que você tem que trabalhar para conquistar e não que os outros tem que lhe prover com bons olhos [...] Ainda que me descobrindo politicamente eu caí meio que de paraquedas no aspecto ideológico em 2015, onde eu conheci Jair Bolsonaro através de um vídeo nas redes sociais e a partir daí eu comecei a buscar mais. Primeiro, quem é Jair Bolsonaro e a partir de Jair Bolsonaro, a direita de fato. Aí foi onde conheci Olavo, foi onde eu comecei a ter mais amizade com o pessoal, antes na época que era os Tropeiros, hoje Instituto Borborema. E aí veio 16 /17 e a gente sempre procurando mais conhecimento e tendo Olavo como norte [Abel]

Então, primeiro eu tive uma adesão ao conservadorismo e a direita e só depois eu aderi ao bolsonarismo, digamos assim, porque eu só vim conhecer de fato o trabalho, digamos, de Jair Bolsonaro, vamos dizer no início de 2018. Ou seja, comparada a maioria da militância dele eu já aderi tardiamente, de certa forma, né? E acredito que isso se deu porque eu passei muito tempo dentro de uma bolha esquerdista, talvez por eu ter frequentado Instituto Federal, pelo ambiente, né, por tudo que é fomentado dentro e até mesmo no ambiente de escola e de faculdade, por muito tempo eu fiquei com os olhos fechados para o que era a direita e o que era o conservadorismo. Apesar de ter crescido num lar cristão e num lar conservador, perceba que nem mesmo os meus pais sendo conservadores eles tinham a noção política de que eram conservadores e nem mesmo eu. Então, posso dizer que me debruçando primeiro sobre a Bíblia em uma questão de querer me aprofundar no estudo do feminismo, esse estudo puxou o estudo da esquerda de forma geral [...] Eu comecei a estudar as mulheres da Bíblia, foi uma época onde eu estava realmente muito debruçada e com muita vontade de aprender sobre a Bíblia, eu comecei a falar: "poxa, não tem a ver com o feminismo, com as mulheres

feministas que eu conheço, com o que o feminismo defende”. Então como é que eu posso achar que eu sou uma mulher feminista se o feminismo está para a Bíblia como o nazismo tá para os judeus, não tem compatibilidade [...] Então eu posso dizer que o estudo do feminismo me abriu as portas para tudo que eu conheço hoje [...] Nessa época [2013] eu ainda não tinha, como eu posso dizer, eu não tinha o estudo e a busca e a revelação das coisas que eu tenho hoje. Eu posso dizer que foi mais de 2017 para cá, não nessa época [...] Na verdade, a figura dele eu já conhecia porque se fala há muito tempo de Jair Bolsonaro, desde que ele ia no programa da Luciana Gimenez e eu lembro que a minha mãe assistia e adorava os posicionamentos dele, mas eu só ouvia falar. E como eu estava nesses ambientes com essas amigas eu sempre ouvia coisas péssimas a respeito dele. Então eu nunca tinha assistido nada de Jair Bolsonaro, nunca tinha parado para ver nada sobre quem ele era, os posicionamentos dele, mas eu achava que ele era uma figura horrível, porque todo mundo falava que ele era uma figura horrível. Então quando foi se aproximando as eleições de 2018 foi quando eu falei: "poxa vida, todo mundo fala mal desse cara e eu vou saber o que é que ele defende afinal, porque todo mundo faz esse monstro dele". E foi quando eu percebi que tudo que ele defendia era tudo com qual eu, naquele momento, me identificava e não era o que as pessoas falavam. Então foi aí que eu realmente conheci o Jair Bolsonaro que eu conheço e defendo hoje [Renata]

Eu sempre gostei de política, apesar de não entender assim tanto, mas eu sempre fui mais à direita, se bem que antes de Bolsonaro não tinha ninguém que se intitulasse direita, então era sempre aquele lado PSDB, aqui na Paraíba já apoiei Cássio, essa galera, eu nunca fui da esquerda. Então, desde muito pequena, porque eu acho que minha família sempre foi envolvida com política, envolvida que eu digo assim, em debates, não tem político na família, mas desde muito nova que eu gosto de falar sobre

[...] Eu era "*Team Caiado*", eu achava que Caiado teria mais chance de chegar à presidência e ele estava ao centro, era melhor do que a extrema-esquerda, então era "*Team Caiado*", até o dia em que eu encontrei com o Bolsonaro pessoalmente em Campina Grande, que eu tive contato mais de perto, mais próximo e vi que realmente ele é o que eu pensava que era, uma pessoa simples, realmente desapegada a dinheiro, realmente queria só levar as ideias à frente, inclusive não se importava com as ameaças que vinha sofrendo e foi assim que eu comecei apoiar Bolsonaro, por ele carregar a minha bandeira, entendeu? [Felipa]

O processo de adesão ao movimento bolsonarista, acho que orgânico, foi uma coisa que se desenvolveu progressivamente porque eu sempre fui uma pessoa de direita. Eu sou tão antiga que no meu tempo não tinha gente de direita nas faculdades, você sabe, que era chique, era bacana e descolado ser esquerdista né, votar no PT, fazer essas coisas, no meu tempo não era coxinha, no meu tempo não era direita, no meu tempo era burguesa. Era o nome que eu levava, era burguesa, não me lembro de ter sido outra coisa na vida, nunca votei no PT, nunca aprovei nenhum movimento esquerdista. Creio que devido a cultura judaica também, porque eu sou judia, criada sob tradições judaicas e pela figura do meu pai que também formou muito meu caráter político. Então meu pai foi uma pessoa que sempre trabalhou, sempre achou essa história de sindicato, ele tinha uma metalúrgica inclusive, por coincidência, e ele sempre se deu bem com os trabalhadores e tal, até com os sindicatos, mas ele sempre fazia aquela coisa "olha vieram fazer reunião aqui no meio do expediente, isso eu não gosto", ele dizia, eu pequeninha, eu era bem nova. E aí você cria uma certa antipatia porque enquanto meu pai trabalhava 18 horas por dia, tinha gente querendo perturbar. Então eu sempre fui contra o movimento sindical e hoje eu trabalho para os sindicatos, eu faço essa diferença

profissional, que eu sou advogada e trabalho para os sindicatos. Mas eu nunca fui de esquerda, sempre fui de direita [Adriana]

Olhe, eu nasci assim, em um lar político, onde meu pai era da antiga ARENA, meu pai já é falecido. Então na década de 80, eu tenho uma formação de princípios assim, éticos, morais, ensinados por meu pai, entendeu? [Luiza]

Nas falas acima, pode-se identificar uma série de elementos relacionados a formação identitária desses militantes em associação ao núcleo familiar. No primeiro caso, Abel relata a sua inserção na direita a partir de uma aproximação com o discurso econômico-liberal vivenciado na prática por parte dos seus familiares que o influenciou. Ele ressalta noções claramente relacionadas ao *self-made man*. “Eu sempre tive uma visão mais capitalista da coisa”, “eu venho de uma família de empreendedor”. Como ressalta Rocha (2019), a influência liberal cresceu exponencialmente nos últimos anos no Brasil com a difusão dos *think tanks* e com a amplificação do acesso à internet, mas não só isso, a meritocracia e o discurso individualista são pautas defendidas pela direita há décadas (Delcourt, 2016). Essa influência está bem representada no governo Bolsonaro na figura do ministro da economia Paulo Guedes (Gaspar, 2018).

Esse discurso difundido pelos militantes, principalmente os mais jovens, é aplicada aos diversos âmbitos da vida, do mais elementar ao mais abrangente, sendo a representação última da subjetividade neoliberal (ver Dardot & Laval, 2016). Há uma exaltação da ação individual e uma desqualificação do assistencialismo estatal em seu relato, “você tem que trabalhar para conquistar e não que os outros tem que lhe prover com bons olhos”.

Abel narra que aderiu ao bolsonarismo ideológico em 2015, discorre sobre a sua mudança e aprofundamento ideológico após o conhecimento da figura de Jair Bolsonaro nas

redes sociais, isso o levou também ao conhecimento do ideólogo da família Bolsonaro, Olavo de Carvalho (Bilenky, 2020).

Considerado “parteiro da nova direita” e guru do presidente, Olavo sempre utilizou a internet como ferramenta de adesão. Antes mesmo de a internet ser considerada uma ferramenta para esses propósitos, Olavo de Carvalho já vendia cursos e interagiu em fóruns de discussão com militantes de direita em todo Brasil (Fellet, 2016).

Após isso e conhecendo participantes do curso do astrólogo, Abel construiu laços de amizade com esses indivíduos e entrou em um *think tank* da cidade para o aprofundamento teórico e ideológico e conseqüentemente da sua militância, “e aí veio 16 /17 e a gente sempre procurando mais conhecimento e tendo Olavo como norte”.

Nesse sentido, Abel narra o seu processo de mudança como algo de natureza gradual, abordando aspectos concernentes à sua formação ideológica que vem desde a sua infância com forte influência dos seus familiares, até sua inserção em *think tanks* da cidade depois de formar laços de amizade com indivíduos que já faziam parte do instituto.

No segundo exemplo, Renata começa ressaltando o caráter paulatino do processo de conversão, “primeiro eu tive uma adesão ao conservadorismo e a direita e só depois eu aderi ao bolsonarismo”. Essa demora, que ela relata para aderir a militância bolsonarista, está associada à sua formação acadêmica, por estar muito tempo dentro de “uma bolha esquerdista”.

Renata usa a palavra “revelação” para narrar seu processo de inserção no movimento bolsonarista. Ela reconhece que em 2013 não tinha tanta compreensão dos acontecimentos da política nacional e coloca que sua adesão começa a partir de 2017. A militante fala sobre os posicionamentos de Bolsonaro e o contraste que existia entre a sua casa e o ambiente acadêmico do qual fazia parte. Enquanto seus familiares apoiavam os posicionamentos de Jair Bolsonaro,

Renata relata que por influência do ambiente acadêmico que frequentava e das pessoas que a influenciava, achava “horível” a figura do então deputado.

É nesse momento que acontece a “revelação”, quando em 2018 a militante argumenta consigo mesma e se questiona sobre a figura do presidente. Entretanto, ela não era totalmente alheia ao conteúdo da argumentação do político Bolsonaro, a mesma afirma que já sabia da sua existência em programas de auditório que tem por característica fomentar polêmicas e declarações esdrúxulas. Além disso, a militante já tinha contato com o discurso conservador no ambiente familiar, ou seja, o contexto da sua mudança já estava posto.

Renata conhecia o discurso feminista devido a universidade e o discurso bolsonarista devido a sua família, e quando chamada a tomar um posicionamento nas eleições de 2018, concretiza sua adesão a militância bolsonarista.

Como é recorrente no discurso dos militantes de direita (ver Sousa, Oliveira Filho, Araújo e Vieira, no prelo; Cepêda, 2018), na fala de Renata, as universidades públicas e os institutos federais são descritos como ambientes majoritariamente de esquerda, e esse predomínio da esquerda teria, segundo ela, atrasado o seu processo de inserção no movimento bolsonarista.

Para enfatizar essa demora em aderir ao movimento bolsonarista, Renata usa de uma figura de linguagem, a metáfora, “por muito tempo eu fiquei com os olhos fechados para o que era à direita e o que era o conservadorismo”. Esse “despertar” teria começado quando a militante, estudando a bíblia e buscando o feminismo nas mulheres bíblicas, não conseguiu encontrar “compatibilidade” entre a perspectiva feminista que ela conhecia e o conservadorismo cristão no qual ela foi formada. Ela confirma que o estudo do feminismo abriu as possibilidades para que ela estudasse sobre outras correntes políticas e identifica-se com a

ideologia conservadora, “o estudo do feminismo me abriu as portas para tudo que eu conheço hoje”.

Nesse sentido, e utilizando as noções de conversão propostas por Rambo (1993), houve um processo semelhante a apostasia, uma mudança de um espectro ideológico para outro. Narrando sua mudança de um espectro ideológico para outro, distanciando-se da esquerda do instituto federal do qual fazia parte para aproximar-se da direita do seu lar conservador. Essa confrontação provocou sua mudança que desembocou na militância bolsonarista e em todas as dificuldades que isso acarreta, como será relatado *a posteriori*. Isso está muito bem representado na sua fala quando afirma: “como é que eu posso achar que eu sou uma mulher feminista se o feminismo está para a bíblia como o nazismo tá para os judeus, não tem compatibilidade”.

Destarte, só foi possível haver essa mudança identitária na militante devido ao seu contexto familiar e religioso e ao conservadorismo imprimido em sua vida desde cedo. Apesar das tensões que se seguiram quando Renata estava na universidade, sua narrativa fala de uma formação familiar determinante para sua adesão ao bolsonarismo. Ela não conhecia o discurso conservador, mas foi socializada, sem ter consciência disso, como uma conservadora, por “ter crescido num lar cristão e num lar conservador”.

Felipa, por sua vez, relata sua inserção longeva no movimento de direita reafirmando o caráter paulatino do processo de mudança: “sempre gostei de política, apesar de não entender”. A militante ressalta a importância do debate em família para essa inserção e revela a sua preferência política antes do bolsonarismo. É importante salientar que vários militantes bolsonaristas relatam essa adesão “forçada” ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), por ter sido o contraponto ao petismo por muitos anos. Em outro momento da entrevista, Abel e Rafaela afirmam o mesmo que Felipa, enfatizando a sua condição

antiesquerdista. Felipa que apesar de não se intitular de direita à época e de não entender os processos políticos, tinha claramente no antiesquerdismo sua bússola eleitoral.

Santos e Tanscheit (2019) afirmam que a ascensão da “direita radical” (incorporada no bolsonarismo) coincide com o declínio da “direita moderada”. Mas, é importante ressaltar que esse fenômeno de uma direita radical, visível no espaço público é recente, pois no começo da nova república os partidos oriundos da ARENA [PFL/DEM e PDS/PP] não lograram êxito nas disputas eleitorais, muito provavelmente devido a sua origem autoritária. Isso moldou o comportamento desses partidos criando o fenômeno da “direita envergonhada” (Madeira & Tarouco, 2011, p. 175).

Essa “direita envergonhada” se abrigou por muitos anos no PSDB, pois era o único partido com capilaridade suficiente para enfrentar o Partido dos Trabalhadores (PT) nas eleições majoritárias. Essa incorporação, por sua vez teve data de validade, já que a vitória do presidente Jair Bolsonaro efetivou a “troca de guarda”, na qual a “direita moderada” encabeçada por muitos anos pelo PSDB dava lugar a uma “direita radical” (Santos & Tanscheit, 2019).

Em seu encontro pessoal com Bolsonaro, Felipa afirma ter percebido que ele era “uma pessoa simples, realmente desapegada a dinheiro” uma pessoa que “realmente queria só levar as ideias à frente”. Isso foi impactante para ela, já que durante aquele momento se considerava eleitora de Ronaldo Caiado, político filiado ao DEM (Democratas). Esse encantamento com a figura de Jair Bolsonaro, que teria impulsionado o processo de adesão ao bolsonarismo, é narrado também por outros militantes, como é o caso de Gabriel e Rafaela.

Diferentemente dos outros, Adriana se apresenta como alguém que sempre foi convictamente de direita. A adesão ao bolsonarismo parte de um lugar já próximo ideologicamente. Constrói para si uma trajetória marcada pela estabilidade, afastando-se de toda e qualquer concepção fugaz e passageira de militância: não lembra de “ter sido outra

coisa”; mesmo quando ser de esquerda “era chique, era bacana e descolado”, ela nunca teria duvidado de sua opção ideológica.

Ela relata um episódio específico para dar substancialidade a essa repulsa pela esquerda e pelos movimentos sindicais. Filha de metalúrgico, ela usa do discurso direto (“vieram fazer reunião aqui no meio do expediente, isso eu não gosto”) para dar veracidade a versão segundo a qual o pai teria sido uma pessoa fundamental na formação do seu “caráter político”. Autores como Potter (1998) e Santos (2007) ressaltam que o discurso direto proporciona mais veracidade ao que está sendo relatado, mas este último alerta que ele não deve ser entendido como a voz do outro na cabeça do narrador, uma vez que esse mecanismo é uma abstração que vem ao encontro do que está sendo posto.

Luzia também enfatiza a importância do seu pai na formação de sua identidade política. Seu pai, filiado a ARENA (Aliança Renovadora Nacional), aparece como figura importante na promoção de um discurso moralista e conservador. Essas bases são importantes para que ela compreenda o bolsonarismo como a melhor opção. No relato de Luiza, identifica-se uma formação subjetiva favorável ao discurso bolsonarista desde muito cedo, não sendo possível identificar qualquer variação contrária ao pensamento de direita em sua existência. O bolsonarismo apenas revitalizou/fortaleceu o que para ela já se dava como algo inquestionável.

Como já mencionado em outros momentos, é difícil separar a influência da família a influência da religião na vida desses indivíduos, pois elas caminham juntas e se entrelaçam durante todo o percurso de vida dos sujeitos.

Eu sou evangélico de uma tradição protestante chamada congregacional. E quando eu passei a estudar a política a luz de uma cosmovisão cristã, numa perspectiva evangélica, eu comecei a me interessar mais por política e acompanhei desde aqueles processos de junho de 2013 até aqui [Danilo]

Assim como Adriana que enfatiza a tradição judaica na formação da sua compreensão de mundo e Renata que narra sua mudança após uma “incompatibilidade” entre a perspectiva feminista e a bíblia, Danilo também coloca a importância da religião na sua formação e aproximação do bolsonarismo.

Quadros e Madeira (2018) lembram da importância para a sustentação do bolsonarismo na política nacional aliar-se aos setores ligados ao fundamentalismo religioso. Bolsonaro, por exemplo, faz recorrentes acenos para essa parcela da sociedade brasileira. Mesmo sendo católico, Bolsonaro cresceu associado aos pastores evangélicos no Rio de Janeiro, particularmente à Igreja Universal do Reino de Deus do pastor Edir Macedo. Nesse sentido, é natural que esta seja a base para aproximação entre os militantes e o conteúdo da sua militância.

Danilo narra sua experiência baseando-se na sua formação cristã, ressalta o caráter longo do processo de mudança. Sua base política está diretamente relacionada a cosmovisão de mundo na qual ele foi formado. Sendo assim, não houve qualquer tipo de mudança abrupta relatada por Danilo, sua compreensão de política sempre se deu nessas bases e por elas foi moldada. O bolsonarismo, no entanto, se apropriou desse discurso conservador evangélico e teve êxito na captação desse público para a sua eleição.

Além da família e da religião, os amigos se apresentam nessas narrativas como influências importantes no processo de adesão ao bolsonarismo.

Bem, na verdade o interesse por política surge desde a minha infância, eu já acompanhava as campanhas e tinha uma participação muito ativa no que diz respeito a discutir, a conversar com amigos, mesmo ainda muito novo eu já tinha um interesse por política né, tive oportunidade de passar de algumas de forma mais ativa, mais efetiva
[Luan]

A militância pessoal foi através do Abel, que ele também da direita, militante em Campina Grande. E ele amigo de minha irmã, nós começamos a conversar e a estabelecer um contato, daí então estabeleci um contato com os grupos ao qual ele tinha acesso e aí eu fui inserido neste meio [...] O primeiro despertar para isso foi quando eu tinha cerca de cinco anos e eu vi no Jornal Nacional uma lei esdrúxula, era Lula presidente, uma lei esdrúxula aprovada pelo congresso. Eu disse, “não, mas espera aí mãe, essa lei é horrível não tem condição (algo de fundo moral), não tem condição isso, tem que alguém parar”. Minha mãe disse: "não, não tem ninguém que possa barrar esse tipo de coisa, eles votaram, tá votado". Aí eu disse: "não, tem alguém que pode barrar..." e lembrando do veto presidencial minha mãe disse: "É tem, é o Lula, é o presidente!". Eu disse: "pois bem, então eu quero... quando crescer ser presidente da república pra vetar esse tipo de coisa". [Alan]

Luan ressalta seu interesse antigo por política e a importância dos amigos na formação da sua rede e das discussões políticas para a construção de uma militância. Alan, relata que essa aproximação com Abel aconteceu através da sua irmã e que seu amigo, também participante desta pesquisa, o inseriu na dinâmica militante.

Ambos relatam um processo gradual de formação da identidade política que teria começado há muito tempo. Luan menciona sua atração pela política desde muito novo, ligado aos momentos de efervescência das campanhas eleitorais e dos debates com amigos.

No caso de Alan, o processo gradual de mudança também ocorre, ele ilustra sua revolta desde muito cedo, através do discurso direto, com a dinâmica política nacional em um diálogo que teve com sua mãe enquanto criança. Esse diálogo busca construir uma insatisfação do militante com as políticas implementadas no governo do presidente Lula. Sua narrativa hiperbólica o representa como alguém interessado desde os “cinco anos” na política e indignado

com a aprovação de uma lei (“de fundo moral”) que feria seus princípios. Trata-se claramente de uma narrativa que procura construí-lo como alguém que desde criança se posicionava no mundo como um conservador.

Outras relações e instituições que podem ser consideradas como elementos do que este estudo vem denominando rede de mudança são mencionadas pelos militantes. Essas redes não atuam isoladas, são relacionais e intrinsecamente próximas.

O ambiente acadêmico, apesar de ser compreendido como um ambiente majoritariamente de esquerda também tem sua importância na formação de sujeitos hoje integrados na direita bolsonarista, mas também instituições educativas e de lazer como os escoteiros são citadas.

Uma professora identificou no meu pensamento muita proximidade com o Olavo de Carvalho e ela disse, "olha, você veja um vídeo dele" e a partir daí eu comecei a observar mais e dar mais atenção, ao comprar livro, estudar e gostar bastante [Alan]

É o seguinte eu fui escoteira, não, fui não, uma vez escoteiro, sempre escoteiro. Então o que é que a gente ensina aos jovens, a gente tem uma base, onde a gente trabalha e a gente ensina os princípios da educação e do respeito. Então nós temos na equipe ex-escoteiras em que a gente tem que a nossa lei do que a gente tem que fazer. E a nossa primeira lei escoteira é “minha palavra vale mais do que a minha própria honra”, eu vejo isso muito em Bolsonaro [...] Quando Jair Bolsonaro teve aqui em junho do ano passado, eu tive oportunidade de tirar foto com ele, eu estive com ele. Então eu vou te contar um segundo que eu tive com ele, o que ele passou para mim foi uma segurança, naquele momento, até aquele momento que eu consegui falar com ele, não foi mais que um minuto, eu voltava em João Amoedo, eu era anti-PT, eu era anti-PT. Então assim, como eu não gostava dos outros, nunca tinha escutado falar em Jair Bolsonaro, quer dizer,

como deputado escutava tudinho, mas não era essas coisas todas e até aquele momento eu gostava mais de João Amoedo. Então eu comecei... Inclusive adesivei o meu carro com João Amoedo tudinho e naquela oportunidade que eu conheci, que eu estive com o candidato ele olhou para mim assim, como olhou para muitas pessoas que no momento estavam no camarote lá no Parque do Povo, e ele disse "eu só quero uma oportunidade, eu só quero uma única oportunidade para ver se a gente consegue mudar, não vai ser fácil". E aquilo ali ficou, entendeu? E aí assim, eu comecei a ver como é, quem era João Amoedo, comecei a ver quem era Bolsonaro, vi que ele falou sozinho e aí eu fui me simpatizando e aí as pessoas começavam a dizer, "mas ele é homofóbico, ele não sei o quê" e aí eu comecei a realmente a olhar e tudo aquilo que as pessoas diziam era tudo o que ele não dizia, era tudo o que ele não era, digo "bom, tem alguma coisa errada, eu vou ficar com Bolsonaro, eu vou votar em Bolsonaro, vou fazer uma campanha para ele porque eu quero ver, pelo menos é uma coisa que eu sei que vai ser nova, eu não sei em que é que vai dar, eu não sei em que é que vai dar". Mas o que me foi a sensação de querer mudar, verdadeiramente, entendeu? [...] Então assim, gosto das atitudes dele, ele é uma pessoa bruta, ele é uma pessoa assim que... Ele é muito intempestivo, como eu, entendeu? E assim, a resposta que ele dá é muito precisa, lhe digo sinceramente, a maioria das respostas grossas que ele dá era a resposta que provavelmente eu daria, eu acho que eu me identifico com isso [Rafaela]

O relato de Alan vai de encontro às acusações do movimento Escola Sem Partido, movimento este que acusa educadores de promover unicamente a ideologia de esquerda nas escolas. Ao descrever a importância da sua professora na formação do seu pensamento, ele relata que foi ela que indicou Olavo de Carvalho, ideólogo da direita bolsonarista, como referência teórica (Bilenky, 2020). Ele não percebe nenhum problema na influência ideológica

da sua professora na formação do seu pensamento militante, obviamente porque o autor indicado é alguém inequivocamente de direita e isso não o constrange.

O movimento Escola Sem Partido busca uma suposta neutralidade na difusão de ideias e o cerceamento do pensamento crítico entre os jovens estudantes. Esse movimento vem crescendo ao passo em que a direita cresce no debate público, constringendo educadores e definindo a pauta das escolas em todo o país (Macedo, 2017).

No caso de Rafaela, o movimento escoteiro e as premissas que baseiam esse agrupamento se aproximam do discurso de defesa da verdade e da honra que os militantes bolsonaristas identificam no presidente. Como visto anteriormente neste trabalho, mencionado, o que para muitos pode parecer intransigência, autoritarismo e grosseria, para os militantes bolsonaristas é uma das facetas mais atraentes do bolsonarismo.

Rafaela narra sua mudança após um encontro com o político Jair Bolsonaro: “eu vou te contar um segundo que eu tive com ele, o que ele passou. Para mim foi uma segurança, naquele momento, até aquele momento que eu consegui falar com ele, não foi mais que um minuto”. Nesse momento a militante afirma ter como candidato o também liberal, João Amoedo. Usando o discurso direto — maneira eficaz de apresentar um relato como factual (Potter, 1998), afinal, citar literalmente uma fala de outro apresenta o narrador como alguém que esteve presente de fato na cena — reproduz uma fala do então candidato à presidência Jair Bolsonaro: “eu só quero uma oportunidade, eu só quero uma única oportunidade para ver se a gente consegue mudar, não vai ser fácil”.

Após esse encontro, a militante teria começado a observar mais detalhadamente o candidato analisando suas falas e o que as outras pessoas falavam a respeito dele. Isso chamou atenção para a contradição entre o que era dito e que repercutia, após isso entendeu que ele seria a mudança necessária para o país.

Ao fim, a militante relata características com os quais se identifica na figura do presidente, as pautas que Bolsonaro defende e o seu modo de ser se assemelham ao que ela entende como sendo o seu modo de ser no mundo. Essa identificação também colabora para sua adesão e para a defesa que a mesma faz da figura política de Jair Bolsonaro.

Cesarino (2020) afirma que um dos aspectos fundamentais que constituem a formação identitária dos militantes bolsonaristas é a ausência de mediação entre o líder e o seu público. Bolsonaro dispensa qualquer tipo de relação pautada por institucionalidades e mediações, busca construir essa relação com um vínculo direto, principalmente nas redes sociais, entre ele e os seus apoiadores. Como Rafaela e Felipa apresentados anteriormente, Gabriel procura apresentar em sua narração essa relação direta entre ele e o próprio presidente como um fator que teria tido um papel fundamental na constituição de sua identidade de militante bolsonarista.

Então no primeiro momento votei no PT, no primeiro mandato de Lula, votei no PT como uma perspectiva de haver uma mudança no Brasil politicamente e economicamente para o futuro dos brasileiros, o futuro do setor produtivo do Brasil e depois a gente viu que houve aquela grande decepção. E eu ficava a interrogação de quem seria o sucessor que tivesse esse pensamento econômico entre outros fatores. Então um dia eu vendo uma reportagem de Bolsonaro, um depoimento de Jair, eu achei interessante, falando sobre a questão econômica do Brasil e eu pensei, eu disse: rapaz, esse cara tem alguma coisa diferente. Procurei saber quem era Bolsonaro, deputado, acho que de quatro mandatos, e comecei a procurar, eu nunca tinha me envolvido na questão direita ou esquerda, eu imaginava só a questão financeira, na questão comercial do nosso Brasil, do nosso estado, sempre eu me interessava por isso. E eu entendia que só através da política é que poderia se resolver, vir alguma mudança tanto para bom como para ruim. Então, procurei saber alguns grupos que conhecia Bolsonaro e eu conheci Joana que é lá de Cabedelo, Joana é amiga pessoal de Jair e Joana é uma pessoa

extremamente do bem, uma pastora evangélica e eu sabia que tinha esse contato dele e tinha já algumas pessoas, Ricardo que ele é armamentista lá de João Pessoa também procurou saber, já tinha um pequeno grupo com interesse, então eu entrei em contato com essas pessoas para trazer Jair para dar uma palestra aqui sobre essa questão econômica, tanto na associação comercial ou na FIEP (Federação das Indústrias da Paraíba), eu não procurei saber muito o leque de ideias de Jair, questão de armamentista, questão... eu procurei saber aquilo que eu acreditava que eu defendia. Então na primeira vez houve a palestra, foi lá no Garden nós que trouxemos, Campina Grande. O então Deputado Federal Julian Lemos daqui de Campina Grande também, a gente começou a ter contato também e trouxemos Jair para Associação Comercial, acho que no Garden, Hotel Garden aqui em Campina Grande também, onde teve muitos alunos de vários cursos e universidades, inclusive estava em massa lá o pessoal do curso de Direito da Unifacisa. Então acho que já era as pessoas procurando saber também quem era Jair Bolsonaro com relação à questão armamentista, questão de leis e tudo. Então eu comecei a observar e certa vez aqui na terceira vinda de Jair Bolsonaro aqui na Paraíba em Campina Grande, foi em João Pessoa, foi em Patos, nós tivemos um bate-papo lá no Catolé na casa da minha amiga Adriana né, Adriana e eu falando a Jair sobre a questão financeira da Paraíba [...] meu engajamento com relação a Jair se baseia muito nisso, na questão financeira, na questão da indústria de nossa Paraíba, nessa mudança. Até porque eu vinha 16, 17, foi um ano muito difícil financeiramente e eu procurava um uma saída, uma solução, eu entendia que não existe solução através da política, políticas públicas né, eu não tenho como viver com o Estado, mas só o Estado não atrapalhar para quem quer empreender, quem quer isso, então me chamou muita atenção as declarações dele com relação a isso, "menos Estado, mais empresas" [Gabriel]

Gabriel constrói sua adesão ao bolsonarismo como algo que se deu a partir de uma aproximação direta entre ele e a figura de Jair Bolsonaro. No início o militante não estaria interessado em entender aspectos ideológicos do até então deputado, mas sim, interessado em saber a respeito de questões econômicas. Gabriel afirma já ter votado no Partido do Trabalhadores (PT) e estar demasiadamente frustrado com os rumos que a política econômica do PT havia tomado nos últimos anos: “as empresas brasileiras não tiveram nenhum incentivo e nós tivemos vários e vários financiamentos para as empresas de foro como foi constatado na operação Lava-Jato e em todas as operações, porto de Cuba e muitas outras”.

Em outro momento da entrevista, o militante afirma que sua pequena indústria foi a falência e culpabilizou o Estado por um roubo do seu maquinário: “fui assaltado, invadiram lá, ineficiência do Estado, roubaram o meu galpão, levaram minhas máquinas, mais de 30 mil de máquinas. Olha que situação o socialismo que nós vivíamos, ele beneficiava outros países e os brasileiros morrendo de fome”.

Além disso, o militante também culpabiliza o governo por não ter conseguido concretizar um empréstimo no Banco do Nordeste: “eu queria um empréstimo de 70 mil reais apenas e o Banco do Nordeste disse: ‘olhe, faça um projeto’. E eu contratei um consultor do SEBRAE, fiz um projeto e paguei 2 mil reais. Quando eu voltei lá era uma burocracia tão grande, na verdade foi liberado só 20 mil reais, eu precisava de 70 que é o valor mínimo para você empreender, para você botar um indústria num dos estados piores para se empreender no Brasil que é a Paraíba”.

A responsabilização do governo por sua falência o teria levado a aderir ao bolsonarismo em um processo gradual. O mesmo ressalta que começou sua busca tentando identificar nele uma saída para a economia do país. A questão econômica é central para Gabriel, sua mudança não é repentina, apesar de afirmar ter votado no Partido dos Trabalhadores, sua visão é

direcionada apenas para aspectos econômicos com um discurso claramente liberal, "menos Estado, mais empresas".

Gabriel encontrou pessoas que o apresentaram a Bolsonaro e conversou com ele em uma de suas vindas à Paraíba. Afirmar que Bolsonaro foi muito solícito, o ouviu e o convenceu a tornar-se candidato pelo PSL (Partido Social Liberal), gravando até um vídeo em benefício da sua candidatura. Também usando o discurso direto, narra uma conversa com Bolsonaro em que o político teria dito: "Gabriel, você tem algumas ideias boas, vamos ser candidato". Após esse convite, "dois meses antes da campanha", ele teria aceitado ser candidato pelo PSL. O fluxo de mudança de Gabriel é narrado como algo que se acelera ao encontrar a figura de Jair Bolsonaro num contexto de declínio econômico e de insatisfação com o intervencionismo estatal.

Por fim, tratar o movimento sindical como um espaço para a inserção política é uma obviedade. Mas não somente isso. Os sindicatos, foram e são classificados como organizações de esquerda devido ao seu histórico e origem (ver Santana, 2008). No entanto, no caso específico do militante Fernando, o sindicato lhe possibilitou angariar capital popular o elegendo vereador, mas como cristão evangélico e ligado a movimentos de direita na política municipal sua atuação é pautada por essa ideologia.

A minha forma de pensar política, de fazer política, ela se deu diante da minha militância própria do movimento sindical, eu venho do movimento sindical, poucos me conhecem ou alguns me conhecem, mas muitos têm uma visão de que todo movimento sindical ele é voltado a política de esquerda, não é? Eu ingressei no movimento sindical em 96, já fazia política muito antes, porque eu seguia um grupo político de nossa cidade, bem antes de fazer parte do sindicato, desde criança me interessei muito e isso é me empolgou, me motivou a isso. Eu faço parte de três instituições nacionalmente, sindicais, dentro dessas instituições eu sou aquele e em alguns pontos eu sempre faço

questão de colocar minhas posições, divergir, entretanto, com respeito aos meus companheiros que tem outra visão fora a minha. E isso tem me conduzido a participar efetivamente hoje com inúmeros segmentos da cidade, alguns que me entendem, outros que não me entendem, mas eu consigo abraçar e conviver com esse diferente e em algumas vezes até sendo um tanto quanto diferente dos demais, né? As pessoas me cobram "olha, você é sindicalista, mas seu pensamento não é de um sindicalista de esquerda", eu não vou muito nesse caminho, porque até pouco tempo quem fazia política, não se comentava muito sobre essa divisão que existe hoje na política, esquerda e direita, você sabe disso [Fernando]

Fernando narra sua inserção na política como algo que se deu desde muito cedo, participante de movimento sindical, ele se apresenta como alguém que compreende a dinâmica desse movimento e a ideologia política que dão as bases para o sindicalismo brasileiro. Entretanto Fernando não se recusaria a discutir e formular uma visão oposta a dominante nesses espaços. Se apresenta como um direitista que sofre incompreensões, embora não de todos ("alguns que me entendem, outros que não me entendem"), mas que aprecia a pluralidade de pontos de vista ("mas eu consigo abraçar e conviver com esse diferente").

Além disso, Fernando ressalta a deficiência no debate político brasileiro, "até pouco tempo quem fazia política, não se comentava muito sobre essa divisão que existe hoje na política, esquerda e direita, você sabe disso". Esse modo de compreender, dele e de outros atores, se relaciona claramente com a dinâmica política brasileira desde a redemocratização. Com PT e PSDB dominando as eleições majoritárias e com a vergonha dos setores de direita se posicionarem como verdadeiramente de direita, a política nacional não avançava nesse debate e os políticos manejavam suas condutas de acordo com o cenário mais favorável para eles sem se comprometer com nenhum conteúdo ideológico. No entanto, de 2013 para cá isso

vem mudando e trazendo consequências inclusive para sua atuação como sindicalista e político militante de direita.

5.3 Consequências de tornar-se um militante

Tornar-se um militante bolsonarista tem o ônus e o bônus de qualquer investimento público em um movimento radical, e essas consequências, por vezes não são investigadas ou percebidas pelos pesquisadores. Ao narrar as redes de mudança e o fluxo de mudança, os militantes bolsonaristas também narraram os ganhos e as perdas relacionadas à adesão ao bolsonarismo. Aspectos positivos e negativos são recorrentes nas falas dos militantes quando mencionam o percurso dentro desse movimento nos últimos anos.

Sempre me dei bem com todo mundo independente de política. Eu nunca briguei... quer dizer, nunca também é exagero, mas eu sempre evitei brigar por discussões ideológicas. A partir de 2015 que eu entrei mesmo para valer na política, na luta ideológica, eu sempre evitei. Não é à toa que eu tenho três primos que são extremamente de esquerda, comunistas filiados ao PSOL, nem por isso eu vou deixar de me relacionar com os meus primos. A gente tem nossas divergências, às vezes fico com raiva, mas nunca vou deixar de respeitá-los, isso é com qualquer um, porque primeiro o respeito tá acima de tudo [...] então, minha vida continua normalmente, só tive mais desgaste mesmo, porque política lhe desgasta muito, você trabalha demais, sou moleque, vou fazer 23 anos agora mês que vem, daqui a vinte dias, e já tá nascendo pelo branco na barba, com 23 anos, um estresse altíssimo [Abel]

Eu posso dizer que eu me sinto acolhida e que de fato eu me sinto representada hoje. Passa-se muito a ideia de que a esquerda é muito acolhedora e quando você está dentro você até acha que é, que a esquerda é muito acolhedora, é muito tolerante, mas perceba,

a partir do momento em que eu me voltei mais para a igreja, já comecei a ser rejeitada pela esquerda. Então a tolerância, de fato, ela não existe, ela só existe até onde você segue a cartilha fielmente. Você não pode sequer se desviar um pouco da cartilha que essa tolerância já não existe mais e é por isso que hoje a maior parte das ameaças, que são diárias que eu recebo, são de esquerdistas ou de movimento feminista. E dentro da militância de direita, do conservadorismo, hoje eu me sinto legitimamente representada. Então de fato eu posso dizer que encontrei o meu lugar [...] eu ganhei muita gente de muitas partes do Brasil, hoje eu tenho quase 15 mil seguidores, mas ao mesmo tempo eu perdi inúmeras pessoas que estavam perto de mim simplesmente por questões políticas ideológicas. E por isso eu te falei, lá no começo da entrevista, que é muito curioso que esquerdistas falem tanto em tolerância, em amor, em abraçar as pessoas como elas são ou a partir do que elas defendem... e eu vivi e vivo todos os dias de perto uma intolerância que chega a colocar a minha vida em risco. Então, eu perdi amizades, pessoas até mesmo de dentro da família me bloquearam, simplesmente por causa do meu posicionamento, inúmeras, inúmeras pessoas mesmo que passa um filme na minha cabeça que eram próximas a mim e hoje sequer me dão um bom dia na faculdade ou passam e pisam no meu pé para não falar comigo, simplesmente porque eu me posicionei. É uma intolerância que só quem passa sabe do que a esquerda, do que o feminismo é capaz de fazer contra uma pessoa que se posiciona por uma cartilha diferente da deles [Renata].

Eu acho que não consigo chegar ao tanto ódio que a pessoa do presidente chega, porém é muito, bastante similar, são ataques diários, ofensas como: fascista, genocida. Apoiar Bolsonaro é levar pancada junto com ele [Ramirez].

Não é muito boa, não, a experiência, por quando você tem que carregar ideias, quando você tem que levantar alguma bandeira, você vai sofrer represálias, porque tem o outro

lado e geralmente o outro lado não compreende porque você defende tais bandeiras. E infelizmente, pelo menos é o que acontece comigo, eu não perco meu tempo em nenhuma página de esquerda, indo lá esculhambar dizendo que quero que morra, com violência, coisa que acontece comigo [...] Então eu perdi muita amizade, tem gente da família que não fala mais comigo, essas coisas, entendeu? Porque também eu entendo que na rede social é difícil você expressar o que você sente, só digitando ou então fazendo um meme, uma postagem, às vezes a pessoa acha que tem uma conotação agressiva e não é o que eu quero passar, mas parece. Então é até compreensivo que o povo se afaste, eu nem os questiono [...] não tenho muitos amigos que pensam igual a mim que eu tenho contato físico não, é mais virtual mesmo, internet, Telegram, essas coisas, WhatsApp, mas pessoalmente praticamente isolada pouquíssimas pessoas que eu tenho contato, só os que são da política. [...] quando tá no meio de uma turbulência em meio a política, notícias e tal, você vem e continua batendo naquela mesma tecla que aquela é a verdade, que a verdade é aquela, você sabe que é. E quando lá na frente, tudo é revelado e aí as pessoas vêm dizer, bem que você falou, é isso mesmo. Quando as pessoas reconhecem que o caminho mais acertado é esse, não que seja perfeito, mas para dar certo tem que ser dessa forma, aí é gratificante quando vem alguém e lhe agradece e parabeniza, que não tem a coragem que eu tenho. Essas coisas aí que faz com que a pessoa... É um gás para você querer continuar, se não, não teria como, porque financeiramente não tem vantagem [Felipa]

Rapaz é uma experiência muito boa, muito bom de verdade. Eu estava até certo dia conversando com meu filho que tem 12 anos, nesses dias agora Ayrton Senna fez... Acho que um tempo que ele faleceu e a gente tem essa questão patriota de saber que você tá contribuindo pra sua nação, que você virou um ajudador, que você virou uma pessoa que contribui, você se sente útil, de chegar um nível que você não imaginava de

ser, não é? E a gente defender o que é bom, o que é puro [...] mas está sendo uma experiência extremamente importante, eu acho que vou levar para o resto da minha vida de ter convivido um pouco com um presidente da república, alguém que não tinha crédito algum [...] A experiência está sendo fantástica, eu como repito, vou levar para o resto da minha vida essa experiência que eu tive da gente eleger o improvável, fazer parte da história do Brasil [Gabriel]

Diferente de outros momentos deste estudo, neste tópico não se abordará a identidade coletiva do bolsonarismo tal como construída pelos militantes, nem os fatores responsáveis pelo processo de identificação. O foco aqui é o conteúdo que vão acrescentando às suas identidades individuais como uma decorrência da adesão ao bolsonarismo.

De acordo com Jenkins (2004), a identidade coletiva e a identidade individual são tipicamente compreendidas como fenômenos diferentes, as relações entre indivíduos e coletividades tendem a ser tratadas como axiomáticas. O contraste mais significativo entre identidade individual e identidade coletiva nesse modelo, pode ser que o primeiro enfatiza a diferença enquanto que o segundo enfatiza a semelhança. No entanto, cada uma delas surge na interação simultânea de semelhança e diferença. Assim, as identidades individuais e coletivas são produzidas e reproduzidas e implicadas umas nas outras.

Nesse sentido, Jenkins (2004) afirma que a identidade deve ser entendida como uma realização prática. As identidades individuais e coletiva podem ser entendidas usando um modelo, da interação entre a dialética de processos e definição interna (autodefinição) e externa (interação). Sendo ambos processos sociais, possuem as suas especificidades, pois quando tratamos de grupos é diferente de quando tratamos de indivíduos. De fato, dizer “nós somos bolsonaristas”, “eles são comunistas” não é a mesma coisa que dizer “Abel é bolsonarista”, “eu

sou comunista”. No primeiro caso são construídas identidades coletivas e, no segundo caso, identidades individuais, identidades que fazem referência a indivíduos.

Nesse sentido, este presente tópico abordará aspectos relacionados a construção individual de identidades, quando os militantes bolsonaristas se constroem como tolerantes e moderados, vítimas da intolerância da esquerda, militantes que são perseguidos por um outro agressivo e autoritário. Ou como indivíduos que se colocam como agentes da mudança, construtores de um futuro glorioso para o país.

Ao iniciar sua fala, Abel começa afastando-se da posição identitária de agressivo e intransigente, “sempre me dei bem com todo mundo independente de política”, “eu sempre evitei brigar por discussões ideológicas”. E apesar de reconhecer a dificuldade de manter-se distante das discussões ideológicas dentro das relações familiares, prega o respeito e coloca que não irá cortar relações com os primos. Essa posição identitária é importante na medida em que se trata de um movimento extremista, logo, se construir como racional e tolerante é importante no debate político e essa ação é feita constantemente não só por Abel, mas por todos eles.

Abel coloca o foco nas dificuldades próprias da inserção em um movimento político. O investimento físico e psicológico dos militantes tem um preço, alto nível de desgaste e estresse. Essa percepção é importante pois na medida em que os sujeitos se comprometem com uma causa, passam a viver para ela e dispor de tempo em prol dos seus objetivos. O estresse e o desgaste são recorrentemente narrados.

No relato de Renata pode-se identificar um número variado de informações relacionadas a sua conversão de uma feminista de esquerda para o bolsonarismo. Obviamente, como coloca Santos (2007), a narração dos acontecimentos do passado é influenciada por sua percepção de mundo no presente, isso influencia suas descrições e a construção do mundo enquanto narra.

Renata começa a narrar os pontos positivos da sua experiência com a direita em contraposição a experiência que teve junto aos grupos de esquerda. Se coloca como uma pessoa verdadeiramente acolhida na direita e contrapõe essa experiência ao autoritarismo dos grupos de esquerda: “a partir do momento em que eu me voltei mais para a igreja, já comecei a ser rejeitada pela esquerda”. Mais uma vez, a construção de uma esquerda intolerante e de uma direita tolerante e afável é formulada. De acordo com Billig (2008), quando argumentamos a favor de algo estamos nos posicionando, invariavelmente, contra o seu oposto. Ou seja, temas e contra temas são elencados na fala dos indivíduos a partir do momento em que argumentam sobre o assunto. Quando a direita é colocada como tolerante e afável a esquerda é construída como seu oposto.

Esse retrato de uma esquerda intolerante ganha tons mais sombrios quando ela relata ameaças que receberia de militantes de esquerda: “você não pode se quer se desviar um pouco da cartilha que essa tolerância já não existe mais e é por isso que hoje a maior parte das ameaças, que são diárias que eu recebo, são de esquerdistas ou de movimento feminista”. Essa construção é recorrente e poderosa no âmbito do político, se contrapor a um adversário autoritário e violento é retoricamente eficaz na busca por convencimento e agrupamento (ver Tenório, 2004).

A militante relata inúmeras consequências negativas decorrentes da militância no bolsonarismo: “eu perdi amizades, pessoas até mesmo de dentro da família me bloquearam, simplesmente por causa do meu posicionamento, inúmeras, inúmeras pessoas mesmo que passa um filme na minha cabeça que eram próximas a mim e hoje sequer me dão um bom dia na faculdade ou passam e pisam no meu pé para não falar comigo, simplesmente porque eu me posicionei”. Ela simplifica sua adesão e a transforma em um posicionamento banal, mas isso não é bem verdade. Quando nos posicionamos favoravelmente a algo ou alguém aderimos suas pautas e estes discursos passam agora a fazer parte da nossa compreensão de mundo. Nesse

sentido, ser um militante de extrema direita é concordar e endossar as pautas defendidas por esse espectro político. O simples posicionamento que ela menciona, não é alheio ao conteúdo ideológico do espectro político que ela faz parte como militante. Nesse sentido, o outro a percebe como alguém que compactua com as afirmações do presidente e de seus aliados.

Por fim, Renata também menciona os aspectos positivos de adentrar no movimento bolsonarista: “eu ganhei muita gente de muitas partes do Brasil, hoje eu tenho quase 15 mil seguidores”. O bolsonarismo é um movimento que tem uma força expressiva na internet. Sua comunidade é engajada em transformar o espaço digital em um espaço de difusão das ideias de direita, criado com isso uma comunidade de militantes que se relacionam em todo o Brasil. Jair Bolsonaro estimula esses canais antes mesmo das eleições presidenciais de 2018, naquele período o então deputado já somava mais de 10 milhões de seguidores (Rebello, Costa & Maia, 2018). Assim, mesmo que aconteça um isolamento físico, como relata Felipa, digitalmente os militantes constroem uma rede de contatos e de cuidado bem significativa, o que amenizaria, de certo modo, o isolamento que eles relatam.

Assim como Renata, Ramirez também narra as consequências negativas de se posicionar e se colocar publicamente como um militante bolsonarista, revela que recebe ameaças e ofensas, e termina por sintetizar essa condição ao afirmar “apoiar Bolsonaro é levar pancada junto com ele”.

Felipa aprofunda essa discussão mencionando a falta de compreensão do “outro lado” de entender a defesa de tais pautas e menciona os ataques se contrapondo a estas ações, “eu não perco meu tempo em nenhuma página de esquerda, indo lá esculhambar dizendo que quero que morra, com violência, coisa que acontece comigo”. Apesar da militante relativizar, em parte, tal agressividade por parte da esquerda ao mencionar a dificuldade própria em expressar-se dentro do ambiente virtual, ela se distancia de qualquer tipo de agressividade perpetrada por ela,

construindo-se como alguém tolerante e moderada, responsabilizando a rede (o meio de comunicação) por passar uma impressão equivocada do que diz.

Entretanto, Felipa também menciona os aspectos positivos de estar engajada em uma militância política, apesar de se ver isolada fisicamente, virtualmente ela angariou um número expressivo de amigos, relato semelhante ao de Renata. Felipa também menciona a satisfação pessoal que recebe ao participar desse movimento e de defender tais pautas. O reconhecimento simbólico se mostra fundamentalmente importante, já que em termos materiais ela não percebe vantagem, “é um gás para você querer continuar, se não, não teria como, porque financeiramente não tem vantagem”.

Por fim, Gabriel também menciona essa satisfação individual e simbólica, para ele o retorno do patriotismo envolvido na campanha de Bolsonaro para presidente é uma das melhores consequências pessoais. Em seu relato o afeto é marcante e demasiado importante para a compreensão desse fenômeno.

O bolsonarismo, se pode concluir, é um movimento multifacetado que incorpora uma série de fatores específicos na sua dinâmica, os sujeitos se relacionam com esse movimento de modo singular, mas estritamente afetivo. Em todos os relatos foi possível identificar a satisfação pessoal e o afeto envolvido nesse processo de militância.

Para Gabriel, por exemplo, a eleição de Bolsonaro foi a vitória do improvável. Ao narrar essa experiência ele a constrói como uma “experiência fantástica” que provocou a mudança na história do país. Gabriel e vários outros militantes sentem-se corresponsáveis por essa mudança de rumos da política nacional.

Para Solano (2019), o bolsonarismo comunica com os afetos, apelando para os afetos negativos como estratégia de manipulação, sejam eles o ódio, a raiva e o ressentimento. Sim,

esses afetos estão presentes nas narrativas postas por esses militantes quando se direcionam a esquerda e aos discursos opostos. Mas, eles não se resumem apenas aos afetos negativos.

Afetos positivos também são mobilizados por parte da militância bolsonarista, o sentimento de pertença e acolhimento e a satisfação pessoal por estar participando de um movimento supostamente transformador são alguns desses afetos que foram identificados nas narrativas aqui analisadas. Não se trata de um movimento movido unicamente por puro ressentimento, embora este seja um traço central do bolsonarismo (Solano, 2019). Há outros afetos envolvidos, afetos menos tristes, e eles, juntamente com o ódio ao inimigo, fortalecem a identidade coletiva.

Nessas narrativas, a identidade desses indivíduos como bolsonaristas teria sido construída em contextos institucionais, como a família, a religião, escola entre outros. Nelas, as redes de mudança associadas a mudanças graduais, em forma de fluxo possibilitam o entendimento detalhado desse grupo político e da gramática própria de sua militância, e dão sentido a afirmação de Cesarino (2019), segundo a qual há uma reorganização no plano político identitário no Brasil.

Santos (2007) afirma que sem compreender as redes de mudança não se pode lançar um olhar cuidadoso sobre aspectos importantes da vida do sujeito que não necessariamente se relacionam com o fluxo de mudança em si, mas que são essenciais para entender o processo de conversão e de identificação coletiva.

Ainda que não exista nenhum tipo de conversão abrupta que marque a inserção do militante no movimento de direita e no bolsonarismo, como mostram os relatos sobre o processo de mudança, é perceptível a intensificação da influência do discurso de direita na vida de alguns desses indivíduos.

Todos os indivíduos entrevistados relatam sua mudança a partir de noções já estabelecidas dentro de uma rede de mudança (família, religião, escola). O bolsonarismo enquanto movimento de militância política possibilitou que esses indivíduos pudessem se inserir na dinâmica política partidária, defendendo aquilo em que acreditam. Além disso, o fluxo de mudança, nas narrativas, parece ter se acelerado após as mobilizações de junho de 2013 (Safatle, 2017; Moraes & Vieira, 2017), que marcam o início do processo de mobilização de diferentes grupos de direita contra os governos petistas.

Nesse sentido, a identificação com o bolsonarismo se apresenta nas narrativas aqui analisadas como a opção óbvia para muitos indivíduos que já tinham nas suas relações sociais o contato com um discurso de caráter conservador e até mesmo reacionário.

O populismo, de acordo com Mazzarella (2019), proporciona um tipo de mediação que produz o efeito paradoxal de ausência de mediação. Cesarino (2019) afirma que isso é bem evidente na relação dos bolsonaristas com o presidente. Ele se apresenta como sempre muito acessível, e uma mensagem no WhatsApp ou até mesmo um tweet pode chegar até ele, viralizar e ser um balizador para o governo.

Para Laclau (2013), tipicamente as lideranças populistas apelam para um "instinto de nivelamento" das pessoas comuns. Isso é feito quando essas lideranças dizem que as elites gozam de benefícios obtidos às custas deles, que foram enganados por elas, e que algo lhes foi retirado de forma injusta e desonesta. Nessa retórica, o líder é colocado ao lado do povo, como alguém simples e honesto. Não por acaso, em muitos momentos de suas narrativas os militantes descrevem uma relação de proximidade com o presidente Jair Bolsonaro que beira a impessoalidade. Os militantes se colocam como próximos à figura do presidente e se exaltam por isso, como se a proximidade do líder com o povo estreitasse os laços afetivos e fosse um convite ao povo para fazer parte do corpo político.

Este estudo aborda os argumentos construídos por militantes do bolsonarismo para justificar sua adesão ao movimento e as mudanças no modo como se definem que teriam ocorrido a partir do processo de adesão ao movimento.

Os militantes de ultradireita utilizam seis tipos de argumentos para justificar a adesão ao bolsonarismo: defesa da liberdade; transparência e simplicidade; combate ao crime e à corrupção; mudança e ruptura; moralidade cristã; patriotismo. Esses argumentos se caracterizam como um conjunto de traços da identidade bolsonarista para esses militantes: defesa da liberdade; transparência e simplicidade; combate ao crime e à corrupção; mudança e ruptura; patriotismo e moralidade cristã. Esses traços diferenciam o bolsonarismo dos outros movimentos que eles posicionam na categoria de inimigos.

A defesa da liberdade aparece de modo recorrente em seus relatos. Num contexto de forte influência liberal no Brasil, os militantes bolsonaristas mencionam regularmente exemplos de liberdade negativa, mas excluem de forma sistemática exemplos dessa liberdade, como por exemplo, a liberdade da mulher para dispor sobre o seu próprio corpo, no caso de um aborto, e a liberdade das pessoas usarem drogas.

A defesa da liberdade nos relatos desses militantes não representa apenas a adesão deles a alguns dos valores do liberalismo compatível com o ultraconservadorismo que defendem, retoricamente também é uma resposta às acusações de que eles seriam autoritários, intransigentes, extremistas. É, nesse caso, uma maneira deles se constituírem como defensores da liberdade contra a tirania estatal dos adversários da esquerda.

Outras categorias como transparência e simplicidade e mudança e ruptura, também são citadas com frequência por parte dos militantes. O que muitos interpretam como grosseria, intransigência e autoritarismo do presidente, é construído pelos militantes como sinal de transparência e autenticidade. Além disso, os militantes entendem que Bolsonaro foi o único

candidato com uma proposta capaz de provocar uma ruptura radical com o modelo político institucional do país.

As categorias, combate ao crime e a corrupção e patriotismo aparecem com menor recorrência nas falas desses militantes. No entanto, não surpreende a presença desse tipo de relato nas falas desses militantes, Bolsonaro fez uso recorrente desses elementos na sua campanha presidencial e parte da sua atuação política está diretamente ligada a essas pautas.

Em sua maioria, os militantes bolsonaristas se autodenominam conservadores, e a categoria moralidade cristã representa bem os argumentos utilizados por eles para aderirem ao pensamento que eles denominam de conservador. Segundo eles, Bolsonaro seria um defensor inquestionável do cristianismo e dos seus valores. Os militantes afirmam que o cristianismo e a moralidade cristã estão sob grave ameaça, o Estado, a esquerda e a mídia aparecem como inimigos implacáveis, perversos e astuciosos, uma construção retoricamente eficaz quando se pretende justificar o ataque a esses grupos.

Ambiguidades e inconsistências presentes nesses argumentos têm relação inequívoca com dilemas ideológicos que estão presentes em grupos sociais mais próximos do centro político. Dilemas como tolerância e preconceito, liberdade e ordem e conservadorismo e revolução, aparecem em seus relatos.

O dilema entre liberdade e ordem se refere à contradição que emerge quando os militantes mencionam o caráter libertário do grupo ao passo em que defendem medidas intervencionistas para proibir práticas que consideram pecaminosas e subversivas, como por exemplo, aborto e uso de drogas.

No que se refere ao conservadorismo e a revolução, os militantes bolsonaristas denominam o bolsonarismo como um movimento conservador, no entanto, eles fazem uso recorrente de termos que remetem a ruptura, ruptura e revolução. Esses termos são

diametralmente opostos a ideologia conservadora, que muitos deles pregam e defendem como principal característica do movimento.

Já o dilema entre preconceito e tolerância aparece em diversos momentos nas falas dos militantes bolsonaristas. Há um preconceito indiscutível em relação aos grupos minoritários, como os homossexuais e os negros, que é acompanhado de uma preocupação em se apresentarem como indivíduos racionais e livres de preconceitos.

Destarte, afirmar que esses militantes mobilizam recursos retóricos de modo a construir o bolsonarismo e a si próprios como tolerantes não é uma tentativa de definir suas intervenções como puras performances, representações falsas de si próprios, que escondem cinicamente suas verdadeiras crenças autoritárias. Não é tão simples assim. Ao definirem a si mesmos como indivíduos tolerantes, esses militantes não deixam de ser afetados por aquilo que formulam. A ação epistemológica de apresentar a si mesmos e ao bolsonarismo como entidades que defendem a tolerância expressa e produz algo de ontológico, diz algo sobre o ser desses sujeitos, sobre o diálogo que eles estabelecem com os valores do Iluminismo, embora a tolerância com a divergência política não faça parte do núcleo fundamental da ideologia bolsonarista.

Os militantes relatam a influência de diversos atores na formação da sua identidade política. A família, os amigos, a religião e a escola são as principais instituições que fornecem as bases para que os militantes possam se identificar, posteriormente, com discurso de ultradireita. Narram como um processo gradual que tem como característica as múltiplas redes de mudança que contribuem para a adesão, dando especial atenção ao fluxo de mudança. A adesão, por sua vez, pode ocorrer como um processo natural de revitalização do interesse político dentro da própria corrente ideológica ou como uma mudança ideológica de um lado do espectro político para outro.

O núcleo familiar aparece em muitos relatos como a principal rede de mudança para os militantes. Eles afirmam que a família foi o principal condutor para *a posteriori* aderirem ao bolsonarismo e a militância de extrema direita. Narram acerca do contexto familiar conservador e religioso que os inseriu desde muito cedo a essa ideologia política que conseqüentemente culminou no bolsonarismo.

Além disso, é difícil separar a influência da família da religião na vida desses atores políticos, ao passo em que relatam acerca da influência familiar na formação dessa identidade, os militantes bolsonaristas também mencionam a sua cosmovisão de mundo que foi moldada pela religião, se configurando como uma importante rede dentro desse processo.

Os amigos e o ambiente acadêmico também aparecem aqui como fundamentais para a mudança subjetiva desses atores na formação de uma identidade coletiva. São redes de mudança importantes nos relatos desses sujeitos quando mencionam o processo de revitalização/fortalecimento da ideologia de ultradireita que defendem.

Por fim, os militantes narram as conseqüências de se tornar um militante bolsonarista. Nesse momento, constroem para si uma identidade individual onde a posição de vítima é formulada a fim de construir os movimentos de esquerda como autoritários e violentos. Destarte, a narração dos militantes apresenta um conjunto de afetos, positivos e negativos, que são mobilizados quando narram e contam sua trajetória de mudança pessoal e de transformação do cenário político.

Estudos futuros mais confrontativos, que explicitem nas entrevistas as contradições presentes nas intervenções discursivas desses militantes permitirão compreender de maneira mais aprofundada a lógica argumentativa e a natureza dos dilemas que caracterizam o universo da ultradireita brasileira. Também se faz necessários estudos futuros em outros contextos que investiguem o processo de identificação dos bolsonaristas com o movimento. Os dados deste

estudo sugerem que além do ódio aos inimigos comuns, outros sentimentos podem estar comprometendo pessoas comuns com a retórica de ultradireita.

- Almeida, M. R. (2018, 26 de outubro). Em entrevista de 1993, Geisel diz que Bolsonaro era mau militar que pedia volta da ditadura. *Folha de São Paulo*. Recuperado de https://aovivo.folha.uol.com.br/2018/10/26/5575-aovivo.shtml#post384164?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=twfolha
- Anderson, P. (2019). O Brasil de Bolsonaro. *Novos Estudos CEBRAP*, 1(38), 215-254. doi: <http://dx.doi.org/10.25091/S01013300201900010012>
- Antaki, C., & Widdicombe, S. (2008). Identity as an achievement and as a tool. In: C. Antaki, & S. Widdicombe (Eds.). *Identities in talk* (pp. 01-14). London: Sage.
- Becker, C. Cesar, C. Steigleder, D. G., & Weber, M. H. (2019). Manifestações e votos ao *impeachment* de Dilma Rousseff na primeira página de jornais brasileiros. In: Solano, E. & Rocha, C. (Orgs.), *As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil* (pp. 247-276). São Paulo, Brasil: Expressão Popular.
- Benwell, B., & Stokoe, E. (2006). *Discourse and identity*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Bilenky, T. (2020). A Viagem do Vagão. *Revista Piauí*. Recuperado de <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/viagem-do-vagao/>
- Billig, M. (1991). *Ideology and Opinions: Studies in Rhetorical Psychology*. London: Sage.
- Billig, M. (2008). *Argumentando e pensando: uma abordagem retórica à psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Billig, M., Condor, S., Edwards, D., Gane, M., Middleton, D., & Radley, A. (1988). *Ideological dilemmas: a social psychology of everyday thinking*. London: Sage.
- Bredow, S. M. S., Lélis, M. T. C., & Cunha, A. M. (2016). O ciclo de alta nos preços das commodities e a economia brasileira: uma análise dos mecanismos externos de

transmissão entre 2002 e 2014. *Economia e Sociedade*, 25(3), 695-731. doi:
<https://doi.org/10.1590/1982-3533.2016v25n3art7>

Brenner, A. K. (2018). Do potencial à ação: o engajamento de jovens em partidos políticos. *Pro-Posições [online]*. v.29, n.1, p.239-266. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0120>

Brugnago, F., & Chaia, V. (2015). A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do facebook. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, 7(21), 99-129.

Burke, E. (1790/1997). *Reflexões sobre a revolução em França*. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília.

Calil, G. (2013). Embates e disputas em torno das Jornadas de Junho. *Projeto História*, (47), 377-403. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/17155/14571>

Castells, M. (2013). *Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar.

Cepêda, V. A. (2018). A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. *Medições* 23(2), 75-122. Recuperado de <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/viewFile/34801/pdf>

Cesarino, L. (2019). Identidade e representação no bolsonarismo: Corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. *Revista De Antropologia*, 62(3), 530-557. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.165232>

Cesarino, L. (2020). Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*, 1(1), 91-120. Recuperado de

<https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Como-vencer-uma-eleic%CC%A7a%CC%83o-sem-sair-de-casa.pdf>

Congresso em Foco. (2018, 13 de outubro). Em discurso, Bolsonaro apoiou grupo de extermínio que cobrava R\$ 50 para matar jovens da periferia. *Congresso em Foco*. Recuperado de <https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/bolsonaro-apoiou-grupo-de-extermínio-que-cobrava-r-50-para-matar-jovens-da-periferia/>

Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo.

Delcourt, L. (2016). Um TeaParty tropical: a ascensão de uma “nova direita” no Brasil. *Lutas Sociais*, 20(36), 126-139.

Dias, A. A. M. (2018). *Observando o ódio: entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane* [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas] Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp. <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/332688>

Dieguez, C. (2016). “Direita, volver”. *Revista Piauí*. Recuperado de <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/direita-volver/>.

Eagleton, T. (1997). *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Editora Boitempo.

Fellet, J. (2016, 15 de dezembro). Olavo de Carvalho, o 'parteiro' da nova direita que diz ter dado à luz flores e lacraias. *BBC*. Recuperado de <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897>

Finchelstein, F. (2020) O líder fascista como encarnação da verdade. *Serrote*, número especial, 36-45.

- Gaspar, M. (2018). O Fiador. *Revista Piauí*. Recuperado de <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-fiador/>
- Giacaglia, M. (2014). Universalismo e particularismo: emancipação e democracia na teoria do discurso. In: Mendonça, D. Rodrigues, L. P. (Orgs.). *Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau* (pp. 93-108). Porto Alegre: ediPUCRS.
- Gill, R. (2002). Análise de discurso. In: M. W. Bauer, & G. Garskell (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som* (pp. 244-269). Rio de Janeiro: Vozes.
- Haslam, S. A., Oakes, P. J., Turner, J. C., McGarty, C. & Reynolds, K. J. (1998). The group as a basis for emergent stereotype consensus. *European Review of Social Psychology*, 9, 203-239.
- Hayek, F. A. (1983). *Os fundamentos da liberdade*. São Paulo: Editora Visão Ltda.
- Hoppe, H. (2014). *Democracia - o Deus que falhou: A economia e a política da monarquia, da democracia e da ordem natural*. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil.
- Jenkins, R. (2004). *Social Identity*. London: Routledge.
- Kramer, R. M., Brewer, M. B., Hanna, B. A. (1996). Collective trust and collective action: the decision to trust as a social decision. In: Kramer, R. M., Tyler, T. R. (Eds.). *Trust in Organizations: Frontiers of Theory and Research* (pp. 357-389). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Laclau, E. (2013). *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas
- Laclau, E., & Mouffe, C. (2015). *Hegemonia e Estratégia Socialista: Por uma política democrática radical*. São Paulo: Intermeios.

- Lessa, R. (2020). Homo Bolsonarus: de como nasceu e se criou o confuso e perigoso animal artificial que encarna momentos arcaicos da sociabilidade brasileira. *Serrote*, número especial, 46-67.
- Levine, M., Prosser, A., Evans, D., & Reicher, S. (2005). Identity and Emergency Intervention: How Social Group Membership and Inclusiveness of Group Boundaries Shapes Helping Behavior. *Personality and Social Psychology Bulletin*, (31), 4, 443-453.
- Löwy, M. (2020). Extrema direita e neofascismo: um fenômeno planetário: o caso Bolsonaro. In: Faria, F. G., & Marques, M. L. B. (Orgs.), *Giros à direita: análises e perspectivas sobre o campo líbero-conservador* (pp. 13-19). Ceará, Brasil: Sertão Cult.
- Macedo, E. (2017). As demandas conservadoras do movimento escola sem partido e a base nacional curricular comum. *Educação & Sociedade*, 38(139), 507-524. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/es0101-73302017177445>
- Madeira, R. M., & Tarouco, G. S. (2011). Esquerda e direita no Brasil: uma análise conceitual. *Revista Pós Ciências Sociais*, 8(15), 171-185. Recuperado de <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/591/2744>
- Malini, F. Ciarelli, P., & Medeiros, J. (2019). O sentimento político em redes sociais: *big data*, algoritmos e as emoções nos tuítes sobre o impeachment de Dilma Rousseff. In: Solano, E., & Rocha, C. (Orgs.), *As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil* (pp. 217-246). São Paulo, Brasil: Expressão Popular.
- Mazzarella, W. (2019). The anthropology of populism: beyond the liberal settlement? *Annual Review of Anthropology*, 48, 45-60.
- Medeiros, C. R. O., & Silveira, R. A. (2017). A Petrobrás nas teias da corrupção: mecanismos discursivos da mídia brasileira na cobertura da Operação Lava-Jato. *Revista de*

Contabilidade e Organizações, 11(31), 11-20. doi:
<http://dx.doi.org/10.11606/rco.v11i31.134817>

Merquior, J. G. (1991). *O Liberalismo: Antigo e Moderno*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

Messenberg, D. (2019). A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes da direita brasileira. In: Solano, E., & Rocha, C. (Orgs.), *As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil* (pp. 175-216). São Paulo, Brasil: Expressão Popular.

Mill, J. S. (1859/2011). *Sobre a liberdade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Saraiva de Bolso.

Moraes, I., & Vieira, F. (2017). As Jornadas de junho de 2013 no Brasil: anarquismo e tática Black Blocs. *Século XXI: Revista de Ciências Sociais*, 7(2), 165-198. doi:<https://doi.org/10.5902/2236672531913>

Motta, R. P. S. (2000). *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo] Biblioteca Digital de Produção Intelectual da Universidade de São Paulo. <https://repositorio.usp.br/item/001104535>

Motta, R. P. S. (2016). Os expurgos de 1964 e o discurso anticorrupção na caricatura da grande imprensa. *Revista Tempo e Argumento*, 8(18), 9- 39. Recuperado de <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180308182016009/0>

Oliveira Filho, P. (2013). A Psicologia Social Discursiva. In: Camino, L., Torres, A. R. R., Lima, M. E. O. & Pereira, M. E. (Orgs.). *Psicologia Social: Temas e Teorias* (pp. 465-509). Brasília: Technopolitik.

- Oliveira, M., & Santos, D. (2013, 14 de agosto). STF abre inquérito para apurar se Bolsonaro foi racista com Preta Gil. *GI– O portal de notícias da Globo*. Recuperado de <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/08/stf-abre-inquerito-para-apurar-se-bolsonaro-foi-racista-com-preta-gil.html>
- Oliveira, R. P. (2018). A debacle da nova república brasileira: da desilusão ao encerramento de um ciclo democrático. *Espirales*, 2 (3), 25-42. Recuperado de <https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/view/1426/1483/>
- Perelman, C. & Olbrechts-Tyteca, L. (2005). *Tratado da argumentação: a Nova Retórica*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Pinto, C. R. J. (2019). A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). In: Solano, E., & Rocha, C. (Orgs.), *As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil* (pp.15-54). São Paulo, Brasil: Expressão Popular.
- Pinto, L. C. (2019). Bolsonaro e os Quartéis: A loucura com método [Texto para Discussão No 006]. *Instituto de Economia da UFRJ*, Rio de Janeiro, RJ. Recuperado de https://www.ie.ufrj.br/images/IE/TDS/2019/TD_IE_006_2019_PINTO.pdf
- Pomerantz, A. (1986). Extreme Case formulations: A way of legitimizing claims. *Human Studies*, 9, 219-229
- Popper, K. R. (1974). *A sociedade aberta e seus inimigos*. Sao Paulo: Editora da Universidade de Sao Paulo.
- Potter, J. (1998). *La representación de la realidad: Discurso, retórica y construcción social*. Buenos Aires: Paidós.

- Potter, J. (2012). Discursive psychology and discourse analysis. In: Gee, J. P. & Handford, M. (Eds.), *The Routledge Handbook of Discourse Analysis* (pp. 104-119). New York: Routledge.
- Potter, J., Wetherell, M. (1987). *Discourse and social psychology: Beyond attitudes and behaviour*. London: Sage.
- Potter, J., Wetherell, M., Gill, R. & Edwards, D. (1990). Discourse: noun, verb or social practice? *Philosophical Psychology*, 3(2), 205-217.
- Quadros, M. P. R., & Madeira, R. M. (2018). Fim da direita envergonhada? Atuação da bancada evangélica e da bancada da bala e os caminhos da representação do conservadorismo no Brasil. *Opinião Pública*, 24(3), 486-522. <https://doi.org/10.1590/1807-01912018243486>
- Rambo, L. R. (1993). *Understanding religious conversion*. New Haven: Yale University Press.
- Rebello, A., Costa, F., & Maia, G. (2018, 28 de outubro). Abaixo o sistema: Como a soma de crise econômica, casos de corrupção e antipetismo criou onda surfada por Bolsonaro. *Uol*. Recuperado de <https://www.uol/eleicoes/especiais/como-a-soma-de-crise-economica-casos-de-corrupcao-e-antipetismo-criou-onda-surfada-por-bolsonaro.htm#tematico-1>
- Reicher, S., & Hopkins, N. (2001). *Self and Nation*. London: Sage.
- Reis, D. A. (2020). Notas para a compreensão do bolsonarismo. *Estudos Ibero-Americanos*, 46(1), 1-11. Recuperado de
- Rocha, C. (2019). “Imposto é roubo!” A formação de um contrapúblico ultraliberal e os protestos pró-*impeachment* de Dilma Rousseff. In: Solano, E., & Rocha, C. (Orgs.), *As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil* (pp. 123-174). São Paulo, Brasil: Expressão Popular.
- Rothbard, M. N. (2010). *A Ética da Liberdade*. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil.

- Safatle, V. (2017). *Só mais um esforço*. São Paulo, Brasil: Três Estrelas.
- Santana, M. A. (2008). Ditadura Militar e resistência operária: O movimento sindical brasileiro do golpe à transição democrática. *Política & Sociedade* 7(13), 279-309. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2008v7n13p279/8605>
- Santos, F., & Tanscheit, T. (2019). Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil. *Colômbia Internacional* (99), 151-186. doi: <https://doi.org/10.7440/colombiaint99.2019.06>
- Santos, W. S. (2009). Compreendendo a sutil co-construção da identidade social em uma narrativa de conversão religiosa. *SINAIS – Revista de Ciências Sociais* (05), v.1, 45-64. Recuperado de <https://periodicos.ufes.br/sinais/article/view/2735>
- Santos, W. S. (2007). *O longo Caminho até Damasco: rede de mudança e fluxo de mudança em narrativas de conversão religiosa*. [Tese de Doutorado, Programa de pós-graduação em letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro]. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=10681@1>
- Silverinha, M. J. (2018). Bolhas de verdade: cinco alfinetes para (re)construir a democracia. *Estudos em Comunicação*, 26 (2), 35-45.
- Skidmore, T. (1989). *Brasil: de Castelo a Tancredo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Skidmore, T. (2010). *Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-64)*. São Paulo: Editora Schwarcz.
- Solano, E. (2019). La Bolsonarización de Brasil. *Documentos de Trabajo IELAT*, 121, 01-41.

- Solano, E., & Ortellado, P. (2016). Nova direita nas ruas? uma análise do descompasso entre manifestantes e os convocantes dos protestos antigoverno de 2015. *Perseu*, 11(7), 169-180.
- Solano, E., & Rocha, C. (2020). Bolsonarismo em Crise?. *Friedrich-Ebert-Stiftung*, 1-19
Recuperado de https://www.fes-brasil.org/fileadmin/user_upload/Bolsonarismo_em_Crise_-_Camila_rocha_e_Esther_Solano.pdf
- Solano, E., Ortellado, P., & Ribeiro, M. M. (2019). 2016: o ano da polarização? In: Solano, E., & Rocha, C. (Orgs.), *As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil* (pp. 91-122). São Paulo, Brasil: Expressão Popular.
- Sousa, R. S., Oliveira Filho, P., Araújo, J. B., Vieira, D. V. M. (no prelo). A Direita em Narrativas de seus Militantes em uma Universidade Pública Brasileira. *Psicologia: Ciência e Profissão*.
- Souza, E., C. (2006). A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. *Revista Educação em Questão*, Natal, (25)11, 22-39.
- Souza, J. (2017). *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro, Brasil: Leya.
- Stokoe, E. (2015). Identifying and responding to possible *-isms* in institutional encounters: alignment, impartiality and the implications for communication training. *Journal of Language and Social Psychology*, 34(4), 427-445. Recuperado de <https://journals.sagepub.com/home/jls> <http://dx.doi.org/10.1177/0261927X15586572>
- Szklarz, E. (2010). A ascensão do Brasil: os dois lados da realidade. *Nueva Sociedad Especial em Português*, 4-21. Recuperado de <https://docplayer.com.br/7245759-A-ascensao-do-brasil-os-dois-lados-da-realidade.html>

- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1986) The Social Identity Theory of Intergroup Behavior. *Political Psychology*, 276-298.
- Telles, H. (2019). Corrupção, legitimidade democrática e protestos: o *boom* da direita na política nacional? In: Solano, E., & Rocha, C. (Orgs.), *As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil* (pp. 55-90). São Paulo, Brasil: Expressão Popular.
- Tenório, E. H. (2004) The Discourse of Good and Evil. In: D.E. Keen, & P.R. Keen (Eds). *Considering Evil and Human Wickedness* (pp. 17-32). Oxford, United Kingdom: Interdisciplinary press.
- Tyler, T. R., & Blader, S. (2000). *Co-operation in groups: Procedural justice, social identity and behavioral engagement*. Philadelphia, PA: Psychology Press.
- van Dijk, T. A. (1987). *Communicating racism: ethnic prejudice in thought and talk*. London: Sage.
- Vechi, F. (2019). As Consequências da atuação do Magistrado Sérgio Moro no caso da divulgação das interceptações telefônicas em março de 2016. *Revista Transgressões*, 7(1), 152-169. <https://doi.org/10.21680/2318-0277.2019v7n1ID18009>
- Veja (2017, 15 de maio). O artigo em VEJA e a prisão de Bolsonaro nos anos 1980. *Veja*. Recuperado de <https://veja.abril.com.br/blog/reveja/o-artigo-em-veja-e-a-prisao-de-bolsonaro-nos-anos-1980/>
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220.
- Wetherell, M. (2008). Subjectivity or psychodiscursive practices? Investigating complex intersectional identities. *Subjectivity*, 22, 73–81.

- Wetherell, M. (2012). *Affect and Emotion: A New Social Science Understanding*. London: Sage.
- Wetherell, M., & N. Edley (1999). 'Negotiating Hegemonic Masculinity: Imaginary Positions and Psycho-Discursive Practices'. *Feminism & Psychology*, 9(3), 335-356.
- Wetherell, M., & Potter, J. (1988). Discourse Analysis and the Identification of Interpretative Repertoires. In: Antaki, C. (Ed.). *Analysing Everyday Explanation* (pp. 168-183). London: Sage.
- Wetherell, M., & Potter, J. (1992). *Mapping the language of racism: discourse and the legitimation of exploitation*. Hemel Hempstead: Harvester Wheat Sheaf.
- Whitehead, K. A. (2015). Everyday antiracism in action: preference organization in responses to racism. *Journal of Language and Social Psychology*, 34, 373-388. Recuperado de

Apêndice A- Questionário Sociodemográfico

Sexo: () Masculino () Feminino

Religião:

() Católica

Orientação sexual:

() Evangélica

() Heterossexual () Bissexual

() Espírita

() Homossexual () Outra: _____

() Matriz Africana

() Outra: _____

Idade: _____ anos

Profissão/Ocupação: _____

Estado civil:

Raça/Cor:

() Solteiro(a)

() Branca

() Em uma união estável

() Negra

() Divorciado(a)

() Parda

() Casado(a)

() Indígena

() Viúvo(a)

() Outra: _____

() Outro: _____

Renda Familiar Mensal:

- Menos de 01 Salário Mínimo
- 01 Salário Mínimo
- 01 a 02 Salários Mínimos
- 02 a 03 Salários Mínimos
- 04 ou 05 Salários Mínimos
- 06 ou 07 Salários Mínimos
- 07 ou 08 Salários Mínimos
- 09 ou 10 Salários Mínimos
- Mais de 10 Salários Mínimos

Escolaridade:

- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Outro: _____

Apêndice B – Questão Disparadora

Como foi para você o processo de adesão ao movimento bolsonarista e como está sendo a sua experiência dentro desse movimento?

Apêndice C – Termo de Consentimento

Prezado (a) participante,

Este estudo tem por objetivo conhecer o discurso dos apoiadores e militantes do presidente Jair Bolsonaro, está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (PPGPS-CCHLA), da Universidade Federal da Paraíba, tendo como responsável Renan Silva de Sousa (Mestrando), sob orientação do Prof. Dr. Leoncio Camino Rodriguez Larrain.

Este projeto de pesquisa está identificado no Comitê de Ética em Pesquisa/CCS/UFPB por meio do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de nº (28126719.8.0000.5188) e recebeu parecer favorável do referido Comitê para a sua execução.

Dessa forma, gostaríamos de contar com sua colaboração respondendo a esta pesquisa, a qual segue as diretrizes propostas pela Resolução CNS 466/2012, que fundamenta a ética nos estudos com seres humanos. É garantido o sigilo absoluto das informações prestadas, a confidencialidade e o seu anonimato. Sua participação, que desde já agradecemos, é voluntária, e pode ser interrompida quando quiser, sem nenhuma consequência pessoal.

Necessitamos do seu consentimento para participar da pesquisa. Caso esteja de acordo, dê o seu consentimento aceitando participar no espaço reservado abaixo, clique em "Concordo e aceito participar". Caso não conceda a sua participação, gentileza desconsiderar todo procedimento, clicando em "Discordo, não aceito participar".

Caso surja qualquer desconforto ou constrangimento emergido durante a sua participação, nos colocamos à inteira disposição para qualquer esclarecimento relacionado a pesquisa. Quaisquer dúvidas ou questões adicionais sobre o estudo podem ser enviadas para: tfcrenansilva@gmail.com.

Consentimento

Diante do exposto, concordo em participar do estudo. Tenho conhecimento de que este estudo não implica nenhuma obrigatoriedade e tenho como garantia o sigilo e o anonimato, com a possibilidade de desistência em respondê-lo a qualquer momento. Autorizo, assim, que os dados decorrentes de minha participação possam ser utilizados, total ou parcialmente, na construção do trabalho de dissertação de Renan Silva de Sousa como também em eventuais publicações e/ou eventos científicos.